

# DIVULGAÇÃO MARXISTA

## SUMÁRIO

<i>Calvino</i> — Os imperialistas pretendem uma nova guerra	1
<i>Fedórov</i> — A religião e a igreja na URSS	9
<i>Abguar Bastos</i> — Educação, saúde e alimentação	25
O que dizem nossos jornais	35
Questões de economia política	37
Perguntas e respostas	43
<i>Angrand</i> — A filosofia ao alcance de todos	45
Ignorância e reacionarismo	50
<i>J. Mangabeira</i> — Que é democracia?	53
<i>Lénin</i> — Socialismo pequeno burguês e socialismo proletário	61
A imprensa sadia foi sempre assim	68
Os falsos amigos do povo	69
Sobre a educação da mocidade soviética	71
Estratégia da fome	81
O que está certo e o que está errado	83
<i>Malon</i> — Moral judaica	85
<i>Stálin</i> — Exposição do problema nacional	91
<i>Hook</i> — Para compreender e interpretar Marx	97
Ditadura do proletariado	101
O que dizem nossos parlamentares	113
Pequeno Dicionário Marxista	117

ANO I

1 DEZEMBRO 1946

N.º 11

Número da quinzena, Cr\$ 5,00

Número atrasado, Cr\$ 8,00

**DIVULGAÇÃO MARXISTA**  
Publicação quinzenal  
Sai aos dias 1 e 15 de cada mês

Direção de  
*Calvino Filho*

*S. O. Hersen*  
Redação e Administração  
Av. 28 de Setembro, 174  
Rio de Janeiro — Brasil

Número em circulação .. Cr\$ 5,00  
Número atrasado ..... Cr\$ 8,00

**ASSINATURAS**

*Para o Brasil:*

Anual (24 número)... Cr\$ 100,00  
Semestral (12 números) Cr\$ 50,00

*Para o Exterior:*

Anual — 5 dólares americanos.

As assinaturas começam da data em que são tomadas e cada número da revista é remetido sob registro. Os pedidos devem ser dirigidos à  
**EDITORIAL CALVINO LIMITADA**  
Av. 28 de Setembro, 174  
Rio de Janeiro

Foi publicado no 10.º número de *Divulgação Marxista*:

A **LEGISLAÇÃO SOCIAL NA URSS**: I — A Constituição da URSS e os princípios da legislação social soviética; II — A competência da legislação social; III — Como se garante a mão de obra na economia nacional e formas legais para conseguí-lo; IV — Início, mudança e cessação das relações de trabalho; V — A jornada de trabalho e o descanso. Férias; VI — O salário. Tabelas

de salários. Sistemas de salários. Normas de trabalho e de avaliação. Retribuição do trabalho pelo tempo nele empregado. Sistema de prêmios. Garantia de um salário mínimo. Métodos de regulamentação do salário; VII — O abastecimento dos operários; VIII — Proteção do trabalho; IX — O trabalho das mulheres e dos menores; X — A disciplina no trabalho; XI — Dissídios de trabalho; XII — O seguro social a cargo do Estado; — XIII — Regulamentação do trabalho nos kolkozos; XIV — Regulamentação do trabalho nas cooperativas de produção e de inválidos — *A mulher na União Soviética.*

**AJUDE-NOS A DIFUNDIR  
DIVULGAÇÃO MARXISTA**

Pedimos aos leitores do interior nos enviem nomes e endereços completos de amigos ou simples conhecidos, que se interessem ou sejam capazes de se interessar pelo estudo do marxismo.

**DESCONTO DE 20 %**

A quantos comprarem de uma só vez e de um só número desta revista um mínimo de 5 exemplares, em nossa redação, abonaremos o desconto de 20%. Os leitores do interior que desejarem gozar do desconto acima, bastarão fazer seus pedidos pelo Serviço de Reembolso Postal, pratico e eficiente.

**LEIA DIVULGAÇÃO MARXISTA  
DE GRÇA**

Faça com que 10 pessoas das suas relações, por ser intermedio, assinem esta revista e conquiste, como premio, uma assinatura gratuita.

# DIVULGAÇÃO MARXISTA

Ano I

Diretores: *Calvino Filho* e *S. O. Hersen*

N.º 11

## OS IMPERIALISTAS PRETENDEM UMA NOVA GUERRA

Afirmam os reacionários e fascistas nacionais, estulta, cínica e mentirosamente, que o Partido Comunista do Brasil é o responsável pela fome que se alastra pelo país e que está preparando intensamente a revolução comunista. Desta estulticie fazem-se éco muitos democratas desavizados, sem se darem conta de que assim estão servindo aos objetivos dos reacionários e fascistas, que mais não visam que retomar, tão depressa quão possível, as poucas liberdades conquistadas pelo nosso povo, com a vitória das Nações Unidas.

Recrudescer é mais vulto toma essa campanha contra o P.C.B., tôda vez que o imperialismo anglo-americano se opõe ameaçadoramente à política de libertação nacional do Poder Soviético.

Quais as razões que levam os imperialistas, ajudados pelas forças reacionárias e fascistas a agirem como estão agindo, aqui e no exterior?

Os imperialistas, no quadro mundial, que mostram, claramente, a quem tem olhos para ver?

## OS IMPERIALISTAS ESTÃO DESCONTENTES

Mostram estar profundamente descontentes por dois motivos:

1.º — Ao contrário de todos os seus desejos, não conseguiram vencer Hitler a que, unido a eles, fizesse a guerra contra a URSS, por meio da qual, acreditavam, teriam hoje a sexta parte do mundo, com 200 milhões de habitantes, como prêsas de guerra; pelo contrário, encontram na URSS atual, fortalecida pela guerra, um formidável obstáculo,

Divulgação Marxista, n.º 11 — Rio, 1-12-46

— 1

*Danando Daning*  
11/02/11



que não aceita acordos para a escravização dos povos, mas, pelo contrário, luta pela libertação desses povos. Não é parceiro, pois, com o qual se possa jogar durante certo tempo, para liquidá-lo, finalmente, por bem ou por mal.

2.º — O Estado Socialista, que eliminou a exploração do homem pelo homem, que acabou com o lucro capitalista e valoriza o ser humano como jamais foi valorizado à face da terra, é um exemplo permanente, sugestivo e convincente para todos os povos da terra desejarem imitá-lo, abolindo também a propriedade privada dos meios de produção, o regime capitalista.

*“Hoje, já não se pode considerar as massas trabalhadoras como uma ‘tropa cega’, que vagueia nas nuvens e não tem horizontes, pois a Revolução de Outubro já acendeu o farol que lhes ilumina o caminho e lhes assinala as perspectivas. Se antigamente não havia uma ampla tribuna ‘universal’, onde se pudessem manifestar e tomar forma os anseios e aspirações das classes oprimidas, hoje este tribunal existe e é a primeira ditadura do proletariado. Pode-se duvidar de que a destruição desta tribuna acarretaria, por muito tempo, na vida político-social dos ‘países adiantados’, o seu envolvimento nas sombras de uma negra reação? Não se pode negar que o simples facto da existência do ‘Estado bolchevique’ coíbe as forças negras da reação e facilita às classes oprimidas a luta pela sua libertação. E é precisamente isso que explica o ódio bestial que os exploradores de todos os países sentem contra os bolcheviques. A história repete-se, embora sobre novas bases. Da mesma forma que antigamente, na época da destruição do ‘feudalismo’, quando a palavra ‘jacobino’ provocava nos aristocratas de todos os países um sentimento de horror e repugnância, hoje, na época da destruição do ‘capitalismo’, a palavra ‘bolchevique’ provoca também um sentimento de horror e repugnância nos países burgueses. E, assim como antigamente o asilo e a escola dos representantes revolucionários da ‘burguesia’ ascendente era Paris, hoje, inversamente, o asilo e a escola dos representantes revolucionários do ‘proletariado’ ascendente é Moscou. O ódio contra os jacobinos não salvou o feudalismo da destruição. E pode-se, acaso, acreditar que o ódio contra os bolcheviques salvará o capitalismo de seu esmagamento inevitável?”*

A era da “estabilidade” do capitalismo “passou”, arrastando consigo a lenda da imutabilidade da ordem burguesa.

“Começou” a era da derrocada do capitalismo.” (Stálin — O caráter internacional da Revolução de Outubro — in “Divulgação Marxista”, n. 4, de 15-8-946.)

Convenhamos que são dois motivos da máxima importância para os imperialistas estarem descontentes, apreensivos e desejarem ardentemente mudar o estado atual do mundo.

#### COMO DAR MARCHA A RÉ NO MUNDO ?

E como pensam fazê-lo?

Destruindo o único país socialista do mundo, farol que ilumina e orienta as classes oprimidas de todo o mundo para a sua libertação, e

para tanto pretendem derrotar e aniquilar a URSS, através de uma guerra; restaurar o regime burguês sobre os escombros do socialismo e transformar os povos soviéticos em seus escravos, tais como são os demais.

*“Precisamos lembrar-nos de que o capitalismo monopolista é capaz de gerar os novos agressores e que os círculos imperialistas projetam novos planos de agressão”*, diz realisticamente o artigo de fundo de *Bolchevique*, n. 10, de maio do corrente ano.

E cuidadosa e carinhosamente o imperialismo está “gerando” a nova guerra, que só a ele aproveita, porque os povos só ganham dor, fome e morte, conforme testemunha a História.

Assim, todos os meios de convicção para justificar a guerra são mobilizados: o jornal, o rádio, o livro e os agentes provocadores, caluniadores e intrigantes.

#### A URSS DESEJA A GUERRA ?

Ainda há pouco, em 20-9-946, o *Diário de Notícias* publicou uma correspondência da A. P., de Eddy Gilmore, chefe do Bureau da *Associated Press*, em Moscou, em que descreve uma entrevista que tivera com Wallace, da qual transcrevemos os esclarecedores trechos seguintes:

“Aparentemente muito perturbado com o estado das relações soviético-americanas, Wallace me perguntou se, depois de cinco anos na URSS, eu acreditava que os Soviets desejavam a guerra. “Não” — respondi, — “Estou certo de que nem os líderes soviéticos nem o povo desejam a guerra, nem estão preparados para a guerra agora.”

“Wallace frequentemente exprimiu a convicção de que os Estados Unidos e a União Soviética devem marchar juntos; disse que também estava convencido de que a União Soviética não deseja a guerra, mas não estava convencido de que *alguns americanos*, em altos postos, partissem desse ponto de vista; disse que há gente em Washington que acredita que a guerra entre a URSS e os Estados Unidos tenha de se produzir e que, por esse motivo, poderíamos fazê-la agora, especialmente enquanto os Estados Unidos têm a bomba atômica; mostrou-se inquieto, temendo que essas pessoas ou os seus atos pudessem precipitar dificuldades.”

Quem são esses *alguns americanos*? Certamente não são os milhões de trabalhadores assalariados. Estes só têm a perder com as guerras. Já o mesmo não acontece com os super-capitalistas, monopolistas, que realizam grandes negócios, com as guerras, longe de toda a tragédia, luxuosamente instalados e com toda segurança.

E esses super-capitalistas, imperialistas, estão convencidos de que a presença, da URSS, em rápida ascensão e desenvolvimento, lhes tira as perspectivas risonhas de novos e rendosos negócios.

Somente por isso, querem a guerra o mais rápido possível, e promovem-na.

Os que não estão cegos e surdos pela propaganda imperialista, diariamente, percebem que a propaganda vai num crescendo de intensidade, atordoante.

Esquematzemos a mistificadora campanha de publicidade para a guerra:

## NO CENÁRIO MUNDIAL

Procuram convencer os povos pacíficos e desavisados, que nada têm a lucrar com a guerra, pelo contrário, de que a URSS é uma potência imperialista, que deseja impor ao mundo a sua soberania, com o esmagamento e escravização de todas as nacionalidades, apenas porque a URSS reclama garantias contra a possibilidade de lhe imporem a guerra.

Embora desmascarados a cada passo, voltam a repetir as mesmas infâmias. Curioso é que a URSS, até hoje, não anexou território algum de outros povos, pelo contrário, permitiu até à Finlândia separar-se da sua Federação. Enquanto isso, a verdade por todos sabida é que a longa história da Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, Japão, etc., tem sido uma história de escravização de povos e de anexações.

Outro tema, embora profundamente desmoralizado, mas sempre renovado, é o do perigo comunista!

Como se o comunismo fôsse um perigo para o mundo dos trabalhadores. E' o de facto para o mundo capitalista, por que varrerá o capitalismo da face da terra inelutavelmente, por força da evolução da sociedade humana, mas nunca para os trabalhadores de qualquer espécie, que nada têm a perder com a transformação inevitável da sociedade. Marx já o dissera no *Manifesto Comunista*: "Os proletários nada têm a perder além das correntes que os aprisionam. E têm um mundo a ganhar!"

Por acaso, desejaria a URSS a guerra para impor o socialismo ao mundo? Não. Absolutamente, não. Desconhecem os imperialistas que a URSS está realizando o socialismo científico de Marx e Engels. Não sabem que Engels, já em 1882, em carta a Kautski, afirmava que "o proletariado vitorioso não pode impor qualquer espécie de felicidade a um outro povo sem arruinar com isso a sua própria vitória". E que Lênin completara o pensamento de Engels, proclamando enfaticamente: "a revolução económica (desenvolvimento económico) estimulará todos os povos a se orientarem para o socialismo" (*Marx, Engels e Marxismo*, pág. 378 — Edit. Calvino Limitada).

Logo, à URSS não interessa a guerra, seja a que título fôr.

Para que os nossos leitores possam comprovar quanta infâmia encerra a acusação à URSS de que é imperialista, no próximo número publicaremos, sob o título — *É a URSS uma potência imperialista?* — um resumo da orientação política e económica do Partido Comunista (b) da URSS, não só no cenário mundial como em face dos numerosos povos que, sob o tsarismo, no antigo império russo, mais não eram que colónias e semi-colónias, dispostas na periferia da Grande-Rússia.

No interior de cada país, principalmente nos semi-coloniais, como o Brasil, os imperialistas e fascistas, através de intensa propaganda, procuram convencer o povo em geral de que toda a desorganização administrativa, toda a fome e miséria em que ele se debate, cada vez mais angustiosamente, é provocada pelos comunistas, para criarem o clima revolucionário, que lhes permitirá derrubarem o Governo e instalarem um Governo comunista. Em sua propaganda, dado o atrazo intelectual do povo, usam dos recursos mais ridículos e grosseiros, apresentando os comunistas como bandidos, devassos, imorais, inimigos de Deus e da Pátria. Pretendem, assim, criar as condições psicológicas que levem o povo a distrair-se das causas reais da desorganização administrativa, que acarreta a fome e a miséria, ao mesmo tempo despertando nela o ódio contra os comunistas nacionais e, por consequência de sua lógica interna, contra a URSS, o único Estado Socialista do mundo, que é apresentada como a inspiradora de todos os comunistas do mundo.

Teoricamente, a campanha é perfeita. Deveria criar o clima mundial para que os imperialistas pudessem, nacionalmente, escravizar seus povos, e, internacionalmente, lançá-los contra a URSS.

Na prática, entretanto, as coisas passam-se de forma diferente, mais ou menos acentuadamente, pois as massas já estão esclarecidas o bastante para os imperialistas não poderem transformar em realidade os seus desejos.

## MAS A GUERRA NÃO VIRA'

A despeito de todos os esforços do capital monopolista e dos círculos imperialistas, a guerra não virá, não só porque a ela se opõem as massas conscientes de todo o mundo, como os imperialistas não dispõem de meios para tornar realidade o que apenas desejam, o que não passa de mera possibilidade.

Ainda há pouco, em 24-9-46, Stálin, respondendo a um questionário apresentado pelo jornalista inglês Alexander Werth, correspondente do *Sunday Times*, em Moscou, colocou a questão da guerra nos seus devidos termos. Transcrevemos alguns trechos:

WERTH — "Acredita que a Inglaterra e os Estados Unidos estão criando conscientemente um cerco capitalista em torno da União Soviética?"

STÁLIN — "Não acredito que os círculos dirigentes da Inglaterra e dos Estados Unidos possam criar um cerco capitalista em torno da União Soviética, ainda que o desejassem, o que, no entanto, não posso afirmar."

WERTH — "Acredita que o virtual monopólio da bomba atômica pelos Estados Unidos constitue uma das principais ameaças à paz?"

STÁLIN — "Não acredito que a bomba atômica seja uma força tão ameaçadora como certos políticos estão inclinados a acreditar. As



bombas atômicas servem para intimidar os de nervos fracos, mas não podem decidir o desfêcho de uma guerra, pois não são suficientes de modo algum para êste fim. Certamente, a posse monopolista do segrêdo da bomba cria uma ameaça, mas existem pelo menos dois remédios contra isto: a) a posse monopolista da bomba atômica não pode durar muito tempo; b) a aplicação da bomba atômica será proibida."

WERTH — "Acredita V. Excia. que exista um real perigo de guerra, na qual tanto se fala atualmente em todo o mundo? Quais as medidas a tomar para evitar a guerra, se existe êsse perigo?"

STÁLIN — "Não acredito que exista perigo real de uma nova guerra. Fala-se numa nova guerra presentemente entre os "exploradores" políticos e militares, havendo apenas alguns partidários entre os civis. Êsses elementos fazem todo êsse barulho para, pelo menos: a) amedrontarem com o espectro da guerra certos políticos ingênuos entre os seus contra-agentes, auxiliando assim os seus governos a arrancarem mais concessões dos adversários; b) tornar difícil por algum tempo reduzir os orçamentos militares de seus países; c) pôr um freio à desmobilização das tropas e, dessa forma, evitar o aumento rápido do desemprego em seus países." (*Diário de Notícias*, de 25-9-946.)

Ensenhower, por sua vez, pronunciou, no dia 15 de março do corrente ano, as seguintes palavras:

"O nosso povo não quer uma guerra que não poderá ter outro fim que não seja a destruição da maior parte do mundo. Com a bomba atômica ou não, a guerra ainda significa o encontro entre dois exércitos... Já vimos o que sucedeu aos dois maiores exércitos que o mundo conheceu... Se tratássemos de conquistar a Rússia, seria impossível dizer quando poríamos o pé no seu solo. Mas, uma vez que o fizéssemos, duros anos de luta na Sibéria nos esperaríamos. NADA GANHARIAMOS NO COMEÇO E NADA FICARIA PARA O FINAL..."

Essa a única razão porque não haverá guerra contra a URSS!

#### ESQUECIMENTOS FATAIS DOS IMPERIALISTAS E FASCISTAS

Se é facilmente verificável quanto atrás foi afirmado, então, por que se encham os jornais de ataques contra a URSS e os comunistas nacionais; por que o rádio transmite as mais torpes calúnias e dezenas de livros são fabricados contendo as mais deslavadas mentiras, etc.?

Simplesmente pela razão fundamental inicialmente referida neste escrito, razão do acabrunhamento dos imperialistas: sentem que vão perder os privilégios que desfrutavam, pois o mundo marcha aceleradamente para a forma superior de organização economico-social: o socialismo.

Conservadores, ultra-conservadores, reacionários *et pour cause*, os imperialistas estão presos às anacrônicas formas de luta que lhes garantiram a prosperidade: as guerras. Não compreendem que estamos vivendo os últimos dias da fase superior do imperialismo, com todos os povos num grau de consciência maior ou menor, que mais não admite a guerra

como fonte de acumulação econômica de uma classe privilegiada. E justamente por não poderem ou não quererem compreender, pretendem lançar o mundo numa nova guerra contra a URSS, querendo estultamente deter com isso o progresso humano, representado pela forma socialista de Estado, em que já se encontra a URSS, a qual se estenderá, já agora, infalivelmente, ao resto do mundo, pacífica ou revolucionariamente.

Esquecem-se, porém, que "o país dos Soviets, cidadela da revolução, cuja existência só por si constitui um fermento revolucionário no seio da classe operária e das colônias, país que atrapalha a preparação da nova guerra, impede a nova partilha do mundo e não permite que os capitalistas explorem o seu vasto mercado interior, tão cobiçado, agora mais que nunca, devido à crise econômica. Daí a tendência para as aventuras militares contra a URSS e para a intervenção na URSS, tendência essa que só pode reforçar-se com o desenvolvimento da crise econômica".

"A intervenção na URSS é, porém, uma arma de dois gumes. A burguesia compreende-o perfeitamente. Seria ótimo que a intervenção fosse levada a cabo sem maiores obstáculos e terminasse pela derrota da URSS. Mas como haveria de ser se ela terminasse pela derrota dos capitalistas? O caso é que já houve uma intervenção e esta acabou por uma derrota. Se tal foi o resultado da primeira intervenção, levada a efeito quando os bolcheviques eram fracos, que segurança podemos ter de que a segunda não termine do mesmo modo? Todo o mundo sabe que os bolcheviques são hoje muito mais fortes que então, econômica e politicamente, como também do ponto de vista da capacidade de defesa do país. E que fazer com os operários dos países capitalistas, os quais não permitirão nenhuma intervenção contra a URSS, lutarão abertamente contra a intervenção e poderão mesmo atacar os capitalistas pela retaguarda? Não será melhor encaminhar as coisas no sentido de desenvolver as relações comerciais com a URSS, conforme o desejo dos próprios bolcheviques?"

Daí a tendência também para a continuação das relações pacíficas com a URSS." (Stálin — *Do Informe ao XVI Congresso do P.C. (b) da URSS, em 1930* — "in" *Em Marcha para o Socialismo*, pág. 57.)

Esquecem-se, sem dúvida, êsses reacionários imperialistas que o imperialismo escravizador já mordeu o pé da derrota, por duas vezes, em 1920 e 1945, quando se lançou contra o NOVO, a URSS, para estender a agonia do VELHO, o capitalismo; esquecem-se de que da primeira guerra mundial — 14-18 — resultou a URSS; da segunda guerra — 1939-1945 — a Inglaterra Trabalhista, e a Tchecoslováquia, a Polônia, a Iugoslávia, que já se encontram em socialização adiantada; que os PC, ou melhor, o proletariado organizado, à frente dos povos, em todos os países do mundo disputam, eleitoralmente, a direção do Estado; esquecem-se de que mais uma guerra esgotará a paciência dos povos, duramente sacrificados em benefício apenas dos capitalistas-imperialistas, levando-os à convicção de que só terão paz e sossego se eliminarem cirurgicamente e radicalmente o capitalismo-imperialista da face da terra; esquecem-se de que já existem amplas camadas do povo que se negarão ativamente a que seus filhos morram e padeçam para que os imperialistas mais se enriqueçam, o que determinará cruentas guerras civis, das quais não

sobreviverão nem os capitalistas ora todo poderosos. Isso é tão evidente, que Harold Laski, professor da Universidade de Londres, quando presidente do Partido Trabalhista inglês, em 18 de maio último, declarou, textualmente, o seguinte: "Uma guerra contra a URSS provocaria imediatamente uma guerra civil na Inglaterra". (*Jornal do Comércio* de 19 de maio último, secção de telegramas.)

E por que são tão esquecidos? Porque são estúpidos e cruelmente egoístas, diz o Papa.

Esquecem-se, finalmente, para maior infortúnio dos povos não esclarecidos, que sacrificam os seus melhores e mais queridos filhos, a sua mocidade radiosa e estuante de vida, no charco imundo e cruel das guerras, de que os *enêrgúmenos... vociferem, que a burguesia se agite, furiosa. Só aqueles que fecham os olhos para não ver e que tapam os ouvidos para não ouvir, podem deixar de notar que, no mundo inteiro, as dores do parto começaram para a velha sociedade capitalista, prenhe de socialismo* (Lénin — *Palavras Proféticas*, — "in" *Marx, Engels e Marxismo*, pág. 430 — Edit. Calvino Ltda., 1945).

CALVINO FILHO.

● ●

O BRASIL É UM PAÍS CATÓLICO? — O ex-ditador Getúlio Vargas, quando da Constituinte de 1925, em discurso combatendo as emendas religiosas, reduziu o catolicismo nacional às suas justas proporções, afirmando: "... para que uma pessoa se diga católica é preciso que conheça a doutrina, aceite todos os seus dogmas e a pratique. Nessas condições, no Brasil, há apenas uma elite, uma minoria selecionada. A alta sociedade adota um catolicismo um tanto cético e elegante. E a grande massa humilde está na fase fetichista da adoração de santos com várias especialidades milagreiras".

●

PRESTES JA' O DIZIA! — "Sendo comunistas, soldados da revolução proletária, portanto, nunca esqueçamos onde estamos e quais são as relações sociais atuais em nosso país. E, na luta presente, pela independência econômica e pelo progresso do Brasil, são precisamente os oficiais do nosso exército e da nossa marinha que, dentre os elementos da pequena burguesia e da burguesia nacional, podem melhor observar e sentir quanto são necessárias a revolução nacional libertadora, a instauração de um Governo realmente independente dos bancos e das grandes empresas estrangeiras, assim como dos proprietários feudais que exploram nosso povo..." (Willard — *A defesa acusa...*, pág. 301).

## A RELIGIÃO E A IGREJA NA U.R.S.S.

por F. FÉDOROV

Na Rússia tsarista não havia liberdade de consciência, nem liberdade religiosa. A Igreja Ortodoxa fazia parte da máquina governamental do Estado. O chefe da Igreja era o tsar. Bispos e sacerdotes viviam à expensas do fisco e desempenhavam funções estatais. Estavam encarregados, por exemplo, do Registo Civil (nascimentos, casamentos, óbitos). Sem certificado da Igreja, ninguém podia frequentar uma escola, nem trabalhar.

O Código de Leis do Império Russo dizia: "A religião principal e dominante no Império Russo é a cristã, ortodoxa, ecumênica, de rito oriental".

Segundo o art. 253 do Código Penal Tsarista, os membros das seitas denominadas *durrobori*, iconoclastas, *molokánie*, e as seitas judaicas, "assim como outras que se encontram entre as heréticas", eram condenadas à privação de todos os direitos civis e ao desterro.

Centenas de milhares de pessoas inocentes foram perseguidas por suas crenças religiosas e obrigadas a abandonar o lugar onde viviam, procurando a salvação no estrangeiro.

Apoiando-se na Igreja, o tsarismo castigava ferozmente os ateus e os homens de ciência materialistas. Os grandes naturalistas K. Timiriázev, I. Sétchenov e outros sofreram perseguições por suas "idéias sacrílegas". A circulação do livro de I. Sétchenov, *Reflexos cerebrais*, foi proibida; e a mesma sorte teve, na Rússia, o livro de E. Haeckel, *Mistérios do Mundo*, e muitos outros.

\* \* \*

O Partido Bolchevique, como dirigente da classe operária e do movimento revolucionário na Rússia, levantou-se conseqüente e audaciosamente contra o selvagem regime tsarista e as perseguições religiosas. Lutou para implantar no país a liberdade democrática e também a liberdade de consciência.

A respeito das melhorias que os social-democratas obteriam para o povo e para os trabalhadores, já em 1903 escrevia V. I. Lénin: "Os social-democratas exigem que cada um tenha o direito de professar livremente qualquer religião. Só na Rússia e na Turquia, entre todos os países europeus, existem ainda leis vergonhosas contra pessoas de religião que não seja a ortodoxa, contra os *raskolniks*, sectários e hebreus. Essas leis, que proíbem diretamente uma determinada religião ou proíbem difundi-la e privam as pessoas de certas religiões de alguns direitos, essas leis são excessivamente injustas, violentas e vergonhosas".

Em seus jornais, folhetos, apelos e comunicados, os bolcheviques anatematizavam todos os ataques à liberdade de consciência. Avaliaram



devidamente a luta de Leão Tólstoi, o grande escritor da terra russa, pela liberdade religiosa, e apoiaram os sacerdotes honrados, que protestavam contra o despotismo da Igreja. Ajudaram os membros das seitas a lutar justamente pela liberdade religiosa na Rússia.

Os bolcheviques lutaram incansavelmente pela liberdade, contra os obscurantistas. Em dezembro de 1905, com relação ao movimento revolucionário que se desenvolvia no país, Lênin mais uma vez frisou a posição dos socialistas no problema religioso e exigiu a separação da Igreja do Estado.

“O Estado não se deve imiscuir na religião — escrevia V. I. Lênin, — as sociedades religiosas não devem estar ligadas ao poder estatal. Cada pessoa deve ser completamente livre de professar qualquer religião, ou não professar nenhuma, isto é, ser atéia, como são comumente os socialistas. E’ completamente inadmissível qualquer diferença de direitos dos cidadãos, em virtude de suas crenças religiosas. Nos documentos oficiais, deve ser excluída qualquer menção às crenças religiosas dos cidadãos. Não deve ser dada nenhuma subvenção do Estado à Igreja ou às sociedades religiosas, as quais devem ser associações de cidadãos que professem as mesmas crenças, completamente livres e independentes do poder. Só com o cumprimento total destas exigências se poderá terminar com o vergonhoso e maldito passado em que a Igreja era a serva do Estado e os cidadãos russos servos da Igreja estatal, quando existiam leis medievais, inquisitoriais (existentes até agora em nossos códigos penais e regulamentos) que perseguiram pelas crenças religiosas ou pela falta delas, que forçavam a consciência dos homens, que entrelaçavam a renda do Estado e os postos do govêrno com o fornecimento do veneno alcoólico pelo Estado, e do ópio religioso pela Igreja estatal. A completa separação da Igreja do Estado é uma exigência que o proletariado socialista apresenta ao Estado moderno e à Igreja moderna”.

O mesmo ponto de vista sobre a questão religiosa era difundido também pelo companheiro de armas de Lênin, Ossip Stálin. Em seu trabalho, *O Marxismo e a questão nacional*, escrito no ano de 1913, Stálin disse:

“No programa dos social-democratas, há um ponto sobre a liberdade religiosa. Segundo êle, qualquer grupo de pessoas tem o direito de professar a religião que quiser: a católica, a ortodoxa, etc. A social-democrata lutará contra toda forma de repressão religiosa, contra a perseguição dos católicos e protestantes, sempre defendendo o direito da nação de professar qualquer religião...”

Manifestando-se partidário do ateísmo e propagando ao mesmo tempo entre as massas a concepção materialista dialética do mundo, o Partido Bolchevique, desde o momento do seu nascimento até a revolução do ano de 1917, no período de sua existência sob o regime tsarista, exigiu a separação da Igreja do Estado, a liberdade de consciência e lutou contra toda forma de perseguição religiosa.

\* \* \*

Em outubro de 1917, o poder passou para os Soviets de deputados operários, camponeses e soldados. Pouco depois, em janeiro de 1918, foi

publicado um decreto do Govêrno Soviético sobre a separação da Igreja do Estado. O texto dêste decreto é o seguinte:

“1. A Igreja é separada do Estado.

2. Dentro das fronteiras da República, é proibido promulgar qualquer espécie de leis locais e disposições que entorpeçam ou limitem a liberdade de consciência, ou estabelecer qualquer vantagem ou privilégio na base da filiação religiosa dos cidadãos.

3. Todo cidadão pode professar a religião que quiser ou não professar nenhuma. Qualquer limitação de direitos, relacionada com a profissão de fé religiosa, ou devida à não profissão de nenhuma espécie de religião, fica proibida.

NOTA — Será eliminada de todos os documentos oficiais qualquer indicação de filiação religiosa ou carência dela.

4. Os atos dos organismos estatais e outras instituições de direito público não são acompanhados de nenhuma espécie de ritos e cerimônias religiosas.

5. E’ garantida a livre prática dos ritos religiosos, enquanto não prejudiquem a ordem social e não sejam acompanhados de atentados ao direito dos cidadãos da República Soviética. As autoridades locais têm direito de tomar, nestes casos, tôdas as medidas necessárias para a proteção da ordem e segurança pública.

6. Ninguém pode fugir ao cumprimento de suas obrigações civis em virtude de suas crenças religiosas. A isenção dessas obrigações, ou a troca de uma obrigação civil por outra, serão permitidas por decisão do Tribunal popular em cada caso isolado.

7. O voto do juramento religioso fica abolido. Quando necessário, far-se-á apenas promessa solene.

8. Os atos correspondentes ao estado civil dos cidadãos serão realizados exclusivamente pelo poder civil: Registo civil de casamentos e nascimentos.

9. A escola é separada da Igreja. O ensino de doutrina religiosa fica proibido em tôdas as instituições de ensino privado nas quais se ensinam disciplinas de instrução geral. Particularmente, os cidadãos poderão ensinar e aprender a religião.

10. Tôdas as sociedades religiosas e eclesiásticas ficam subordinadas às normas gerais das sociedades ou associações particulares e não gozarão de nenhuma espécie de vantagens e subvenções do Estado, nem de seus estabelecimentos locais autônomos.

11. A imposição de coletas compulsórias em favor das sociedades religiosas e eclesiásticas, bem como a aplicação de medidas coercitivas ou castigos por parte dessas sociedades a seus membros, ficam proibidos”.

E’ importante conhecer êste documento (fundamental do ponto de vista da legislação, sobre o culto também na atualidade), a fim de observar-se o amplo espírito de tolerância e liberdade em que está vasado, da primeira à última linha, relativamente à religião e à Igreja.

O decreto sobre a separação da Igreja do Estado pôs fim à arbitrariedade da Igreja Ortodoxa como “Igreja principal e dominante” na Rússia. A Igreja foi convertida numa sociedade voluntária, particular,

independente do Estado. Desde esse momento, não tornou a exercer e não exerce nenhuma espécie de função pública do Estado. O clero não se mantém à custa do Estado, mas à expensas das contribuições voluntárias dos fiéis. Pela primeira vez, na história da Rússia, não era perigoso ser ateu ou crer noutra Deus diferente do da Igreja ecumênica ortodoxa. Por isso, muitos deixaram de esconder seus pontos de vista e suas convicções, manifestaram abertamente sua ruptura com a religião e declararam-se ateus.

Os eclesiásticos honrados receberam com satisfação esse decreto sobre a separação da Igreja do Estado e saudaram a política do Partido Bolchevique e do Poder Soviético na questão religiosa.

Mas, na primeira etapa do jovem Estado Soviético, houve, no seio do clero, muitos descontentes com a derrota do tsarismo e o estabelecimento do Poder Soviético. A separação da Igreja do Estado era representada por esses eclesiásticos como uma "perseguição" à Igreja e os bolcheviques por eles considerados pura e simplesmente "anticristos".

O Poder Soviético, naturalmente, cortou pela raiz, implacavelmente, toda espécie de atividade hostil ao povo e castigou com severidade a todos quantos utilizaram a religião na luta política e contra-revolucionária. Ao mesmo tempo, o Poder Soviético continuou a aplicar, invariavelmente, sua linha na questão religiosa, apegando-se com firmeza ao princípio da liberdade de consciência.

Imediatamente depois do decreto de janeiro do ano de 1918, sobre a separação da Igreja do Estado, o Governo Soviético publicou toda uma série de leis, disposições e instruções que desenvolviam esse decreto e cujo objetivo era determinar exatamente os direitos e obrigações das sociedades e grupos religiosos na URSS. Alguns materiais desse gênero estão insertos no decorrer do texto.

Assim, na lei de 8 de abril de 1929, encontramos os seguintes artigos:  
Art. 10, parte 1.<sup>a</sup>: "Para a satisfação das necessidades religiosas, os fiéis, que constituem a sociedade religiosa, podem obter o prédio destinado ao culto por meio de contrato e em usufruto gratuito do Comitê Executivo da comarca ou do distrito, ou do Sôviet da cidade."

Art. 24: "Os promotores da convocatória de concílios religiosos, reuniões e conferências podem ser: as sociedades religiosas e grupos de crentes, seus órgãos executivos e também os órgãos executivos dos concílios."

Art. 45: "A construção de novas casas de culto pode ser permitida por petição das sociedades religiosas, com a observação das regras técnicas gerais das construções..."

Art. 57, parte 1.<sup>a</sup>: "Nos prédios dedicados ao culto religioso, ou nos prédios especialmente adaptados, que satisfaçam às exigências sanitárias e técnicas, podem ter lugar as reuniões piedosas dos crentes, reunidos em grupos ou sociedades, sem notificação ou autorização dos órgãos do poder."

Art. 60: "Para as procissões religiosas, que constituem parte imprescindível do culto religioso, e se realizam ao redor dos prédios destinados ao culto, assim como nas cidades e nas localidades rurais, não é

exigida autorização ou notificação especial dos órgãos do poder, com a condição de que essas procissões não interrompam o movimento normal das vias públicas."

Na instrução n. 328 do Comissariado do Povo Para os Negócios Interiores da R.S.F.S.R., de 1.º de outubro de 1929, que trata dos direitos e obrigações das associações religiosas, encontramos os seguintes dispositivos:

"Para a satisfação conjunta das necessidades religiosas, os cidadãos de um ou outro culto, religião, seita ou tendência, que tenham completado 18 anos, podem constituir sociedades religiosas ou grupos de crentes.

Os crentes, que entram nas sociedades religiosas ou grupos, podem:

- a) realizar ritos religiosos;
- b) organizar reuniões gerais e piedosas dos crentes;
- c) administrar os bens do culto;
- d) realizar contratos de caráter particular relacionados com a administração dos bens do culto e o exercício do culto religioso;
- e) participar dos congressos das associações religiosas;
- f) nomear os servidores do culto para a realização de seus ritos.

Os Congressos locais das Repúblicas de toda a Rússia e de toda a União terão lugar com a autorização:

- a) da secção administrativa da comarca ou região autônoma, quando o Congresso envolver o território da comarca ou da região autônoma;
- b) da secção do território ou da região, quando se convocar o Congresso do território ou da região ou quando esse Congresso envolver dois ou mais territórios ou regiões autônomas.

A sociedade e os grupos de crentes podem ser fechados por decisão da assembléia geral dos membros das sociedades e grupos.

Essa disposição deverá ser comunicada dentro do prazo de sete dias ao órgão que registou a sociedade religiosa ou o grupo de crentes."

\* \* \*

A existência de completa tolerância de cultos e liberdade de consciência na URSS não só é comprovada pela legislação, como também pela prática das atividades das organizações religiosas. Vejamos, por exemplo, as diferentes tendências religiosas que existiram e existem abertamente na URSS: a ortodoxa (a velha e a reformada), a Igreja ortodoxa da Ucrânia, a Igreja da Geórgia, *edinoviertsy*, *staroobriadtsy*, a Igreja gregoriana da Armênia, católicos, luteranos, *bespopovtsy-perekrestchentsy*, *promortsy*, *fedoseevtsy*, *filippovtsy*, batistas, evangelistas, menonitas, adventistas, presbiterianos, metodistas, *durrobori*, *molokanie*, jeovistas, *khlisty*, novos israelitas, *priguni*, *tresvenniki*, tolstoianos, *malevantsy*, fedorovistas, macmetanos, *suniti*, xiitas, *berraitst*, ismaelitas, judeus, budistas, lamaitas, xamanitas, etc.



Tôdas essas tendências religiosas praticam livremente sua religião e realizam cultos.

O Poder Soviético não estabelece nenhuma diferença entre os cidadãos em virtude da religião que professam. Nos documentos oficiais soviéticos, passaportes, certidões de nascimento, etc., foi eliminada a mínima menção com respeito à filiação religiosa. No censo da população, nada se pergunta sobre esse assunto. Para o ingresso nas escolas ou no trabalho, nenhum certificado sobre crença religiosa é exigido. Todos os crentes, independentemente de sua religião, bem como da ausência dela, estão colocados em situação idêntica perante a lei. Nenhuma Igreja, nenhuma religião goza de vantagens ou privilégios. O Governo Soviético defende o direito e a liberdade de tôdas as organizações religiosas, punindo e liquidando toda tentativa no sentido de dificultar aos fiéis a prática de sua religião.

As festas religiosas da Igreja ortodoxa na União Soviética obedecem ao calendário eclesiástico, isto é, ao antigo calendário juliano, que se diferencia do novo, do gregoriano, em 13 dias. Outras religiões têm também seu calendário religioso, pelo qual se orientam na realização de seus ritos (muçulmanos, judeus, etc.). Ninguém impede que os fiéis visitem os templos nos dias marcados, organizem rezas, executem os ritos religiosos, como, por exemplo, o jejum e a bênção dos doces e pães da Páscoa. O dia do descanso semanal na União Soviética coincide com o domingo (dia de festa religiosa dos cristãos), mas o dia de descanso das Repúblicas orientais é a sexta-feira (dia de descanso dos muçulmanos). Isso também evidencia a atenção do Governo Soviético para com as tradições religiosas da população.

O Governo Soviético também não proíbe o enterramento dos mortos segundo o rito religioso, a colocação de cruzes nos túmulos, a confissão, a comunhão, o recebimento da extrema unção pelos doentes recolhidos aos hospitais. No forno crematório, é permitida a completa possibilidade de praticar os ritos religiosos durante os funerais, caso seja isso da vontade dos parentes. Costumes religiosos como o uso do véu pelas mulheres do oriente ou a circuncisão das crianças judias e muçulmanas também não estão proibidos pelo Poder Soviético. Este não impõe à força aos fiéis quaisquer costumes ou pontos de vista, nem modifica pelos canais administrativos os costumes religiosos arraigados. O Governo Soviético proíbe apenas os ritos de caráter bárbaro, o descalabro ou a mutilação das pessoas.

\* \* \*

O Poder Soviético não cria dificuldades para as organizações religiosas no que respeita à escolha da forma devida interna que desejam. Muitas comunidades religiosas não têm nenhuma espécie de instituições centrais e constituem organizações completamente livres e autônomas, que são dirigidas nas localidades por seus bispos e pregadores. Mas também há na União Soviética tendências religiosas que possuem seus or-

gãos centrais. Refiro-me à Igreja ortodoxa, dirigida pelo Metropolitano Vvedenski e pelo sínodo; a seita dos cristãos evangelistas, dirigida por um conselho para toda a União; a direção eclesiástica central muçulmana, dirigida pelo Mufti da cidade de Ufa; a Igreja armênia gregoriana, com seus Katolicós na cidade de Etchmiádzin; a Igreja da Geórgia, dirigida pelo Katolicós, e outras.

O grupo básico da Igreja ortodoxa é a paróquia. Esta é dirigida por um Conselho composto habitualmente de 20 pessoas. De acordo com os órgãos do Poder Soviético, o Conselho da Igreja utiliza os prédios do culto e responde por sua conservação, elege seu presidente, secretário e tesoureiro. Essas eleições são realizadas de três em três anos. As paróquias reúnem-se em dioceses. Na direção de cada diocese (comumente o território de uma região) está um bispo. No conjunto, a Igreja ortodoxa é dirigida por um Patriarca.

Outras organizações religiosas, entre as quais as muçulmanas, judias, etc., que eram perseguidas com ferocidade especial pelos tsares, também se dirigem de acordo com seus costumes e gozam de completa autonomia. Assim, os muçulmanos da URSS têm um dirigente no Mufti da Direção Central da Igreja muçulmana na cidade de Ufa e no Conselho religioso da Direção Central dos muçulmanos, imames, *murrta-sibas*, etc. Nas cidades, *aules* e *kichlak* da Ásia central, Cáucaso, Transcaucásia e outros lugares (entre eles Moscou), os crentes reúnem-se livremente em mesquitas, observam as preces regulamentares, jejuns (*caum*), lêem os versículos do Alcorão, etc.

Os crentes israelitas reúnem-se em comunas religiosas (em Moscou e noutras cidades), observam seus ritos nas sinagogas, lêem publicamente os textos das Sagradas Escrituras, conservam as tradições dos dias de penitência e outras festas, enterram os mortos conforme o desejo dos parentes e não nos cemitérios gerais, mas nos cemitérios judeus especiais, etc.

Muitas organizações religiosas têm editado e continuam editando literatura religiosa periódica e não periódica. A Igreja ortodoxa edita a *Revista do Patriarcado de Moscou*, tem editado a revista *Blagovest* (O toque da campanha), *Golos pravoslávnoi Ukraini* (A voz da Ucrânia ortodoxa), *Jivja Tsérkov* (A Igreja viva).

Há grande quantidade de publicações nos centros comerciais e territoriais do país, como, por exemplo, *Samárskie Eparriálnie Viedomosti* (Notícias diocesanas de Samara), *Túlskie Eparriálnie Viedomosti* (Notícias diocesanas de Tula), *Urálskie tserkóvnie Viedomosti* (Notícias eclesiásticas do Ural), e outras.

As seitas também publicavam suas revistas: *Baptist* (O Batista), *Blagoviestnik* (O mensageiro divino), *Viéstnik durróvniir Rristian (mokolánie)* (O mensageiro dos cristãos espirituais), *Golos istini* (A voz da verdade), *Edinénie* (Unidade).

Os *staroobradtsi* editavam as revistas: *Viéstnik Vserossiiskovo Souisa Rristian pomórskovo soglásia* (O mensageiro da União dos cristãos de toda a Rússia da Congregação de Pomórie), e *Golos tsérkvi* (A voz da Igreja).

Além disso, durante a guerra do povo contra a Alemanha hitlerista, foi publicada uma série de folhetos dirigidos aos fiéis e relativos a diferentes datas: o dia 22 de junho de 1941, dia do vil ataque dos fascistas à URSS; a festa do Natal do ano de 1941; a Páscoa da Ressurreição em 1942; o aniversário da Guerra Patriótica, etc. Devemos salientar a importante compilação publicada pelo Patriarcado de Moscou no ano de 1942, com o título: *Verdade sobre a religião na Rússia* (460 páginas, com uma tiragem de 50.000 exemplares) e o livro do Metropolitano de Kiev e Galitch, Nicolau, sobre a situação da religião e da Igreja na URSS.

Muitos outros fatos atestam, por seu turno, a completa tolerância religiosa e a liberdade de consciência na URSS. Nos próprios artéis fazem-se prendas e pintam-se ovos de Páscoa e, em tendas especiais, vendem-se objetos de culto e brocados. As organizações do Estado abastecem os consumidores com pão e doces de Páscoa, bem como com a torta pascal judia. Fornece à Igreja o material para a reparação dos templos e energia elétrica. Habitação para os delegados e para os Concílios eclesiásticos, comida e meios de transporte são proporcionados pelas organizações cooperativas e estatais. Nas tipografias do Estado, são impressos hinos religiosos para as seitas, revistas e compilações religiosas.

\* \* \*

A validade do decreto de 23 de janeiro de 1918 foi confirmada na Constituição da URSS, promulgada no ano de 1936. O art. 124 dessa Constituição diz: "A fim de garantir aos cidadãos a liberdade de consciência, a Igreja, na URSS, é separada do Estado, e a escola da Igreja. A liberdade de praticar os cultos religiosos e a liberdade de propaganda anti-religiosa é facultada a todos os cidadãos."

A Constituição staliniana introduziu novo dispositivo no sistema eleitoral, que estende a toda a população adulta do país (dos 18 anos de idade em diante) o direito de ser eleita para os Soviets, sem exclusão dos sacerdotes. Antes da aprovação da Constituição staliniana, os servidores dos cultos estavam privados temporariamente dos direitos eleitorais. Esta medida não foi dirigida especialmente contra o clero, já que também haviam sido privados desse direito algumas outras camadas da população que tinham manifestado hostilidade ao novo regime soviético e para como o poder dos operários e camponeses. Durante o período de discussão geral em todo o país do projeto da Constituição staliniana, no ano de 1936, foi proposta a supressão dos direitos eleitorais aos servidores dos cultos, aos antigos guardas brancos e a todos os "representantes do antigo regime", ou às pessoas que não se ocupassem com trabalho de utilidade geral, ou, em todo o caso, a limitação dos direitos eleitorais às pessoas dessas camadas, dando-se-lhes tão somente o direito de eleger mas não o de serem eleitas.

Ossip Stálin, informante, em nome da Comissão da Constituição, no VIII Congresso Extraordinário dos Sôviets, demonstrou a falsidade dessa

emenda. "Penso — disse Stálin, no informe sobre o projeto de Constituição da URSS — que essa emenda... deve ser repelida. O Poder Soviético privou de direitos eleitorais os elementos não trabalhadores e exploradores apenas temporariamente e não em caráter perpétuo, durante um período determinado. Tempo houve no qual esses elementos lutavam abertamente contra o povo e se opunham às leis soviéticas. A resposta do Poder dos Soviets a essa oposição foi a cassação de seus direitos eleitorais. Daí para cá, muito tempo se escoou. Durante esse período, conseguimos suprimir as classes, e o Poder Soviético converteu-se numa força invencível. Não soou, então, a hora de revermos essa lei? Penso que sim. Diz-se que é uma questão que encerra perigos porque dessa maneira podem introduzir-se nos órgãos supremos da nação elementos hostis ao Poder Soviético: antigos guardas brancos, *kulaks*, *popes*, etc. Mas, na realidade, tememos o que? Quem tem medo de lobos não vai ao bosque. Em primeiro lugar, nem todos os antigos *kulaks*, guardas brancos e *popes* são hostis ao Poder Soviético. Depois, se o povo eleger aqui e ali pessoas hostis, significará isso que nosso trabalho de agitação não servirá para nada e que merecemos semelhante vergonha; se, ao contrário, nosso trabalho de agitação fôr feito à maneira bolchevique, o povo não permitirá que elementos hostis tenham acesso aos seus órgãos supremos. Por conseguinte, temos de trabalhar e não de choramingar. Temos de trabalhar e não de esperar que nos sirvam tudo já preparado mediante disposições administrativas. Em 1919, Lênin já dizia que se aproximava o tempo em que o Poder Soviético acharia útil introduzir o sufrágio universal sem nenhuma restrição. Dizia-o quando a intervenção militar estrangeira ainda não havia sido liquidada e quando nossa indústria e nossa agricultura se encontravam em péssima situação. Desde então, dezessete anos transcorreram. Não soou a hora, camaradas, de realizar essa determinação de Lênin? Penso que sim." (Stálin, *Questões do Leninismo*, pág. 631, ed. em esp.).

No livro *A verdade sobre a religião na Rússia*, escrito pelos dirigentes da Igreja ortodoxa russa, é feita a seguinte apreciação acerca da política do Partido Bolchevique e do Poder Soviético no que se refere à questão religiosa: "O decreto sobre a liberdade de consciência, promulgado pelo Governo Soviético em janeiro de 1918, assegura a todas as sociedades religiosas, compreendida a nossa Igreja ortodoxa, o direito e a possibilidade de viver e praticar seu culto religioso conforme as exigências de sua fé, na medida em que isso não perturbe a ordem social e os direitos dos demais cidadãos. Este decreto teve enorme importância no saneamento da vida interior da Igreja..."

O decreto do Poder Soviético sobre a liberdade de consciência, sobre a liberdade dos cultos religiosos, aboliu o jugo que, durante longos anos, pesava sobre a Igreja, libertando-a da tutela exterior. Para a vida interior da Igreja, isso foi de imensa utilidade. O decreto outorga a liberdade e garante a inviolabilidade dessa liberdade a todas as sociedades religiosas... Não, a Igreja não se pode queixar do poder."

O correspondente da agência noticiosa *Associated Press* dirigiu, a 24 de dezembro de 1941, a um dos hierarcas da URSS, o arcebispo Andrei,



a seguinte pergunta: "Até que ponto está presentemente limitada a liberdade da religião na URSS?" O arcebispo Andrei respondeu: "O Poder Soviético nunca limitou a liberdade da religião. O Poder Soviético mantém firmemente o princípio da tolerância religiosa para todas as religiões e isso está inscrito em artigos especiais da Constituição. O Poder Soviético puniu mais de uma vez elementos do clero e fiéis, mas jamais por suas convicções religiosas e, sim, em virtude de sua atividade dirigida contra o regime soviético existente. Devemos tomar em consideração que a Igreja, antes da Revolução, estava aos serviços do governo dos tsares e gozava de muitos privilégios e vantagens (especialmente o alto clero). Por isso, era muito difícil para o clero desprender-se dessas vantagens. Por essas razões, alguns acalentavam a esperança de derrubar o Poder Soviético e intervinham pessoalmente contra ele. E' evidente que o Poder Soviético não poderia deixar de punir essas pessoas."

Margaret Brook-White, em seu livro *Fotografando a Rússia em armas*, informa que, tendo entrado em contacto com fiéis e com servidores dos cultos, ouviu em toda parte a mesma declaração: "Somos livres. Ninguém nos impede de nos dedicarmos ao culto de Deus."

Wallis Carrol, em seu livro *Nisto estamos com a Rússia*, chegou à conclusão, depois de muitas palestras com crentes e com o clero, de que, de parte dos crentes, não há, na URSS, nenhuma queixa contra o Poder Soviético. Como resposta à pergunta feita por Carrol sobre a situação da religião e da Igreja na URSS, o antigo Metropolitano Sérgio (depois Patriarca) disse que, "na URSS, ninguém opõe obstáculos aos fiéis, a Igreja dispõe de recursos materiais suficientes e pretende mandar dinheiro para a Igreja ortodoxa dos Estados Unidos, a fim de aliviar sua difícil situação financeira" Sérgio declarou também que a Igreja não tem nenhuma limitação no problema da preparação de novos sacerdotes.

Em meados de setembro de 1943, imediatamente depois das eleições do Patriarca de Moscou e de toda a Rússia, visitou Moscou, na qualidade de hóspede da Igreja ortodoxa russa, o arcebispo de York, doutor Cyril Foster Garbett. Durante os dez dias de sua estada na União Soviética, o arcebispo, diante do embaixador britânico na URSS, Sir Archibald Clark Kerr, teve uma entrevista privada com o Comissário do Povo para os Negócios Exteriores, V. M. Mólotov. Durante sua permanência na URSS, o arcebispo visitou, na companhia de seus dois capelães, o mosteiro de Nova Jerusalém, em Istra, e, pessoalmente teve oportunidade de ver a monstruosa destruição desse maravilhoso monumento de arquitetura eclesiástica, realizada pelos vândalos germano-fascistas. Segundo as palavras da redação da revista *O aliado britânico* (editada pelo Ministério de Informações da Grã-Bretanha), o arcebispo de York, de volta a Londres, depois de sua viagem a Moscou, confirmou a justiça da afirmação de tolerância e liberdade religiosa e de consciência na URSS.

Sobre a liberdade de consciência na URSS, fala também o livro já citado por nós: *A verdade sobre a religião na Rússia*.

"Verdade é que, na Rússia, como se sabe, existe uma propaganda anti-religiosa, cuja liberdade está garantida pela Constituição,\* e sabe-se também que a ideologia anti-religiosa é a ideologia do Partido Comunista.

Naturalmente, a Igreja ortodoxa preocupa-se com isso. Mas, por outro lado, devemos dizer com a máxima objetividade que a propaganda anti-religiosa na URSS de maneira nenhuma coage ou limita os direitos dos crentes."

A concepção do mundo do Partido Bolchevique, como concepção científica, repele a fé no sobrenatural, nos milagres, e exclui a explicação religiosa dos fenômenos da natureza e da sociedade.

Não obstante, mantendo-se numa posição negativa em face da religião como concepção do mundo, o Partido Bolchevique jamais considerou nem considera justa a luta administrativa contra a religião.

No ano de 1924, o XIII Congresso do Partido Bolchevique salientou especialmente a importância dessa questão.

"E' necessário liquidar resolutamente qualquer tentativa de luta contra os preconceitos religiosos por meio de medidas administrativas como o fechamento de igrejas, mesquitas, sinagogas, oratórios, igrejas católicas, etc. O caráter da propaganda anti-religiosa deve ser exclusivamente o da interpretação materialista dos fenômenos da natureza e da vida social..."

E' necessário manter sempre na lembrança que o sentimento religioso dos crentes não deve ser ofendido..."

Essa mesma exigência é fortemente sublinhada no programa do Partido Bolchevique, no qual se diz que "é necessário evitar com o máximo cuidado qualquer ofensa ao sentimento dos crentes, de vez que isso só pode levar ao reforçamento do fanatismo religioso".

O Poder Soviético pune severamente a todos quantos impeçam os fiéis de desfrutar os direitos que lhes foram concedidos pela lei. No Código Penal da RSFSR, existe um artigo especial — o art. 125 — que reza: "Impedir o cumprimento dos cultos religiosos, na medida em que não infrinjam a ordem pública, nem atentem contra os direitos dos cidadãos, é passível de punição com trabalhos forçados por um período que se pode estender até 6 meses."

O Poder Soviético faz com que seja severamente observado o princípio de que a propaganda anti-religiosa não ofenda nem fira os sentimentos religiosos dos crentes. A luta contra a religião, na URSS, é, antes de tudo, problema de divulgação da ciência no seio do povo e de sua educação dentro do espírito da concepção científica do mundo. Este é o caminho e o método fundamental da propaganda anti-religiosa na União Soviética e, particularmente, da Associação dos Militantes Ateus. O Poder Soviético jamais criou a menor vantagem ou privilégio para as organizações dos ateus, em comparação com as organizações religiosas. A Associação dos Ateus vive das contribuições voluntárias de seus membros e é uma organização social voluntária.

\* \* \*

O traiçoeiro ataque da Alemanha hitlerista à União Soviética, em junho de 1941, modificou a situação do país. Nos territórios temporária-

mente ocupados pelos fascistas, desde o primeiro dia de seu domínio, começou a ser sufocada a liberdade de consciência, perseguido o clero e zombada a religião.

Mencionaremos uma série de fatos escolhidos ao acaso dentre o numeroso material da imprensa periódica e confirmados por centenas de milhares de declarações testemunhais dos próprios crentes, bem como em relatórios oficiais.

Assim, na aldeia de Ilínskoie, região de Tula, os ocupantes destruíram e converteram em lenha as imagens dos kolrozianos. Na cidade de Plavsk, a igreja foi transformada em cárcere-masmorra. Nas povoações de Semiónovskoi e Ivánovskoi, da região de Moscou, as igrejas foram convertidas em campos de concentração. Nas aldeias de Oskovno, Paportka, Novo Iokróvskoi, Iévlevo, da região de Tula, nas aldeias de Kotcharguino, Litkino, da região de Moscou, e noutras povoações e cidades ocupadas, os bárbaros germano-fascistas fizeram das igrejas cavalariças, e destruíram os objetos do culto, os retábulos e os altares.

O pároco da aldeia de Iklinsk, da região de Moscou, Ambrósio Ivánov, conta:

“Antes dos alemães chegarem, o templo estava em perfeita ordem. Um oficial alemão ordenou-me que retirasse tudo quanto havia dentro da igreja... À noite, chegaram as tropas alemãs, ocuparam-na e meteram nela os seus cavalos... Puseram-se a destruir tudo quanto havia restado e a armar tarimbadas. Atiraram o altar pela porta e bem assim o retábulo, os estandartes e o santo sudário. Numa palavra: transformaram o templo num covil de bandidos.”

Na nota do Commissariado do Povo para os Negócios Exteriores, de 6 de janeiro de 1942, *Sobre o saque, a assolação geral da população e as monstruosas ferocidades das autoridades alemãs nas regiões soviéticas ocupadas*, V. M. Mólotov cita o seguinte fato:

“Na cidade de Lvov, 32 operárias das oficinas de confecção foram violadas e, depois, assassinadas pelos alemães das secções de assalto. Os soldados alemães, bêbedos, arrastavam as moças e mulheres jovens para o padre Kosciusko e violavam-nas estupidamente. O velho sacerdote, V. L. Pomásnhiev, que, empunhando a cruz, tentou opor-se à violação das moças, foi torturado pelos hitleristas, que lhe arrancaram a sotaina, queimaram a barba e o mataram a golpes de baioneta.”

Os hitleristas destroem e inutilizam as relíquias históricas e artísticas dos crentes. O mosteiro Nova Jerusalém, da cidade de Istra, construído no ano de 1654 e restaurado no século XVIII pelos grandes arquitetos Rastrelli e Kasákov, é um imponente monumento histórico e religioso do povo russo. Os alemães converteram a escombros esse precioso monumento da antiguidade. Na antiga cidade russa de Staritsa, foi incendiado o mosteiro construído no século XVI. Nas diversas alas do mosteiro, foram encontrados cadáveres mutilados e despidos de soldados vermelhos aprisionados.

A carta de um sacerdote muçulmano, o *imame* Suleiman, fundamentada nos depoimentos de testemunhas visuais que conseguiram fugir do

presídio alemão, descreve um quadro espantoso das chacotas dos alemães sobre os sentimentos religiosos dos tártaros da Criméia:

“Meu caríssimo Jasret — escreve Suleiman — nos últimos dias tenho ouvido o que dizem dois muçulmanos, evadidos das regiões ocupadas da República da Criméia. O que contam despertou e irritou minha formação muçulmana, razão pela qual resolvi escrever-lhe. Um desses muçulmanos é de Gassis, que fica perto da cidade de Barrtchissarai. Quando os alemães ocuparam Barrtchissarai, não evacuou, permaneceu no seu lugar e continuou a apresentar-se ao trabalho de ronda de uma cooperativa. Seu nome é Sia-Etdin. Em sua entrevista comigo, contou-me o seguinte:

“Os alemães, desde o primeiro dia de sua entrada na Criméia, começaram a suprimir os ritos habituais e o direito consuetudinário dos tártaros da Criméia. Na pátria de Sia-Etdin, em Gassis, os alemães reuniram todos os velhos e obrigaram-nos a tirar os fêzes e cafetãs e a fazer a barba. Foram proibidos os ritos conforme as regras muçulmanas, relativamente aos recém-nascidos. Por ordem do comando alemão, o pai de um recém-nascido foi enviado a um sacerdote alemão, que batizou a criança com um nome alemão. Mesquitas santas, objetos históricos e túmulos sagrados (morábitos), que têm sido conservados desde o tempo do canato, tudo isso existia em Gassis, que daí havia recebido seu nome (venerado). Os alemães incendiaram tudo. Gassis era um lugar sagrado para os muçulmanos de toda a Criméia, para onde acorriam, em romaria, milhares de muçulmanos.

Em Tchia-Sala, um velho fazia suas orações da tarde. Nesse momento, entrou um soldado alemão, que, agarrando-o pela gola da túnica, o arrastou para a rua. Na rua, passava um oficial alemão de automóvel, ao qual o velho protestou contra a conduta do soldado. O oficial, então, mandou reunir toda a população da localidade e, diante de todos, fez castigar o velho a pauladas, a todos ameaçando com a mesma punição caso se queixassem dos soldados alemães.

Em Sudri-Tach, os soldados alemães despiram completamente um grupo de muçulmanos que se tinham reunido na mesquita para fazer as orações e assim os fizeram andar pelas ruas.

Mas meu caríssimo Jasret: conto-lhe apenas a centésima parte das ferocidades que Sia-Etdin me narrou. Essas notícias tanto me agitaram que não me sinto capaz de descrever-lhe tudo numa carta. Maldigo com toda minha alma esses bandidos, inimigos da humanidade.

Sou um velho. Antes da chegada dos alemães à Criméia, era o imame de Rair-Chat. Já visitei as mesquitas santas de Meca e de Medina e não posso ouvir sem revolta os crimes praticados pelos alemães.”

Milhares e milhares de fatos semelhantes foram comprovados pela Comissão do Estado para a Investigação das Ferocidades Fascistas. Um dos membros dessa Comissão é o Metropolitano de Kiev e Gálitch, Nicolau.

\* \* \*

Os crentes e os que não crêem, na União Soviética, estão tomados de um sentimento de ardente patriotismo, da aspiração de derrotar o mais depressa possível os invasores germano-fascistas. O Metropolitano de



Kiev e Gálitch, Nicolau, que, no início da guerra, estava na Ucrânia ocidental, diz: "Nós, pessoalmente, observámos esse alto entusiasmo patriótico-religioso numa porção de localidades dos territórios ocidentais. A população crente inundou imediatamente os templos com orações pela vitória; ombro a ombro com os demais cidadãos ofereceram encarniçada resistência ao inimigo e formaram nos destacamentos da milícia popular, orientaram-se rapidamente no sentido da organização, na retaguarda do inimigo, do movimento de guerrilheiros."

O magnífico entusiasmo patriótico do povo soviético, seu ódio aos invasores fascistas, determinaram em grau considerável o caráter da atividade das organizações religiosas nos dias da guerra patriótica contra a Alemanha hitlerista.

Em 22 de junho de 1941, Sérgio, Patriarca interino, em seu apêlo aos pastores e fiéis da Igreja ortodoxa cristã, escreveu:

"Não é a primeira vez que o povo russo tem de repelir o ataque dos inimigos, nem será a primeira vez que os derrotará. Não envergonhemos os nomes gloriosos de nossos antepassados, nós, os ortodoxos, seus sucessores pelo sangue e pela fé."

A mensagem terminava com as seguintes palavras: "A Igreja de Cristo bendiz os ortodoxos pela defesa das fronteiras sagradas de nossa Pátria. O Senhor dar-nos-á a vitória."

De conformidade com essa mensagem do Metropolitano Sérgio, celebraram-se em tôdas as igrejas do país missas para pedir a vitória para os exércitos russos, bem como foram feitos sermões e práticas. Foi declarada a impossibilidade de qualquer conciliação da Igreja ortodoxa com os fascistas, a impossibilidade de aceitar das mãos do inimigo qualquer espécie de vantagens ou privilégios.

No outono de 1941, quando os alemães se aproximaram de Moscou, o Metropolitano Sérgio dirigiu-se novamente, através de outra mensagem, aos fiéis: "O inimigo é forte, mas o Deus dos russos é grande", escreveu. Nos telegramas de saudação do Patriarca interino Sérgio, do Metropolitano de Kiev e Gálitch, Nicolau, do Patriarca da Geórgia, Kalistrat, do dirigente da comuna israelita, Samuel Tchobrutski, e do Mufti da Direção Central eclesiástica muçulmana da cidade de Ufa, Gadbrarraman Resúlov, relativos ao 25.º aniversário da rápida derrota dos hitleristas e sua expulsão das "sagradas fronteiras de nossa Pátria".

O apêlo de Sérgio aos arquipastores, pastores e comunidades paroquiais da Igreja ortodoxa russa, sobre a necessidade da coleta de recursos para tanques e aviões da coluna "Dmitri Dónskoi", está embudido do espírito do patriotismo soviético.

"Que nossa coluna — diz a mensagem — leve a bênção de nossa Igreja ortodoxa, sua constante prece para o êxito das armas russas. Tudo nos afirma que não ficámos à parte, tudo nos diz que participámos com tôdas as nossas forças e com toda a nossa capacidade na sagrada causa da salvação da Pátria."

Em perfeita consonância com essa posição estão as contribuições feitas pelo clero para o Fundo de Defesa da URSS. A par das contribuições de recursos pessoais para a construção de tanques e aviões, o

clero, juntamente com os conselhos das paróquias, fizeram coletas de roupas e agasalhos para os combatentes do Exército Vermelho. Durante a guerra, o clero e os fiéis têm contribuído com enormes somas para o Fundo de Defesa do país. Assim, o pároco da catedral de Elórrovskaja (Moscou) entregou 100.000 rublos; a catedral da praça Elórrovskaja, 300.000 rublos; o Patriarcado de Moscou, 100.000 rublos; o arcebispo Arranguelski (cidade de Górkki), 200.000 rublos; os fiéis da cidade de Górkki, 2.500.000 rublos; o cura Tróitski (região de Mólotov), 130.000 rublos; o sacerdote Stefánov (cidade de Ijevsk), 273.000 rublos; o arcebispo Mirráilov (região de Pensa), 115.000 rublos; a comunidade eclesiástica da cidade de Kuznietsk (região de Pensa), 250.000 rublos; Tchobrutski, presidente da Comunidade israelita de Moscou, 50.000 rublos; a diocese de Leningrado, 3.700.000 rublos; o Katolico de Etchmiádsin, 85.000 rublos, 15.000 dólares e 1.000 libras esterlinas; os fiéis de Moscou, 2.000.000 de rublos; os fiéis de Kuibichev, 650.000 rublos, etc.

O país conhece o nome dos sacerdotes que deram ao Estado, para as necessidades do Exército Vermelho, não somente suas economias pessoais, mas diariamente auxiliavam no fortalecimento da capacidade de defesa do país com sua participação pessoal na defesa e proteção da ordem, nos grupos de autodefesa, etc. Em outubro do ano de 1943, foram condecorados com a medalha "Pela defesa de Leningrado" vários servidores do culto da cidade de Leningrado, entre os quais o Metropolitano Aléxi.

Ao receber a condecoração das mãos do Governo Soviético, Aléxi disse:

"Agradeço ao Governo pela alta honra com que me distingue. Os fiéis da Igreja ortodoxa de nossa cidade auxiliam com tôdas as forças o nosso glorioso Exército Vermelho e pedem a Deus a vitória das armas russas e a mais rápida derrota dos invasores germano-fascistas. Asseguro ao Governo que também para o futuro os servidores do culto da Igreja ortodoxa e os fiéis de nossa cidade continuarão a contribuir com seu óbolo para o Fundo de Defesa de nossa Pátria, rogarão com fervor ao Todopoderoso pela rápida expulsão dos inimigos hitleristas da querida terra russa e elevarão preces aos céus pela saúde do chefe do povo, Stálin."

Receberam medalhas os arcebispos da catedral de Nikolski, Lomákin e Dubrovitski; no distrito de Viborg, foi concedida a medalha ao pároco da Igreja Nikólskaia, do bairro Bólchaia Orrta, arcebispo Slavnitski. A medalha "Pela defesa de Leningrado" foi também concedida a outros servidores da Igreja ortodoxa russa e aos representantes dos conselhos eclesiásticos dos fiéis.

A 17 de outubro de 1943, os representantes do clero muçulmano e dos crentes do Uzbequistão, do Tadjiquistão, do Turkménistão, da Kirguízia e do Kazarrstão dirigiram-se ao chefe do governo, Ossip Stálin, com saudações cordiais, desejando-lhe ótima saúde e longa vida.

"Nós observámos com satisfação — diz o telegrama do clero muçulmano da Ásia central — que nossas ardentes preces foram ouvidas pelo grande Alá. O Exército Vermelho, sob vossa alta direção, limpa de inimi-

gos a terra soviética, libertando diàriamente centenas e milhares de localidades habitadas e cidades.”

O Congresso do clero muçulmano garantiu a O. Stálin que também colaboraria para o futuro para o aniquilamento do inimigo e auxiliaria o Exército Vermelho a cumprir sua grande missão patriótica: “a libertação de nossa Pátria e de todos os povos oprimidos da Europa da Alemanha hitlerista”.

O sentimento patriótico do clero ortodoxo russo teve clara expressão também no conclave de bispos que, a 8 de setembro de 1943, elegeu o Metropolitano Sérgio Chefe da Igreja ortodoxa russa e Patriarca de Moscou e de toda a Rússia, criou o Santo Sínodo constituído pelo Metropolitano de Leningrado, Aléxei, o Exarca da Ucrânia, Metropolitano de Kiev e Gálitch, Nicolau, e pelos arcebispos de Iaroslavl, Kasnoiarsk, Kuibichev e Górkki.

O Conclave aprovou por unanimidade a mensagem ao Governo da URSS para exprimir sua gratidão pelas atenções para com as necessidades da Igreja ortodoxa russa, bem como a mensagem aos cristãos de todo o mundo.

“A voz do Conclave de todos os bispos reunidos em Moscou para a nomeação do Patriarca da Igreja Ortodoxa conclama os cristãos de todo o mundo a porem em tensão todas as suas forças na presente luta mundial pelos ideais da cristandade, pela liberdade das Igrejas, pela liberdade, felicidade e cultura da humanidade, espesinhadas por Hitler.”

Os bispos anatematizaram unânimemente os traidores da Pátria, os satélites dos fascistas, estabelecendo que todos os que se passaram para o lado do fascismo deveriam ser considerados excomungados, e os bispos e clérigos privados de sua dignidade.

Apresentamos apenas alguns documentos que mostram a disposição de milhões de fiéis e do clero de todas as religiões, que consagraram todas as forças e todo o pensamento ao bem da Pátria e do Poder Soviético. O Governo estima profundamente esses sentimentos e pontos de vista patrióticos e satisfaz todas as necessidades legais dos fiéis. Por resolução do Conselho dos Comissários do Povo da URSS e sob a direção do mesmo, foi criado um Conselho para os assuntos da Igreja ortodoxa russa, que mantém as relações do Governo da URSS com o Patriarcado de Moscou e de toda a Rússia, para todas as questões da Igreja que exijam autorização do Governo.

A 15 de maio de 1944, morreu Sérgio, Patriarca de Moscou e de toda a Rússia. O Conselho dos Comissários do Povo da URSS expressou ao Santo Sínodo da Igreja ortodoxa russa o seu profundo pesar. Até que seja eleito o novo Patriarca de Moscou e de toda a Rússia, exercerá as funções de Patriarca interino o Metropolitano de Leningrado e Novgorod, Aléxei.

Esta é a verdade sobre a religião e a Igreja na URSS, a verdade sobre a unidade moral e política dos crentes e dos que não creem, na URSS. Esta é a verdade sobre todo o numeroso povo soviético.

## EDUCAÇÃO, SAÚDE E ALIMENTAÇÃO

por ABGUAR BASTOS

Durante a Grande Marcha, espantava os revolucionários a falta de escolas e hospitais em toda a enorme extensão do território nacional.

Em 1935, a situação pouco mudara. As condições sociais do povo quanto à educação e à saúde não podiam ser piores.

Se a população aumentara, as proporções do analfabetismo continuavam idênticas às do ano de 1920.

O recenseamento de 1920, sobre uma população de 30.635.605 habitantes, provava a existência de 23.147.248 de analfabetos.

Verificou-se, também, que de toda a massa populacional da União, apenas 8.392.022 de pessoas eram proprietárias dos meios de “produção, transformação, circulação e distribuição da riqueza”, portanto, na categoria de fazendeiros, industriais, comerciantes, banqueiros e proprietários ou funcionários de empresas de transporte. Como administradores e em profissões liberais, o censo apenas acusava 394.353 pessoas. 21.849.230 podiam ser consideradas na dependência da referida minoria, que, por sua vez, também, em parte, era dependente de um grupo ainda menor.

Para uma população em idade escolar estimada em 8.318.565 de jovens, no ano de 1930, havia, em 1932, nos cursos primários, apenas 2.071.399 matriculados em escolas públicas e particulares. E, desses, somente 1.422.841 freqüentavam regularmente suas aulas.

A deficiência do ensino era outro mal. O educador Leitão da Cunha exibiu na Constituinte de 1934 documentos curiosos a respeito do assunto. Os jovens chegavam aos exames vestibulares, que davam acesso às nossas Faculdades, em estado de quase absoluta ignorância quanto aos cursos de humanidades.

Leitão da Cunha apresenta algumas provas que atestam tão notória falta de aproveitamento de ensino nas nossas escolas públicas a par de lastimável desconhecimento gramatical. Uma delas refere-se à Monarquia Constitucional na Inglaterra. O examinando dizia que “essa nação já teve nos remotos (tempo) Monarquia... Hoje porém, graças a Eduardo VII é que poz em execução do povo livre...” E depois de mais três linhas: “Dr. Gurjel, queira desculpar-me não ter acabado, porquanto não deu-me tempo para o dito fim”.

Noutra prova sobre a proclamação da República, o examinando dizia que a mesma fôra proclamada por Deodoro da Fonseca, José Bonifácio e D. Pedro II... Porque, tendo D. Pedro desejado voltar a Portugal, por estar “muito amaguado”, isto não fez, por que o povo não o consentira. D. Pedro ficara, e, então, “D. Pedro a juntou-se a alguns companheiros e com a juda do povo proclamou a Republica. E assim se fez a Republica...” termina o leviano humorista.

Numa outra prova, o examinando definia a burguesia como instituição dos soberanos... “certos povos sujeitos à ordem dos reis”...



O mesmo dizia que os gregos tinham "idade classica".

Outro, numa descrição, dizia: "...lá fora da barra *obselva-se* o sol *levanta-se* detraz dos montes da bahia fazendo *uma grande clarão como a lavareda de um fogo escuro a devoral* um matagal ao lado e posto de um *motte* quando começa *atigir* o pico"...

E numa prova de francês: "Si le monsieur fingir que n'est pas la maison le même fui de acontecer quand ait visiter amis s'ils savoient comme le monsieur les trate. Nem um vintem moi reste de tout aquelle argent qui le monsieur moi voi ai pedir a jours. A de venire gente dans le trem de la soir. Nom deixa de aller buscar dans la estacion les amis qui espere..." etc., etc.

Uma tradução de inglês: "Si elle divagar dentro de qualquer botequim elle dará um signal dos gracejos insolentes dos pedantes e da grave malícia dos templarios. Exasperado o mortificado cedo voltará para á sua morada, e ahi na himenagem das dávidas de seus companheiros achará para consolação das vexações e humilhações que tem soffrido"...

Outra afirmava que a obolição fôra declarada no Brasil por D. Maria Teresa Cristina.

Um trecho de História Natural: "Na familia dos myriapodos o que existe em maior abundancia são as cobras de asquais existem algumas no Brasil."

Tais provas eram de alunos dos nossos cursos secundários!

E Leitão da Cunha commentava: "Se não defendermos o Brasil contra o prosseguimento do ensino secundário nesse nível baixo em que tem caminhado até hoje, antes de que, em 1935, se torne efetiva a exigência do curso intermediário, êle será excluído da legislação do ensino"...

Outros escândalos eram os das promoções sem exames, por via de anormalidades que porventura surgiam.

A pobreza das familias trabalhadoras, por outro lado, concorria para o analfabetismo. Já vimos atrás como as freqüências não correspondiam às matrículas, em 1932.

Em 1934, a situação não mudara. De 2.676.756 de alunos matriculados nas escolas brasileiras, apenas 1.829.024 compareciam regularmente às aulas. 847.732 jovens deixavam de freqüentar as escolas depois de matriculados.

E' que as familias pobres não tinham meios para vestir seus filhos, comprar-lhes livros ou apetrechos escolares. E a maioria os empregava em serviços de utilidade caseira ou econômica.

O Departamento de Educação do Distrito Federal fazia publicar em 1934 a resenha de seus trabalhos. Aí se observa que, em 1931, havia no Distrito Federal 221 escolas elementares. E, em 1934, 226.

E' curioso anotar que, conforme aumenta no Brasil a idade escolar do indivíduo, diminui, pelos motivos que acabamos de expor (aproveitamento econômico do menor no seio das familias pobres), o coeficiente da matrícula e freqüência escolares, em relação com a população escolar. Vejamos os dados do Departamento de Educação do Distrito Federal para essa região:

Idade

Percentagem escolar em relação com a população infantil em idade de matrícula.

7 anos	87,20 %
8 anos	63,18 %
9 anos	76,35 %
10 anos	70,50 %
11 anos	67,34 %
12 anos	49,61 %

"Em 1930, desde quando já podemos, com os dados que possuímos, declara o Departamento, comparar a distribuição dos alunos pelas séries do curso elementar, apuramos que a maior parte das crianças estavam no 1.º ano escolar. Resumia-se, portanto, o curso elementar quasi que a um ano. Daí em diante, os números iam decrescendo de forma assustadora."

Ano de 1930 (Distrito Federal)

Matrículas	Percentagem em relação à população escolar	Séries
39.347	50,37 %	1. <sup>a</sup>
17.193	22,01 %	2. <sup>a</sup>
11.444	14,65 %	3. <sup>a</sup>
6.533	8,36 %	4. <sup>a</sup>
3.527	4,59 %	5. <sup>a</sup>

Em 1931, a situação é quasi idêntica. Em 1934, as matrículas nas séries respectivas caem do 1.º ao 5.º ano elementar na proporção de 38,36 % a 6,21 %.

Outra verificação quanto à deficiência do ensino era a que se referia ao professorado. Em 1933, no Rio de Janeiro, para um número de matriculados no total de 1.346 alunos dos cursos normais, apenas concluíram o curso 91. E' outra indicação da dispersão por motivos de ordem econômica. O aluno não chegava ao fim do curso pela necessidade que tinha de se empregar e ganhar a vida.

No ano de 1938, três anos depois do ano da primeira tentativa de revolução social, mais de 150.000 jovens em São Paulo obtiveram matrícula nos cursos estaduais e deixaram de frequentar as aulas. E, de 554.035 alunos matriculados, apenas 47.284 concluíram seus cursos. No ensino municipal, a abstenção foi de 72.111 escolares sobre 114.410 matrículas. Uma abstenção de 63 %.

Ainda no mesmo ano, a população escolar de São Paulo era estimada em 1.260.133 indivíduos para uma matrícula efetiva de 520.530 nas escolas do Estado, ou, seja, uma percentagem apenas de 41,31 % no Estado mais rico do Brasil.

No resumo que Oscar Egidio de Araujo faz sobre três pesquisas de padrão de vida do operário em São Paulo, a percentagem reservada sobre seus salários pelas famílias proletárias para "diversão e instrução" era simplesmente de 2 %. E não podia ser mais porque só as despesas de habitação e alimentação abrangiam 72 % de todo o salário!

A Pesquisa Pierson revelou, num inquérito entre 100 famílias pobres dos bairros do Mooca, Bexiga e Canindé, em São Paulo, e 100 famílias ricas dos bairros aristocráticos do Jardim América, Pacaembú e Higienópolis, que, entre as primeiras, foram encontrados 403 livros *divididos apenas entre 34 famílias que os possuíam* e todos escolares, do curso primário; e, entre as segundas, foram encontrados 30.700 livros!

Eis uma diferença digna de registo!

Quanto à saúde, as condições brasileiras não eram melhores.

Apreciemos o inquérito realizado pelos doutores Aluizio Alves e Francelino Leite Barcelos, no Juizado de Menores do Estado do Rio. Aí deram entrada 1.300 menores à procura de trabalho, internações, casa (abandonados), etc.

154 descendiam de pais tuberculosos, 65 de alcoolatras, 17 de pais que sofriam das faculdades mentais, 179 ignoravam o paradeiro deles. 115 "referiam-se a colaterais tuberculosos", 413 "confessaram ser tabaquistas". "31 menores confessaram-se onanistas". 780 apresentaram-se em "precárias condições de higiene". 301 "acusaram precariedade de alimentação quantitativa". 100 % acusaram deficiência na parte qualitativa". 912 sofriam de anemia. 967 eram "portadores de caries dentárias". 90 eram portadores de afeções do aparelho respiratório. 88 do aparelho cardio-vascular. 67 eram vítimas da escabiose. 186 de verminoses.

Dentre os 1.300 menores, apenas 489 (37,9 %) sabiam ler, sendo a maior percentagem nas idades entre 7 e 9 anos de idade.

Eis todo um drama social em meia dúzia de números!

Durval Rosa Borges, em seu estudo *Socialização da Medicina*, apurou que "nosso escasso crescimento demográfico tem base na mortalidade infantil, nati-mortalidade... Este enorme escoadouro de vidas, talvez seja o nosso maior problema social ou o melhor índice de nossa precariedade como sociedade organizada".

Enquanto, em 1936, as estatísticas da França, Inglaterra, Suécia, Alemanha, Bélgica, Itália, Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, Uruguai, Argentina, acusavam um máximo de 100 mortos infantis em cada 1.000 nascimentos anuais, o Brasil acusava 197.

De 1930 a 1941, no Estado de São Paulo, onde os serviços de assistência à criança e à mulher se apresentam melhor desenvolvidos, a média de mortalidade infantil para cada 1.000 nascimentos oscilou entre 167 e 175. Em 1941, "morreram, em todo o Estado de São Paulo, 41.173 crianças de menos de um ano". E, depois, o autor chega à conclusão de que, anualmente, entre 260.000 crianças mortas até um ano de idade, 92.301 nati-mortos e 1.000.000 de abortos, o Brasil perde anualmente

1.352.301 de indivíduos infantis. E' o mesmo que estarmos numa guerra, numa guerra sem precedentes na nossa história social.

A nati-mortalidade é atribuída à sífilis e à falta de assistência obstétrica.

"Sobre abortamentos provocados pela sífilis, Waldemar Ribeiro forneceu-nos, possivelmente, os melhores dados nacionais, porque suas estatísticas são do Gaffrée-Guinle, o maior centro de sifilografia do país. Num período, que vai de 1926 a 1932, foram examinadas e acompanhadas 3.455 gestantes sífilíticas. Estas mulheres, antes de iniciado o tratamento específico, tiveram 6.828 gestações, cuja evolução foi a seguinte:

Crianças vivas .....	3.500
Abortos .....	2.010
Nati-mortos .....	320
Prematuros .....	68
Mortos até 2.º mês .....	930'

Eis outro quadro impressionante do que iria pelo Brasil quanto a essa questão nos idos de 1935!

Segundo os cálculos de Barros Barreto, citado por Durval Borges, haveria, no Brasil, nos últimos anos, 1.470.000 "casos de tuberculose ativa". Para Barros Barreto, 107.000 pessoas morrem anualmente no Brasil vítimas da tuberculose ou 102.000 pelos cálculos de Clemente Ferreira.

Belisário Pena, numa transcrição de Antônio Figueiredo, afirmara no seu livro *Saneamento do Brasil*: "Foi depois que viajei o país, que percorri cidades, vilas, arraiais, logarejos, campos e sertões; que examinei milhares e milhares de indivíduos de ambos os sexos e de todas as idades... foi depois dessas jornadas dolorosas, com a minha alma envolta em luto pesado, em que foram incontáveis: os *impaludados* agudos e crônicos, de baço volumoso e empedrado, caquéticos e ofegantes; os *opilados* exangues, de rosto entumecido, estafados e bestificados; os *papudos*; os *aleijados* em contorsões satânicas, rastejando alguns como reptis e aos pulos, outros, como batráquios; os *idiotas* e os *cretinos*, com o riso alvar característico e trejeitos simiescos; os *paralíticos*... os asmáticos, às centenas na região do nordeste; os *entalados* que provocam irremediavelmente o riso... as vítimas do *vexame*, síndrome ou enfermidade de fundo nervoso, não identificada ainda, que provoca, sobretudo, entre as mulheres um ataque silencioso, mudo, sem contorsões, nem convulsões de qualquer espécie, caindo o paciente, se está de pé, ou continuando sentado, se já estava assim, sem fala, sem movimentos, mas ouvindo... e vendo...; e a *sífilis*, e a tuberculose, e as verminoses, e as disenterias, e a lepra; e as *úlceras*... e, sempre, a *miséria*; foi depois de verificação pessoal, demorada e conscienciosa dessas calamidades universais... que, no meu espírito... se arraigou a convicção... de que é à *miséria* e à doença, múltipla, generalizada e incontida, mais do que à *ignorância*, que devemos todos os defeitos que se nos apontam... arrastando-nos



todos eles à ausência de organização social, até à abjeção de uma política pessoal, sem princípios, sem idéias, sem pudor e sem ideal."

O que Belisário via nas cidades e nos campos, Prestes não deixara de ver: o cortejo clamoroso de um povo afundado na miséria, na doença e na ignorância.

Justificava-se, assim, plenamente, a revolução social, não se tivesse ainda a acrescentar, sobre os males do povo, a tentativa de subida ao poder de uma casta hedionda, facinorosa e destruidora: a do fascismo.

Depois de demonstrar que um operário pernambucano, pela maneira como se alimentava, só podia acabar morrendo de fome, Josué de Castro em *As Condições de Vida das Classes Operárias no Recife*, dizia: "Muito mais terrível do que um surto epidêmico e do que o flagelo periódico das sêcas que dizimam, de uma vez, algumas centenas ou milhares de vidas, é esta desnutrição, esta sub-alimentação permanente que destrói, surda e continuamente, toda uma população, sem chamar nossa atenção, nem despertar nossa piedade".

Mediante dados, conclui que, apesar de Recife ser uma cidade com instalações higiênicas de primeira ordem, apresentava um coeficiente de mortalidade superior aos das cidades de São Paulo, Rio, Paris, Londres e Nova York: 22,9 em cada mil habitantes. Seu coeficiente de mortalidade infantil de 0 a 1 ano, atingia, em cada mil óbitos, o coeficiente de 258,5 em Recife e de 233,4 no Rio de Janeiro. Antes dos 30 anos de idade, morriam, em Recife, 58 % das pessoas registradas nos obituários.

O inquérito procedido em São Paulo pelo Dr. Pompeu do Amaral, entre 5.033 pessoas, moradoras em vários bairros, revelou que, sendo de Cr\$ 799.185,00 o total dos rendimentos dessas famílias, *cabia a cada pessoa* Cr\$ 158,16 por mês, ou sejam, Cr\$ 5,27 por dia. O inquérito abrangeu 793 famílias e, para a manutenção das mesmas, obtinham rendas apenas 1.054 pessoas (21 %). Das respostas obtidas aos quesitos sobre alimentação, obtiveram-se os seguintes dados: a média diária de consumo de carne por pessoa era de 81 gramas. De leite, 152 gramas. De ovo, 17 gramas (mais ou menos um terço por ovo). De pão, 252 gramas. De feijão, 54 gramas. De arroz, 99 gramas. De batatas, 87 gramas. De farinha, 42 gramas.

Somente 4.911 pessoas faziam gastos normais com verduras, sendo que as mais consumidas eram alface, couve, chicória, tomate, espinafre e agrião. A média, por pessoa, de despesa diária de verdura não ia além de 17 centavos. E a de frutas ficava na base de 18 centavos.

Os pesquisadores verificaram insuficiência de cálcio na alimentação dos paulistanos, como já fôra observado na Pesquisa Davies, mas acharam normal a base de calorias e vitaminas, com exceção da vitamina A.

Convém, agora, assinalar, que as 793 famílias do inquérito Pompeu do Amaral representavam média econômica e profissional. Abrangia famílias de operários, médicos, advogados, fazendeiros. O que predominava, portanto, era o conteúdo econômico da classe média, tanto que 35 % das famílias pesquisadas possuíam casa própria.

Vejamos os resultados de pesquisas sobre famílias realmente proletárias.

Como sabemos, o corpo humano é obrigado a absorver diariamente rações de proteínas, gorduras, hidratos de carbono, minerais, vitaminas. No mínimo, 100 gramas de proteínas, 500 gramas de hidratos de carbono; 36 gramas de gorduras; 1 grama de cálcio, 1 grama de fósforo, 0,015 gramas de ferro e vitaminas.

O indivíduo precisaria de 3 a 4.000 calorias diárias para, segundo Josué de Castro, manter normalmente "suas despesas fundamentais e de trabalho".

De acordo com que cita Egídio de Araújo em seu estudo sobre *A Alimentação da Classe Obreira de São Paulo* são imprescindíveis 2.700 calorias para as zonas quentes e 3.000 para as zonas frias.

Das investigações de Paula Sousa, Ulhoa Cintra e Pedro Egídio de Carvalho resultou a verificação de que havia "consumo insuficiente de proteínas de origem animal e cálcio, por uso diminuto de carne e leite. Numa pesquisa sobre 454 famílias, os pesquisadores acima determinaram que 32 % não consumiam vegetais, quando, no inquérito de Pompeu do Amaral, que se processou sobre famílias em que predominava a classe média, a percentagem foi pouco além de 2 %.

Como já anotara Davis, o consumo enorme de massa, por parte da população pobre paulistana, é uma determinante da descalcificação. Esse enorme consumo de massa (principalmente pão) também foi observado na pesquisa Sousa-Cintra-Carvalho.

Somando as quantidades de alimento absorvidos em média por uma pessoa da pesquisa Sousa-Cintra-Carvalho, verificou-se que, *quantitativamente*, as pessoas pesquisadas absorviam as calorias exigidas pelos técnicos (média de 3.400 calorias). Qual o resultado? O povo pobre ingeria alimentos baratos em elevada quantidade, mas sofria carência da qualitativa, parte necessária, que estava nos alimentos mais caros. Absorvendo em grande quantidade cereais, macarrão e pão, o trabalhador paulistano adquiria rações consideráveis de hidratos de carbono. Mas, não podendo adquirir legumes e frutas, faltava-lhe a vitamina e os minerais.

Esta era a situação alimentar dos trabalhadores da capital de São Paulo, num determinado sector de pesquisa, trabalhadores de melhor padrão de salário do que em qualquer outro Estado.

Não podendo alimentar-se convenientemente de carne, leite, legumes e verduras, os trabalhadores paulistanos sofriam da "deficiência qualitativa" do alimento, que acabava não sustentando o equilíbrio energético distribuído pelas calorias.

Justamente entre 1936 e 1937 é que Lowrie, depois de Davis, inicia sua pesquisa sobre o padrão de vida dos empregados da Limpeza Pública de São Paulo.

Suas conclusões causaram impressão. Famílias com rendas globais de Cr\$ 400,00 e chefes de família ganhando a média de Cr\$ 252,20. A família operária, como já dissemos, distinguia-se da família burguesa pelo facto de se não poder sustentar apenas com as rendas do trabalho do chefe da família, mas precisar empregar todos os seus membros, inclusive os menores, para adquirir, em globo, alguma coisa capaz de lhes garantir a subsistência.

Ainda que Lowrie verificasse que a contribuição do chefe de família proletária era sempre maior que a do total restante de seus membros (63 %), isto não obsta que se chegue à mesma conclusão: de que todos os membros de uma família proletária precisam trabalhar.

Mesmo consumindo em alimentação 53 % do total dos salários, as famílias da pesquisa Lowrie passavam mal. A alimentação não fornecia, pela falta de variedade, o contingente qualitativo imprescindível a uma alimentação vital.

Quasi toda a despesa de alimentação era consumida em pão, arroz, carne de vaca, banha, leite, açúcar (quasi 59 %), de que o pão, o arroz, a banha e o açúcar, contribuíam com 42 %. A quantidade de calorias cientificamente exigidas podia ser encontrada, mas, como dizia Davis, "a energia ou valor calórico contido no regime alimentar de uma família não tem a importância exclusiva que já se lhe atribuiu. Descobriu-se, recentemente, que um regime altamente adequado, quanto às calorias, e deficiente em relação ao seu conteúdo em sais minerais e vitaminas, pode ainda não conter um resíduo suficiente para conservar o aparelho digestivo em boas condições de funcionamento".

Ora, levando-se em conta que, mesmo na capital do Estado de melhor padrão de salário, a alimentação era precária entre os trabalhadores, nos Estados mais pobres a situação deveria ser aquela mesma que Josué de Castro denunciava em Pernambuco.

Não era, assim, de admirar que a tuberculose grassasse entre nós com as impressionantes cifras das estatísticas.

No inquérito procedido entre os operários da Usina Santa Olímpia Limitada, em São Paulo, pelas pesquisadoras Eládia César e Maria Galvão Cardoso, da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, verificou-se que, de 158 casais com filhos, 65,82 % "apresentaram óbitos de mortalidade infantil".

Em 1945, dez anos depois de 1935, quando as condições deviam ter melhorado, o médico Carlos Prado declarava pela *Fôlha da Noite*, que, enquanto 500 mil crianças morriam anualmente no Brasil, havia, em São Paulo, "80 mil menores material e moralmente abandonados, enquanto que a lotação de natureza oficial ou particular dos abrigos não ia além de 4.000". Declarou mais que havia menores, "em todas as cadeias da capital e do interior, em promiscuidade com delinquentes adultos", além do que "existiam 16 menores na Penitenciária do Carandirú".

No Rio de Janeiro, no mesmo ano, na Terceira Conferência Regional de Tuberculose, foi debatida a questão de deficiência de leitos hospitalares para atender aos doentes, pois, para um total anual de 6.516 óbitos por tuberculose, havia, no Rio, apenas 2.100 leitos.

Em 28.172 óbitos ocorridos em 1936 na Capital Federal, 6.342 se referiam a crianças de menos de 1 ano, 2.290 de 1 a 2 anos, 2.638 de 2 a 4 anos. Afetados por doenças diretamente ligadas à questão alimentar, morreram, nesse ano, 4.723 vítimas da tuberculose e 3.883 de diarreias e enterites.

Em 1935, dava entrada nos hospitais brasileiros, um total de 21.470 sífilíticos em estado grave.

Em 1934, as clínicas hospitalares de tisiologia do país socorriam, com ou sem internamento, 41.803 pessoas. Em 1935, esse número aumentou para 87.518. Em três anos, de 1933 a 1935, o movimento estatístico revelou a passagem pelas ditas clínicas de 240.830 pessoas.

No seu estudo sobre a *Diluição da Linha de Cór na Bahia*, o professor Donald Pierson declara que, estribado "em recente estudo ainda não publicado", podia declarar que "a taxa de mortalidade infantil entre as classes baixas da Bahia... é aproximadamente o dobro da das classes altas; e, em 1932, o número de mortos abaixo de cinco anos de idade constituiu aproximadamente um terço de todas as mortes desse ano (1.698 sobre 5.407)".

Os Drs. Rui Coutinho e Edison Cavalcanti, médicos do Departamento Nacional do Trabalho, tecendo comentários sobre os inquéritos referentes à alimentação, diziam, em 1937: "As evidências são no sentido de que o operário brasileiro vive em miséria alimentar. Um indivíduo que recebe tal alimentação (referem-se aos alimentos com deficiência de minerais e vitaminas) não poderá ser eficiente, terá pouca capacidade para o trabalho, pequena resistência à fadiga e apresentará estados mórbidos pouco definidos, que são o resultado da má nutrição e da sub-nutrição. Muitas vezes avitaminoses latentes. E' tal alimentação a maior responsável pelo grande número de caries dentárias... Resfriados tão comuns, afecções pulmonares (bronquites, pneumonias, tuberculosas) em grande número, crescimento lento, pouco tempo de vida e esterilidade... são seqüências da deficiência alimentar".

Além das crises de educação e saúde, o povo brasileiro, em 1935, continuava a manter as heranças feudais de outras calamidades.

O problema de habitação, com o drama dos "cortiços" e dos "mocambos", também era motivo de investigações. Todas as pesquisas revelam a triste situação do operariado quanto à higiene e espaço de suas moradias. O inquérito Pierson demonstrou que enquanto havia 377 cômodos para 25 famílias do bairro de Higienópolis, bairro rico de São Paulo, só restavam 53 para 25 famílias do Caninde (bairro pobre). Enquanto havia 607 cômodos para 50 famílias no Jardim América (bairro rico) sobraram apenas 84 para 50 famílias do Mooça (bairro pobre). E, nestes bairros, foram encontrados cômodos em que dormiam 11 pessoas!...

Enquanto, entre as 100 famílias pesquisadas em três bairros aristocráticos de São Paulo, foram encontrados 96 telefones, em 100 famílias de três bairros proletários nenhum foi anotado. Pierson designou de "área superior" aos bairros ricos pesquisados e de "área inferior" os pobres. De maneira que, entre as 100 famílias pesquisadas da "área superior", foram encontrados 110 automóveis particulares. Na "área inferior", apenas 1. Havia 90 refrigeradores entre as 100 famílias da "área superior" e nenhum na "área inferior". Havia 1.107 tapetes nas 100 casas investigadas da "área superior" e 46 na "inferior". Nesta, não havia refrigeradores, nem piscinas, nem máquinas de lavar roupa, nem pianos. Apenas 3 enceradeiras. Tudo isso, entretanto, era encontrado, regularmente, na "área superior". Na "área inferior", foram encontrados 12 instrumentos de música (violões, clarinetes, cavaquinhos, pandeiros, ba-



teria). Mas nenhum violino, sanfona, gaita, harpa ou ukellê, de que foram encontradas mostras na "área superior".

O inquérito Pierson ainda revelou absoluta deficiência de vestuário entre as famílias da "área inferior".

Vários outros inquéritos demonstraram as terríveis conseqüências da promiscuidade nas casas de cômodos e cortiços, que afetavam profundamente os adolescentes.

Na estatística de 1934, sobre os suicídios havidos no Brasil, anotamos o facto de, segundo a idade, terem havido 104 suicídios de mulheres entre 15 e 20 anos. Um dos maiores coeficientes em relação com as outras idades de suicidas, tanto homens como mulheres.

No trabalho de Hazel K. Stiebeling, especialista em alimentação do Bureau de Economia Doméstica do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, verificam-se as seguintes conclusões sobre a deficiência alimentar em face da pobreza de rendas:

Nos Estados Unidos:

- 1 — 10 a 20 % da população precisava de mais leite.
- 2 — 10 a 20 % precisava de mais manteiga.
- 3 — 25 a 70 % precisava de mais tomates e frutas cítricas, e, aproximadamente, mais do dobro de verduras e hortaliças.
- 4 — *Havia mais pessoas mal alimentadas nas classes menos favorecidas do que nas mais abastadas.*
- 5 — *Havia mais pessoas mal alimentadas entre as famílias de cor do que entre os brancos; mais nas cidades do que nos campos.*
- 6 — *As despesas com alimentação eram pequenas nas classes menos abastadas.*
- 7 — *As diferenças de regimes alimentares, segundo as profissões, refletiam a diferença de rendimentos.*
- 8 — *As famílias de cor alimentavam-se mal por via de seus baixos rendimentos.*

A má alimentação e, em conseqüência, a má saúde, a má produção, o mau rendimento do trabalho, não são outra coisa, como vemos, que os maus salários em conseqüência da exploração capitalista.

As observações de Hazel Stiebeling apenas demonstram que a civilização burguesa não consegue, mesmo nos países de maiores riquezas, como os Estados Unidos, suprir convenientemente as necessidades do povo.

Nenhum estudo, nenhuma estatística, nenhuma pesquisa ou inquérito negou, no período 1930-1935, as péssimas condições econômicas e suas conseqüências sobre o trabalho brasileiro.

Esta situação seria agravada com a ascensão do fascismo, que fez criar novas leis reacionárias e, se plenamente vitorioso, aumentaria a exploração do povo e a escravização do trabalho.

Assim sendo, a questão social, no Brasil, em 1935, atingia um clímax tão dramático, econômica e politicamente, que Prestes julgou oportuno entrar no país e preparar a revolução democrático-burguesa, sob a direção do proletariado.

(Do livro em preparo *História das Revoluções Brasileiras*.)

## O Que Dizem Nossos Jornais

E SÃO OS BOLCHEVIQUES QUE PERSEGUEM OS RELIGIOSOS...

Os jornais do dia 9-8-946, desta Capital, publicavam o seguinte telegrama da INS (INS é abreviatura de uma agência telegráfica, Dr. Pereira Lira):

"O *Daily Mirror* anunciou, em despachos de Jerusalém, a impressão que se tem de que o "Rasputin da Palestina" conduziu a freira Olga Merosova, religiosa russa, a cometer suicídio na igreja do Santo Sepulcro. A notícia disse que a irmã Olga se suicidou, enforcando-se no banheiro do convento, com medo de que o padre Antoni descobrisse as queixas dela em carta a Moscou. A irmã Olga é uma das 200 freiras dirigidas por Antoni, que chefia a sua igreja em oposição ao patriarca de Moscou. O jornal disse que as freiras chamam Antoni de Rasputin da Palestina" por causa da campanha de terror que desenvolveu contra elas vários meses passados, quando exprimiram o desejo de se juntarem à igreja de Moscou."

### EISENHOWER QUASI FOI PRÊSO NO BRASIL

Eisenhower está com ordem de prisão do Pereira Lira. Tem que se raspar já para os Estados Unidos. De facto, o general ofendeu o nosso D. Juan policial ao proferir as seguintes palavras:

"A democracia é essencialmente um sistema político que reconhece a igualdade dos homens perante a lei. Não faz distinção entre grandes e pequenos nem entre ricos e pobres. Esta forma de governo apoia-se sobre duas grandes pedras fundamentais. A primeira é a fé inquebrantável na dignidade do indivíduo, no valor eterno da alma humana. A segunda, um sistema de empreendimentos livres — o direito do homem de conquistar para si próprio e para sua família uma vida decente com o suor do seu rosto e com o labor de suas próprias mãos. A democracia reconhece os direitos de cada um para pensar, agir, praticar convicções e sua própria consciência. A única restrição é que ele não deve avançar sobre os iguais direitos dos outros." (*Diretrizes, Imprensa em Revista*, de 9-8-946.)

### TRABALHADORES, UNÍ-VOS!

... "Marx é apenas um protesto contra a exploração do homem pelo homem e um arauto da humanização integral da humanidade. Sim; desta mesma pobre humanidade, ainda dividida entre uma maioria que nasce com a sela às costas e uma minoria que nasce com a espada no pé. Descobriu, para tanto, um caminho: "Trabalhadores, uní-vos!" Quando exige de cada um segundo sua capacidade e para cada um segundo sua necessi-

dade, não é menos equitativo do que Mateus no seu *Evangelho*, capítulo XVI, versículo 27. "Retribuir a cada um segundo suas obras", nem, tão pouco, mais audacioso do que Paulo, na segunda *Epístola aos tessalonienses*, capítulo III, versículo 10: "Se alguém não quer trabalhar não coma". Aonde, a essa luz, autoridade ao cristão para condenar o marxismo e a igualdade econômica?" (Alírio Meira Wanderley — *Berdiaeff e a dialética do mundo* — in *O Jornal*, 21-7-946.)

#### LA GUARDIA E A IMPRENSA "SADIA" AMERICANA

"Poderia também dizer-se que certas pessoas não estão preparadas para se compadecer dos povos famintos; especialmente quando se trata de pessoas criadas no luxo, com uma fortuna de milhões, afeitas à prodigalidade e à exibição, amamentadas na crença de que à massa trabalhadora cumpre manter as fortunas de suas famílias." "Não vejo diferença alguma entre um *gangster* que obtém lucro no mercado negro, quando vende mercadoria de baixa qualidade a preços exorbitantes, e um mentiroso que vende suas mercadorias por dois centavos." "Nenhuma democracia pode sobreviver sem uma imprensa livre. No entanto, insisto em que, se temos uma imprensa de verdade, essa imprensa não reflete a verdade em si, embora lhe competisse apresentar os factos de uma maneira real. Estes princípios não são criados por mim. Constituem regra do jornalismo honesto, estabelecida e adotada pela Sociedade Americana de Editores de Jornais, em abril de 1923.

"A boa-fé para com o leitor é a base de toda a imprensa que se preza. Por consideração à boa-fé, um jornal é obrigado a publicar suas notícias de forma que correspondam à verdade. Não é perdoável a inexactidão do que está em seu poder controlar, ou quando têm ao seu alcance estas qualidades essenciais. Os títulos devem corresponder ao conteúdo dos artigos que encabeçam."



O ESTADO — "Quando não existirem classes sociais às quais seja necessário manter submissas; quando não existir dominação de uma classe sobre outra nem luta pela existência; quando forem suprimidas as coligações e coações que disso se derivam: então não haverá mais a quem esmagar e sujeitar; desaparecerá a necessidade do Poder do Estado, que atualmente desempenha esta função. O primeiro ato com o qual o Estado agirá como verdadeiro representante de toda a sociedade — a conversão dos meios de produção em propriedade social — será o último ato independente do Estado como Estado. A intervenção do Poder do Estado nas relações sociais tornar-se-á a pouco e pouco supérflua e cessará por si mesma. O lugar do governo dos homens será ocupado pela administração das coisas e a direção dos métodos de produção. O Estado não será "abolido": *extinguir-se-á*" (F. Engels, *Anti-Dühring*).

## Questões de Economia Política

### INTRODUÇÃO À ECONOMIA POLÍTICA (IV)

#### Economia e Política

São consideradas pelo marxismo, em sua interdependência e evolução, como um todo indissolúvel. "Não se pode separar a economia da política. Não nos podemos afastar da economia, como não nos podemos alhear da política. Por comodidade de estudo e por uma questão de método, separamos, de ordinário, os problemas econômicos dos problemas políticos. Mas essa separação é artificial. Pelo contrário, na vida, na prática, a política e a economia são inseparáveis: existem juntas e atuam juntamente" (Stálin).

Cada regime social é determinado por um certo modo de produção dos bens materiais, que lhe é inerente. O modo de produção abrange tanto as forças produtivas da sociedade, como as relações de produção entre os homens, formando, em conjunto, a estrutura econômica da sociedade: a economia. O regime econômico da sociedade condiciona as superestruturas: a política e a ideológica. "...A política é a expressão concentrada da economia"... Nas sociedades até agora conhecidas, a política não pode ter primazia sobre a economia" (Lénin).

A oposição de classes, a incompatibilidade dos interesses entre explorados e exploradores, entre oprimidos e opressores, encontra sua mais alta expressão na luta política, cuja questão central é a posse do poder. Todos os problemas referentes à constituição e ao governo do Estado estão subordinados à política. Sob o domínio desta estão também as relações recíprocas entre os povos e os Estados, isto é, a política exterior, que é determinada segundo os interesses da classe dominante.

Na URSS, por exemplo, a política do Partido Comunista e do Governo, ao contrário dos governos burgueses erigidos sob uma economia anárquica, é baseada na previsão científica do desenvolvimento do país. Esse desenvolvimento não se realiza natural e espontaneamente, mas sim é regulado e dirigido pelo plano econômico do Estado, subordinado aos interesses da edificação socialista, realizando-se através de uma luta implacável contra todos os inimigos da sociedade socialista (1).

#### Primeira obra de Economia Política

"List diz, capítulo XXVII (*Os Economistas Italianos*): "A Itália precedeu todas as nações modernas, na teoria como na prática da eco-

(1) Iudin e Rosenthal — *Novo Dicionário Filosófico da URSS*.



nomia política”, e cita em seguida como “primeira obra escrita na Itália, especialmente sobre economia política, o livro de Antonio Serra, napolitano, sobre os meios de proporcionar aos reinos ouro e prata em abundância (1613)”. O Sr. Dühring aceita isso sem hesitação e pode, em consequência “considerar”, o *Breve Trattato* de Serra como “uma espécie de epígrafe à entrada da prehistória moderna da economia”. A essa “gentileza literária” limita-se, de facto, o seu estudo do *Breve Trattato*, mas, infelizmente, as coisas se passaram na realidade de outro modo, essa “gentileza literária” limita-se, de facto o seu estudo do *Breve Trattato*, apareceu *A Discourse of Trade*, etc., de Thomaz Mun. Essa obra teve, desde a sua primeira edição, a significação particular de ser dirigida contra o antigo “sistema monetário”, então ainda defendido como prática do Estado, na Inglaterra, e representa, portanto, a “emancipação” conscientemente praticada pelo sistema mercantil, de sistema que lhe tinha dado origem. Sob a sua primeira forma, a obra teve já várias edições e exerceu influência direta na legislação. Na edição de 1664, completamente refundida pelo autor e aparecida após a sua morte sob o título de *England's Treasure*, etc... continuou sendo, por mais de cem anos ainda, o evangelho mercantilista” (2).

### A Importância da Economia Política Marxista

As leis do desenvolvimento da sociedade, diz Segal, foram descobertas por Marx e Engels, que demonstraram a necessidade histórica do socialismo e da ditadura do proletariado como forma de transição do capitalismo para o comunismo. Uma das partes mais importantes dos estudos de Marx-Engels é a sua teoria econômica, que trata do desenvolvimento das relações de produção em conexão com o das forças produtivas.

“A confirmação e aplicação mais profunda, mais completa e mais detalhada da teoria de Marx estão contidas na sua teoria econômica” (3).

Marx e Engels dirigiram sua atenção, principalmente, para o estudo das leis do desenvolvimento e da queda do capitalismo, com o objetivo de encontrar os meios adequados para a emancipação do proletariado.

“A teoria marxista pretende, como finalidade direta, descobrir tôdas as formas de antagonismos de classes e de exploração do homem na sociedade moderna; o estudo de sua evolução e a demonstração de seu caráter transitório e da iminência de transformação de uma forma social em outra, de modo a servir assim ao proletariado, para que este possa exterminar a exploração o mais rápida e facilmente possível” (4).

A doutrina econômica de Marx é, pois, a arma teórica poderosa na luta de classes do proletariado para a destruição do capitalismo e a edificação do socialismo.

(2) Engels — *Anti-Dühring*, págs. 310-11.

(3) Lênin — *O Marxismo*, pág. 11.

(4) Lênin — *Obras Completas* — Todo I — Ed. Russa — pág. 218.

Marx e Engels viveram numa época em que estas contradições não tinham ainda alcançado seu grau máximo de desenvolvimento. Não puderam, por consequência, analisar as atuais modalidades das contradições, aparecidas na fase superior e final da evolução capitalista, ou, seja, no imperialismo. Lênin é que teve a seu cargo realizar essa tarefa.

Apoiando-se nas leis do desenvolvimento do capitalismo descobertas por Marx e Engels, Lênin demonstrou que o imperialismo é o capitalismo agonizante, em putrefação. Provou que, na época do imperialismo, a revolução proletária se converte numa necessidade urgente e prática. Mais ainda, que, sob as condições imperialistas, a vitória do socialismo, em primeiro lugar, num só país, é possível. Com relação às novas tarefas do proletariado, Lênin aprofundou a análise dos problemas fundamentais do marxismo inclusive os princípios essenciais da economia política (5).

Stálin desenvolveu o marxismo-leninismo de acordo com as tarefas do proletariado na época da crise geral do capitalismo e da edificação do socialismo na URSS (6).

(5) A desigualdade de desenvolvimento do capitalismo, que é inerente à economia burguesa, torna possível a revolução social ser deflagrada primeiramente num único país, o qual pode não constituir um dos países mais desenvolvidos do “sistema”, basta que seja, porém, o “elo mais débil da corrente”, como diz Lênin. Tal lei, que se cumpre tendo em vista a crise geral do capitalismo, determina não só a possibilidade da revolução se consolidar num só país, como também de, nesse país, a construção da sociedade socialista alcançar a altos níveis. Os trotskistas, levados pela lógica da oposição, pretendem negar isso, praticamente. Existe hoje, e está aumentando, outra tendência também contra-revolucionária, que se forja e se desenvolve ao calor da chamada “oposição da oposição”. Essa “teoria” desvirtua, pelo seu exagero, a tese marxista-leninista, que estamos estudando, chegando a afirmar que a vitória da revolução num único país, é tudo ou quase tudo quanto a própria revolução mundial; que ele se basta a si mesmo; que somente de maneira muito secundária se apoia no movimento revolucionário internacional, e que a situação interna do país socialista não sofre, de modo algum, a influência das sobrevivências fascistas no resto do mundo. É fácil verificar, dentro dos princípios revolucionários marxistas, que essas duas modalidades de desvio contra-revolucionário, o trotskismo ou “esquerdismo”, de um lado, e o “direitismo”, de outro, saindo por portas diversas da posição revolucionária consequente, representam ambas, entretanto, facetas do mesmo fenômeno: o oportunismo contra-revolucionário. Somente na aparência são antagonônicas as duas tendências oportunistas. Na prática, elas se alimentam mutuamente, perturbando a realização das tarefas da construção do socialismo na URSS e da luta contra o capitalismo nos demais países com as atitudes de “oposição” e “oposição da oposição”.

(6) Com relação aos perigos da atual post-guerra, a “teoria da oposição da oposição”, ou, em termos mais concretos, o direito no movimento revolucionário manifesta-se pela degeneração do pacifismo

## O caráter classista das escolas econômicas

Diremos duas palavras sobre cada uma das escolas econômicas (as principais), para, logo depois, desenvolver a exposição geral da escola marxista.

A *Escola Liberal* resolve o nosso problema desta maneira: As relações humanas — diz ela — são regidas por leis naturais, imutáveis, que são as melhores possíveis. O salário favorece o operário, porque o liberta dos riscos da empresa. Não nega que o salário é frequentemente insuficiente e é de desejar vê-lo aumentar, mas, para isso, é necessário que o contrato de trabalho seja mais livre (isto é, que o Governo não proteja o operário com salários mínimos). Liberdade de contrato. *Laissez faire, laissez passer* (Deixai fazer, deixai passar).

Não é necessário ser marxista para notar que esta teoria defende os interesses da classe industrial com argumentos infantis, principalmente quando diz que os “operários não sofrem os riscos da empresa” e, embora haja desigualdade social e econômica, o operário ganha no que se refere à igualdade jurídica (Liberdade de contrato).

A Escola Liberal é conservadora e falsa. Conservadora porque os privilegiados desejam que nada se modifique, que se detenha a evolução histórica; é falsa porque não se pode pensar da mesma maneira dentro de um palácio e dentro de uma cabana.

A *Escola Marxista*, frente a esse problema, estuda honesta e corajosamente as leis da produção capitalista. *Demonstra, cientificamente, a existência da exploração do homem pelo homem. Ao lutar contra a exploração, defende os interesses da classe trabalhadora. Lutando ao mesmo tempo pela abolição completa do regime do salariado e, portanto, das classes sociais, defende as aspirações dos não exploradores, isto é, da imensa maioria de homens, de todos os que não têm interesses anti-humanos: defende as aspirações de toda a humanidade.*

*Doutrinas intermediárias* — Entre essas duas escolas encontra-se uma quantidade de doutrinas intermediárias.

O *Cristianismo Social* pretende resolver o nosso problema procurando conciliar patrões e operários, mas sob um regime de privilégios para o patrão. Afirma que o salariado é um estado normal e até providencial. “Pelo salário, o rico faz o pobre viver” — dizem eles. Deseja conservar a ordem atual com a propriedade privada, a herança, o salariado, etc. Esta doutrina procura levar a classe média à defesa de “corporações de patrões e operários”, onde, no fim de contas, predominaria o patrão. Além disso, essa doutrina acalenta o povo na fé de um mundo eterno extra-terreno, frente ao qual o mundo terreno de nada vale, é insigni-

— revolucionário, numa espécie de pacifismo pequeno-burguês. Diante da oposição extremista, que se manifesta contra o aproveitamento, por meio da diplomacia, das rivalidades interimperialistas, a “tendência” dos pacifistas é favorável a uma superestimação do valor da diplomacia, como, por exemplo, da ONU e de outros organismos semelhantes.

ficantemente reduzido e nele devemos sofrer resignados pois seremos por isso recompensados no outro mundo. À custa de uma promessa de felicidade no outro mundo, exige, em troca, que nos deixemos explorar impiedosamente neste mundo.

O *Solidarismo* resolve o problema do salariado de uma maneira característica da classe média: a vacilação, o ecletismo. Deseja a abolição do salariado e do regime capitalista; mas, por outro lado, preconiza a conservação da ordem social atual, do individualismo econômico, pretendendo negar a luta de classes. “Uma República livre, de proprietários iguais”, como disse o bom Rousseau. Tal era o programa do Partido Radical da França (Congresso de Nancy, 1907; art. 15: “Fomenta todas as instituições pelas quais pode fazer valer seus direitos o proletariado: conseguir o desaparecimento do salariado e chegar à propriedade individual, condição mesma de sua liberdade e de sua dignidade”). Hoje, este partido da classe média, dirigido por líderes, entre os quais já existem grandes capitalistas, não consegue iludir ninguém.

Estas doutrinas demonstram claramente os interesses de classes. Mas existem outras, que aparecem devido à luta das classes dominantes entre si.

Há economistas que sustentam ser a agricultura a única fonte de riqueza de um país, e os impostos e cargas fiscais deverem recair sobre a indústria, que nada mais faz senão transformar os produtos da agricultura. Defende os interesses dos possuidores de terra contra os industriais.

Henry George afirma o contrário: que a terra é um dom da natureza e produz por si mesma, e é injusto que os possuidores de terra explorem a sociedade. Preconiza um imposto único sobre a terra até chegar à nacionalização da mesma e... se liberte a indústria de todo e qualquer imposto...

David Ricardo, desejando diminuir os salários, quer diminuir os preços dos produtos rurais, etc.

Por fim, existe uma categoria de “economistas” salafários que semeiam a confusão, pois deformam a doutrina econômica marxista, usando uma fraseologia marxista, para depois refutá-la com êxito, etc. Temos aqui os seguintes exemplos:

*Stanley Jevons*, como sabemos, afirma que as crises são provocadas pelas manchas do sol. Com que fim usa essa expressão? Apenas para disfarçar o facto de que provém do atual regime de produção capitalista.

*Spann* deforma a doutrina de Marx. Afirma (como burguês que é) que o regime capitalista é melhor do que o socialista (pág. 210); que o marxismo contém uma essência diabólica (que horror!) (pág. 212) e o divino Spann arranja uma solução divina: o regime corporativo hierárquico (pág. 230 — *História das doutrinas econômicas*).

*Gustavo Cassell* fez um livro de 900 páginas (*Economia Social Teórica*), em que ele desenvolve idéias partindo não do valor, mas da formação do preço.

— E o preço de que depende?

— Do custo de produção.

— Bem! E que é custo de produção? Que é força de trabalho?



permiti que ele vos algeme as mãos com as quais haveis de derrubar esse regime. Como vêdes, o processo de substituição de uma ordem social por outra não é, para os comunistas, um processo simplesmente espontâneo e pacífico; mas um processo complicado, durável e violento. Os comunistas não podem sinão levar em conta os factos. (Da entrevista de Wells com Stálin, em 23-7-934.)

QUE E' A RIQUEZA? — “Que é, com efeito, a riqueza coletiva, a fortuna pública? E' a riqueza da burguesia, e não a de cada burguês em particular. Pois bem! Os economistas não fazem outra coisa senão demonstrar como, nas relações de produção tais como existem, a riqueza da burguesia se desenvolveu e como deve, ainda aumentar. Quanto às classes operárias, é ainda uma questão muito contestada a de saber se sua condição melhorou depois do crescimento da riqueza pretensamente pública. Se os economistas nos citam, em apoio de seu otimismo, o exemplo dos operários ingleses que trabalham na indústria algodoeira, eles não vêem a sua situação senão nos raros momentos de prosperidade do comércio. Estes momentos de prosperidade estão, nas épocas de crise e de estagnação, na “justa proporcionalidade” de 3 para 10. Mas talvez ainda, falando de melhoria, os economistas tenham querido falar destes milhares de operários que tiveram de perecer, nas Índias Orientais, para proporcionarem ao milhão e meio de operários ocupados na Inglaterra na mesma indústria três anos de prosperidade sobre dez.” (Marx — *Miséria da Filosofia*, pág. 94).

LIBERDADE... — ... “liberdade é o conhecimento de que cada um de nós conta, ao mesmo tempo, como fim e instrumento, com amplo espaço na sociedade permitindo-nos realizar nossas próprias decisões, experimentar conosco mesmos, por-nos à prova segundo nossas inclinações. Assim, nasce nossa liberdade da sensação de um amplo horizonte que podemos sondar, de abertas oportunidades e ocasiões nas quais podemos encontrar a verdadeira significação de nossa vida. Um homem é livre na sociedade quando o funcionamento das instituições que a regem lhe assegura sua esperança criadora que o convida a levar a termo uma finalidade em que encontra sentido e euforia”. (Harold Laski — *Reflexões sobre a Revolução de Nossos Tempos*).

## A Filosofia ao Alcançe de Todos por Cécile Chagnon

### PRIMEIRA LIÇÃO

#### DEFINIÇÃO DA FILOSOFIA

##### a) A filosofia é impopular

A filosofia, concebida em seu desenvolvimento sistemático, é impopular, disse um filósofo do século XIX; sua atividade misteriosa parece, aos olhos profanos, uma agitação tão extraordinária quanto inútil; a filosofia lembra um professor de magia, cujas conjurações ressoam solenemente, mas não são compreendidas.

Nada mais exato que isso.

A filosofia é considerada, pela grande maioria dos homens, como um estudo hermético e inacessível. Inacessível pelo seu próprio objetivo, a filosofia parece especular sobre abstrações: a natureza do homem, a origem do universo, o bem e o mal. Inacessível pela sua linguagem, pela sua terminologia. O filósofo emprega palavras que não são da linguagem comum; só os iniciados podem penetrar nesse templo: “um professor de magia”.

A filosofia é impopular porque parece que não serve para nada, que não é útil à vida; quasi sempre representa-se o filósofo como um homem de gabinete, um sonhador, um desajeitado, um homem incapaz de um ato prático, incapaz, por exemplo, de bater um prego na parede, de manejar um fuzil, incapaz de tomar parte na vida política.

Essa concepção é muito velha: o autor cômico da Grécia antiga — Aristófanes — representava Sócrates, o filósofo, sentado numa cesta e suspenso entre o céu e a terra, passeando através das nuvens. E, num diálogo de Platão, um jovem aristocrata de Atenas, Calicles, que se destina a brilhante carreira política, diz a Sócrates, o velho filósofo andrajoso: “Não tens vergonha, Sócrates, não tens vergonha de, na tua idade, ainda filosofares? E' uma distração sadia para os jovens, é um estudo que serve para embelezar o espírito, mas que não convém a um homem de idade madura!”

Tal é ainda a convicção da maioria de nossos contemporâneos.

Muitos desprezam a filosofia: pensam que ela de nada serve.

Outros, um tanto patetas, a admiram como uma magia impenetrável.

Mas não há dúvida que essa reputação da filosofia tem algum fundamento. E' que, desde seu alvorecer, há grande número de perversões filosóficas, de filosofias envenenadas. Há uma grande quantidade de obras filosóficas ilegíveis ou inteiramente desprovidas de interesse real para todo aquele que não seja historiador da filosofia.

Nunca lereis certos tratados de Aristóteles, certos diálogos de Platão, as *Súmulas* de S. Tomaz de Aquino, a *Monadologia* de Leibnitz, os livros do filósofo nazista Heidegger, nem tão pouco nenhum dos manuais usados nos nossos liceus. Ao lado dessas perversões, há uma filosofia sadia. Vamos procurar defini-la.

b) *Definição da filosofia*

No dicionário enciclopédico de d'Alembert e Diderot, obra do século XVIII, encontra-se esta definição: *Filosofar é encontrar a razão das coisas, ou, pelo menos, procurá-la.*

A filosofia realmente tem sido, desde seu nascimento, na antiguidade, uma tentativa de explicação das coisas pela sua razão de ser. Há duas maneiras de explicar o mundo: pelos deuses, e temos a religião; pela razão de ser das coisas, e temos a explicação científica ou filosófica. Eis um exemplo dessas duas maneiras de explicar as coisas:

— O relâmpago e o trovão eram, para os antigos, a manifestação da cólera de Júpiter, o senhor dos deuses: quando êle se zanga e franze a testa, a terra treme, o trovão ribomba e o relâmpago alumia.

E' a explicação religiosa.

— A explicação científica é a que ensina a razão de ser do relâmpago: resultado de modificações elétricas da atmosfera.

Segundo exemplo: no século XIX, o entomologista Fabre explica o instinto como sendo obra da bondade de Deus. Hoje, o instinto é explicado pela ação do meio sobre um organismo.

A filosofia, no seu nascimento, confunde-se com a ciência. E' uma tentativa de yarrer os deuses do universo. E' uma empreza audaciosa e revolucionária; a resolução heróica de explicar como efeito de causas naturais tudo aquilo que percebemos: de explicar o mundo pela água, pela terra, pelo fogo, ou, melhor, pelos movimentos dos átomos e sua combinação.

*Da filosofia nada se esconde. Ela faz sua, a profissão de fé de Prometeu: numa palavra, tenho ódio de todos os deuses* (1).

A filosofia dos tempos antigos é a que, mandando de volta os deuses para os seus regabofes no Olimpo inacessível, procura a razão de ser dos dias e das noites: é a astronomia. Procura o porquê da flutuação dos corpos: é a física; procura o motivo das doenças dos seres vivos: é a biologia e a medicina.

Nos tempos modernos, quando, no século XVI, depois de um longo sono das ciências, a filosofia renasce, sustentada pelas descobertas técnicas e geográficas, com a derrubada do feudalismo e a constituição da burguesia nascente, o filósofo é novamente aquêle que procura explicar as coisas pela razão, pelas relações matemáticas: e, então, o filósofo é o sábio.

(1) Karl Marx — *Œuvres philosophiques*, t. I, pág. XIV. Editor Costes, 1927 — *Différence de la philosophie de la nature chez Démocrite et chez Epicure.*

O ilustre filósofo do século XVII, Descartes, é um matemático, um físico e um médico. Mas, na segunda metade do século XVII, alguns filósofos, traindo o espírito filosófico, tentam completar a explicação científica, ao seu ver insuficiente, por uma explicação metafísica. E' o ponto de partida de uma "filosofia embriagada" como diz Feuerbach no século XIX, em seus primeiros ataques a Hegel. A partir desse momento, existirão uma "filosofia embriagada" e uma "filosofia sóbria": uma filosofia que é essencialmente metafísica e uma filosofia que é a reação contra a metafísica.

*Que é metafísica?* E' o estudo (se assim se pode dizer) de tudo o que se encontra fora do universo sensível, tudo o que não se pode ver, nem escutar, nem tocar: Deus, a alma, o bem e o mal, etc.

No domínio da metafísica, o método de pesquisa não pode ser nem a observação nem a experiência: é um método de puro raciocínio, limita-se a considerar objetos imóveis, idênticos a si mesmos, separados uns dos outros por divisões eternas e opostos aos seus contrários, que se excluem eternamente.

Um exemplo: o mal. O método metafísico consiste em definir o mal em si, o mal eterno, igual a si mesmo através do tempo e do espaço, absolutamente contrário ao bem, que o exclui: o método metafísico consiste em raciocinar sobre a origem do mal, a natureza do mal, etc.

*Para os metafísicos, as coisas e seus efeitos intelectuais — as noções — são objetos de análise isolados, devendo ser considerados uns depois dos outros, uns sem os outros: objetos invariáveis, fixos, imóveis, estabelecidos uma vez por todas. E' o pensamento por antítese, sem nenhum meio termo; exprime-se por sim ou não; fora disto, nada vale. Para o metafísico uma coisa existe ou não existe; uma coisa não pode ser, por sua vez, ela própria e outra que não ela. O negativo e o positivo se excluem inteiramente. A causa e o efeito estão em direta oposição um ao outro* (2).

Ora, esse método metafísico é falso, não corresponde à realidade.

As coisas não são imóveis e imutáveis na natureza. Não encontramos pares de contrários que se excluam. Por exemplo: não se pode opor a vida à morte como contrários... Sabe-se agora que a vida dos seres não é possível sem uma luta perpétua das células, uma destruição, uma morte contínua. A vida contém em si a morte e, reciprocamente, a morte engendra a vida: o humus fecunda a terra e alimenta as plantas vivas.

*Quando submetemos ao exame do pensamento a natureza ou a história da humanidade ou a nossa própria atividade mental, o que se nos apresenta imediatamente é o quadro de um entrelaçamento infinito de relações, ações e reações, onde nada fica o que era, onde estava, como estava; onde tudo se move, se transforma, muda e passa* (3).

Nada é imóvel nem imutável. Exemplo: o bem e o mal. Esses conceitos variam em cada sociedade e a cada momento de evolução de uma sociedade.

(2) Engels — *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*, "in" *Introdução ao Estudo do Marxismo*, Edit. Calvino Ltda.

(3) Engels — *Anti-Dühring*, pág. 7 — Edit. Calvino Ltda.



A filosofia sóbria dá uma razão às coisas, dá razão sempre à experiência e nega a metafísica, que não está de acordo com a experiência. Ela é uma máquina de guerra contra a metafísica.

*A filosofia, entretanto, não pôde permanecer igual à ciência.*

A partir do século XVIII, o desenvolvimento científico foi tal que a especialização se fez obrigatória no trabalho científico. Cada ciência ligou-se a objetos cada vez mais particulares, com sua aparelhagem própria, seus métodos específicos separando-se dos outros e se individualizando (matemática, física, química, biologia).

Vemos, pouco a pouco, todas as ciências, como crianças necessariamente ingratas, afastarem-se do seio de sua mãe, a filosofia.

*Desde o século XIX, que é a filosofia? (entenda-se: a filosofia sóbria).*

1. E', inicialmente, como que um prolongamento das ciências: ela estuda problemas os mais gerais, enquanto cada ciência estuda problemas particulares. Por exemplo: a filosofia estuda o problema da matéria. Procura realizar a síntese dos resultados obtidos pelos físicos, os químicos e os matemáticos: a filosofia estuda a natureza do instinto por uma síntese dos resultados obtidos em botânica, zoologia, paleontologia, ecologia.

2. A filosofia é, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre as ciências, e sobre todos os trabalhos humanos. Ela procura definir os métodos das ciências, as relações que existem entre as ciências e as profissões, entre as ciências, as profissões e as belas artes. A filosofia esforça-se por encontrar as razões do desenvolvimento do pensamento humano, achar e definir suas etapas.

Assim, a filosofia não é uma disciplina hermética e misteriosa. Seu objetivo é concreto: a matéria, o instinto, o progresso das ciências, o desenvolvimento dos instrumentos e das máquinas. Sua linguagem é a das ciências ou a da história. Não há, não deve haver uma gíria filosófica. Seu método é o das ciências ou de todas as práticas bem conduzidas; é a observação e a experiência. Nada, portanto, que cause repulsa ou terror.

Há uma razão pela qual todos devem decidir-se a estudar filosofia. Ela é a única disciplina que, pela sua generalidade, pode proporcionar-nos um método geral de raciocínio, um método geral de pensar.

Ela permite-nos adquirir um método de pensar sobre o mundo, o homem e a sociedade humana.

a) *Um método para pensar sobre o mundo*

A filosofia livra-nos de todas as superstições que ficam dentro de nós contra a nossa vontade; dessa detestável tendência para atribuir ao universo um desejo secreto, uma aspiração, um mistério profundo.

Quantos de nós experimentam ainda, observando os movimentos de certas plantas ou os instintos dos animais, uma espécie de admiração religiosa? Alguns leram os livros de Fabre, onde o entomologista se esquece de observar para admirar as "maravilhas do instinto" e declara que essas maravilhas são impenetráveis.

A filosofia impede-nos a utilização desse método de pensar sobre o mundo e demonstra que ele é falso.

b) *A filosofia facilita-nos a aquisição de um método de pensar sobre o homem.*

Ainda nesse terreno, conservamos milhares de superstições: o mistério aterrador de uma alma eterna ou o mistério ainda mais terrífico do pecado original, o mito da queda do homem, tornado incapaz de conhecer coisa alguma: o homem decaído e impotente.

A filosofia desenraíza esses erros e ensina cientificamente o que é o homem; demonstra suas possibilidades, demonstra sua grandeza e seu poder indefinido.

c) *Só a filosofia nos permite adquirir um método de pensar sobre a sociedade humana.*

Utilizando todas as descobertas da história, a filosofia nos ensina o que é o progresso; entendamos por isso não uma hipótese sistemática e metafísica que se poderia chamar de otimismo, mas um progresso tal que se pode observá-lo e experimentá-lo; o progresso cientificamente analisado sob suas três formas:

1 — O progresso material: o aperfeiçoamento das condições de vida com o aperfeiçoamento dos instrumentos e das máquinas.

2 — O progresso intelectual: progresso da explicação científica.

3 — O progresso moral: progresso da consciência, aumento da dignidade humana e das liberdades.

Vou resumir: devemos todos estudar filosofia porque ela nos dá um método geral de raciocínio. E' nosso dever não deixar esse privilégio para um pequeno número de estudantes que, além do mais, muitas vezes podem empregá-la num mau sentido, perdendo-se pelo labirinto da metafísica, da qual Voltaire dizia:

*As discussões metafísicas parecem balões cheios de vento que uns contendores jogam nos outros: as bexigas estouram, e nada mais resta.*

*(Ver a 2.ª lição no próximo número.)*

● ●

O PARTIDO SE FORTALECE, DEPURANDO-SE — Neste XVIII Congresso estão representados cerca de 1.600.000 membros do Partido, ou sejam 270.000 membros menos do que no XVII Congresso. Mas nada de ruim existe nisso. Ao contrário, assim é melhor, já que o Partido se fortalece limpando as imundícies de suas fileiras. O Partido é atualmente um pouco menor quanto ao número de membros, mas, em compensação, é melhor em qualidade.

Esta é uma grande conquista.

(Stálin — Do Infor. ao XVIII Congr. do P.C. (b) da URSS.)

## *Ignorância e Reacionarismo*

O Sr. José Maria Belo, em 29-5-1946, publicou no *O Jornal* um artigo sob o título *O clima do comunismo*, no qual se lêem as seguintes "belezas":

1.<sup>a</sup> — O Sr. Luiz Carlos Prestes declarou há dias, creio que na Assembléia Constituinte, não ter ilusões sobre a impossibilidade da implantação do comunismo no Brasil. Sendo o nosso país um dos mais atrasados do mundo, faltar-lhe-ia o ambiente necessário à integral vitória da doutrina extremista. Noutros termos, equivale a asserção do senador carioca a esta estranha tese: o comunismo é uma dádiva somente permitida aos povos de alto nível de riquezas e de alta civilização... As nações pobres e incultas como o Brasil têm de penar ainda por muito tempo no gurgatório do regime capitalista...

A afirmação de Prestes, qualquer operário brasileiro comunista bem o sabe, está rigorosamente certa, porque se refere aos dias atuais. A interpretação do Sr. Belo é que é feia, por ser falsa, visto que ele estende pelo tempo e pelo espaço aquilo que se refere apenas a uma determinada época. Atualmente, no Brasil, é impossível uma revolução comunista, porque não há condições objetivas e subjetivas que a permitam. Não depressa essas condições se verifiquem, a revolução se fará, independente da "bela" opinião do Sr. Belo.

2.<sup>a</sup> — Até hoje só conhecemos uma experiência histórica da realização prática de um Estado marxista: a da Rússia. Desta forma, deduz-se da proposição do Sr. Prestes que o antigo Império dos tsares era, na época dos "Dez dias que abalaram o mundo" o país mais rico e civilizado da terra. Tendo atingido o máximo de "capacidade produtora" e de "concentração industrial", a Rússia anterior a 1917 preencheria exatamente as condições econômicas que, segundo Marx, permitiriam a expropriação radical das riquezas pelas massas proletárias e a conseqüente vitória do Estado sem classes sociais. O que era temporão na opulenta Inglaterra, na ultracivilizada França, na superindustrializada Alemanha ou nos supercapitalizados Estados Unidos, estava maduro na autocracia russa... Temos, pois, que refazer os nossos julgamentos vulgares sobre os países da Europa ao tempo da primeira guerra mundial.

O Sr. Belo faz uma "bela" salada russa, no trecho acima, além de falsamente atribuir a Prestes conclusões que este jamais expressou. Realmente, o Sr. Belo tem que "refazer os seus julgamentos vulgares" sobre assuntos sérios como seja o marxismo. Acaso, algum dia o Sr. Belo leu algo sobre a teoria do elo mais fraco, no cadeia imperialista, de Lênin, brilhantemente confirmada na prática, com a vitória da Revolução de Outubro? Que culpa temos nós da sua ignorância?...

3.<sup>a</sup> — O Sr. Prestes prefere firmar-se num velho postulado marxista — o capitalismo destruindo-se a si mesmo pela sua excessiva concentração — contra uma comesinha realidade da história contemporânea — a vitória do comunismo justamente num país de organização medieval, de precaríssima estrutura econômica, no qual nem sequer chegara a

criar-se a burguesia a ser expropriada... A afirmação do senador carioca sobre o atraso do Brasil para a floração e frutificação do comunismo é, pois, simples e grosseiro despistamento.

O Sr. Belo julga-se um grande intelectual e alguns pacóvios da sua classe acreditam. Entretanto, qualquer estudante primário sabe que a Rússia de 1917 estava mais adiantada que o Brasil de hoje de pelo menos 50 anos, possuía uma burguesia altamente desenvolvida e um proletariado industrial com mais de dois milhões de membros, altamente concentrado como em nenhum outro país. É claro que com tanta ignorância o Sr. Belo tenha que julgar as afirmações de Prestes pelo gabarito da calúnia, à falta de argumentos sérios e sábios.

4.<sup>a</sup> — Se o comunismo é um ideal inatingível em nosso meio, é preciso procurar um sentido ainda secreto à ação do Sr. Prestes e dos seus fanatizados. Concorrer, por exemplo, para a consolidação das instituições democráticas. Trabalhar pela melhoria das condições econômicas do país. Lutar contra as criminosas deturpações do capitalismo e do liberalismo econômico. Auxiliar o acesso das massas populares às comodidades materiais da vida...

A condicional do Sr. Belo é tão somente dèle, de sua exclusiva responsabilidade. Nenhum comunista brasileiro, e muito menos Prestes, jamais afirmou que o comunismo é um ideal inatingível para os brasileiros. Pelo contrário, todos estudiosos do marxismo sabem que também o Brasil, a seu tempo, chegará à etapa do comunismo. O que os comunistas brasileiros afirmam é que HOJE, na atualidade, não é possível realizar-se uma revolução comunista no Brasil, antes que sejam criadas as condições necessárias para tanto. Não há nada de secreto, como supõe o Sr. Belo, com a sua bela ignorância, em Prestes lutar pela consolidação das instituições democráticas; trabalhar pela melhoria das condições econômicas do país; lutar contra as criminosas deturpações do capitalismo e do liberalismo econômico; auxiliar o acesso das massas populares às comodidades materiais da vida; não há nada de secreto e escuso "seu" Belo, pelo contrário, é tudo claro, evidente e digno, pelo menos para as pessoas esclarecidas. Com tal programa de ação progressista, é que marcharemos mais rapidamente para o socialismo, embora se tenha de enfrentar a ignorância e o reacionarismo de Belos e quejandos... que querem manter o Brasil em atraso, para melhor explorarem o seu povo.

Poderá o Sr. Belo dizer que essa formulação e ação de Prestes é "contraditória". Mas esse mesmo caráter "contraditório" não existe, para os comunistas, no problema do Estado? É uma comparação acessível à inteligência primária do "seu" Belo. Desejam os comunistas, no futuro, a extinção do Estado. São, porém, na atualidade, "ao mesmo tempo, pelo fortalecimento da ditadura do proletariado, que representa o Poder mais vigoroso e mais poderoso de todos os poderes estatais que existem até hoje. O mais alto desenvolvimento do poder estatal, com o objetivo de preparar as condições necessárias à sua extinção: tal é a fórmula marxista. É isso "contraditório"? Sim, é "contraditório". Mas essa contradição é coisa viva e reflete integralmente a dialética de Marx." (Stálin Sobre os desvios no terreno do problema nacional — "in" O marxismo nacional e colonial, pág. 338, Vitória, 1946.)



Assim agem os comunistas no Brasil: lutam pelo seu rápido progresso, desenvolvimento, para que se criem as condições necessárias para a libertação das massas trabalhadoras, do povo, sob a direção do proletariado, da sua vanguarda, no mais breve espaço de tempo possível.

Enquanto isso, a ignorância e o reacionarismo de muitos tudo fazem para nos manter escravos das formas semi-feudais da nossa economia e do capital financeiro colonizador.

• •

LÊNIN E A OPERA — “Vladimir Ilitch gostava muito de música. Durante um certo período de minha vida, havia em minha casa bons concertos. Algumas vezes, Chaliapine vinha cantar, podia-se ouvir Meitchik, Romanovski, o quarto de Stradivarius, Kussevitski, etc... Convidei Vladimir Ilitch, porém ele estava sempre ocupado. Uma vez disse-me com sinceridade: “Certamente me seria muito agradável ouvir música, mas acontece que ela me entristece. De algum modo me é até dolorosa”. Lembro-me de que o camarada Tsiurupa, que conseguira arrastar duas vezes Vladimir Ilitch a um concerto onde tocava aquele mesmo pianista Romanovski, disse-me igualmente que Vladimir Ilitch gostava muito de música mas que ficava visivelmente emocinado escutando-a. “Muitas vezes, tive de demonstrar a Vladimir Ilitch que o Grande Teatro não nos custava relativamente muito caro; entretanto, como ele insistia, reduzi os subsídios. Vladimir Ilitch obedecia a duas razões. Uma delas, ele a formulou imediatamente: “Não se deve despender grandes somas para manter um teatro tão luxuoso quando nos faltam meios para manter o mais modestamente possível escolas nas aldeias.” A segunda razão, ele indicou-a quando, no decorrer de uma reunião, discordei de seus ataques ao Grande Teatro. Acentuei que o Grande Teatro tinha uma incontestável significação sob o ponto de vista da cultura. Então Vladimir Ilitch pôs-se a piscar maliciosamente os olhos e disse: “Entretanto, é um pedaço de cultura puramente feudal, e isso ninguém pode contestar”.

Não se deve daí deduzir que Vladimir Ilitch se mostrasse desfavoravelmente hostil à cultura do passado. Toda a pompa da Opera, que lembrava a atmosfera da corte, parecia-lhe especificamente feudal. Quanto à arte do passado em geral e ao realismo russo em particular Vladimir Ilitch muito o apreciava. Vladimir Ilitch nunca erigiu suas simpatias ou suas antipatias estéticas em princípios rígidos.” (Lunatcharski, *Lênin e a Arte*, 1924. Coletânea de artigos).

•

EM GRANDES ÉPOCAS HISTÓRICAS, vinte anos equivalem a um dia, escrevia Marx a Engels, enquanto que podem aparecer dias que concentrem em si vinte anos.

## QUE É DEMOCRACIA?

O Sr. João Mangabeira foi paraninfo dos bacharéis bahianos de 1944. Teve oportunidade de proferir uma oração, da qual destacamos os trechos referentes à Democracia, os fundamentos da Democracia, Democracia Política, Liberdade e Igualdade e Democracia Socialista, certos de que a maioria dos nossos leitores neles encontrarão preciosos ensinamentos.

Não é fácil definir a Democracia, tanto tem ela evoluído ao longo dos séculos. E divergem os doutores quanto à sua definição. A Democracia parece ter então a complexidade, a indefinibilidade, que Santo Agostinho, em suas *Confissões*, proclamava em relação ao tempo, numa frase que atravessou a história: *Si nemo ex me queret scio, si querente explicare velin nescio* — isto é: “Se a respeito dele ninguém me pergunta, sei o que é; se, perguntado, quero explicar, já não o sei”.

Felizmente, porém, a Democracia, apesar do uso criminoso de seu nome pelos regimes fascistas, no intento vão de cobrir a prostituição com o manto da vestal — a Democracia tem linhas certas e precisas que a caracterizam e a definem. No que dissentem as opiniões é quanto à largueza do seu conceito. Será um regime, como querem muitos, entre os quais Barthelemy, por exemplo? Ou será uma forma de governo, segundo Maine ou Lincoln? Ou sobretudo um método, como ensinam Kelsen ou Schumpeter? Ou um “conceito de vida associada”, conforme Dewey? Ou “um sentimento, o da dignidade humana”, como pensa Waite, num livro cujo título é *What is Democracy?* Ou, como afirma Lindsay, em *The Modern Democratic State*, “uma teoria de sociedade e uma teoria de governo?” Ou, como, há um ano, expunha Sanderson num ensaio publicado na *American Sociological Review* — “um conceito muito mais amplo que o de liberdade política, sufrágio universal e governo representativo, porque é um processo para um sistema ideal de relações, que evolverá, no futuro, como evoluiu no passado; que repousa primeiramente em nossas atitudes para com os outros e é profundamente uma fé num sistema desejável de relações humanas”?

A Democracia é tudo isso. Mas todo esse processo se desenrola partindo de princípios conhecidos, embora condicionados pela estrutura econômica da sociedade.

Não mentia Pércles quando, no famoso discurso que Tucídides salvou para a imortalidade, assim afirmava: “Nós chamamos nosso governo democracia porque a cidade é administrada pela maioria e não por poucos. E embora, de acordo com a lei, todos sejam iguais nas suas relações privadas, nas eleições para os cargos públicos os mais capazes são preferidos, não pelo seu nascimento, mas por seus méritos. Além disso, a liberdade é o princípio da nossa vida pública”. Pércles tinha razão quando classificava Atenas de Democracia.

Nem procede a crítica levantada por certos professores e, sobretudo, por muitos apedreiros de que sendo, na cidade grega, a grande massa humana composta de escravos, por isto mesmo Democracia ali não poderia haver. É que os anos não de passar de abilde sobre a verdade expressa

por Marx na *Crítica ao Programa de Gotha*: "O direito jamais se elevará acima do nível da organização econômica e do desenvolvimento da civilização que ela condiciona". E, na organização econômica baseada na escravidão, o escravo não é uma pessoa. Aristóteles classifica-o de "um instrumento movente". E, em seguida, o grande filósofo estabelece na sua *Política*: "O uso que se faz dos escravos e dos animais domesticados não difere muito, porque ambos contribuem para as necessidades da vida com a prestação do seu ocupo".

E foi por isso que ele pôde considerar Atenas uma Democracia e afirmar no capítulo segundo do livro primeiro que, "nos Estados democráticos, os cidadãos governam e são governados ao mesmo tempo, porque a idéia de Estado democrático leva em si a igualdade dos cidadãos". E, ainda no capítulo quarto do livro terceiro, precisa que "nas Democracias o povo é quem governa". E' que ao pensamento grego e de acôrdo com sua estrutura econômica baseada na escravidão, o escravo não era um cidadão, nem uma pessoa, nem sequer um homem. E por isto mesmo o filósofo, comentando um verso de Hesíodo, afirma que "o boi é o escravo do pobre". Poderia ter escrito "o escravo é o boi do rico". Boi e escravo eram instrumentos da produção e nada mais. Desta estrutura econômica não poderia o direito elevar-se até considerar o escravo uma pessoa, um cidadão. Mas entre os homens, como tais reconhecidos, a Democracia política tinha por base o govêrno da maioria, mediante o voto e a discussão na Ágora. Era isso que distinguia os gregos dos bárbaros. Na *Odisséia*, Homero classifica os ciclopes de bárbaros, porque não tinham Ágora para suas deliberações. E ainda hoje é o que diferencia um povo livre de um povo escravizado.

Povo livre é o que obedece a leis feitas pelos representantes que êle escolhe, reunidos em assembléia onde a discussão é livre. Povo escravizado é o que tem um govêrno que lhe é impôsto pela fôrça e sofre as leis que um homem ou uma camarilha lhe decretam. E' dentro dessas linhas que a Democracia tem evolvido e poderá evolver até a socialização dos meios de produção. Tudo, porém, partindo de um mínimo, sem o qual a Democracia deixa de existir.

## OS FUNDAMENTOS DA DEMOCRACIA

Aqui (Salvador), em 1910, emitiu Rui Barbosa êste pensamento profundo: "Tôdas as coisas mudam sempre sôbre uma base que não muda nunca." Vejamos, quanto à Democracia, como ela muda sôbre uma base que não muda nunca. Detenhamo-nos sôbre o seu mais longínquo conceito, expresso no livro de Heródoto — O Pai da História. E' assim que ali nos fala Otanes, opinando sôbre o govêrno da Pérsia, após a vitória de Dario: "Minha opinião é que nenhum de nós deverá ser rei. Como poderia a monarquia ser um govêrno bem organizado, se permite a um homem, que não tem contraditores, fazer o que quiser? O melhor dos mortais, investido de autoridade tal, se afastaria do bom senso no sentido normal. Parece que um ditador não deveria ter inveja, pois tem tudo quanto pretende.

Mas o contrário exatamente acontece. Despreza os competentes e cerca-se dos incapazes. Dá ouvido fâcilmente à calúnia e escuta os delatores.

"Mas o pior de tudo é que muda fâcilmente as leis da pátria. O govêrno democrático leva o mais belo dos nomes — a isonomia (a igualdade ante a lei e a justiça). Não comete nenhum dos excessos do monarca. Na Democracia, os magistrados são eleitos e as deliberações tomadas em comum. Voto pela abolição da monarquia e para que se eleve o povo soberano ao poder; porque aí tudo depende da maioria".

Voai, agora, por sôbre vinte e cinco séculos e tomai o livro dêste ano de um dos maiores sociólogos e constitucionalistas americanos, Charles Beard, e vereis que êle estabelece a Democracia política sôbre quatro fundamentos:

"1.º — O povo é a fonte de todo o poder político e os eleitores escolhem diretamente os principais agentes do govêrno.

"2.º — Tôdas as leis são feitas pelos agentes escolhidos pelos eleitores.

"3.º — Em períodos fixos, todos os principais agentes do Govêrno, pelo menos os do Executivo e do Legislativo, devem deixar os postos ou, se querem neles continuar, devem submeter-se e submeter suas ações a uma decisão popular nas urnas.

"4.º — Nestes processos, todos os votantes são iguais e o candidato que recebe a maioria dos votos toma posse do posto."

E pouco depois ainda acrescenta:

"Embora exista uma diferença técnica entre tirano e ditador, ambos são, em inglês, a mesma coisa. Ditador ou tirano é a pessoa que se apossa do poder político pela traição ou pela fôrça; que o mantém e o exerce segundo a sua vontade ou o seu capricho, enquanto disto é física ou moralmente capaz; que não está sujeito a nenhum freio, ou restrição, salvo o medo, e que não pode ser posto fora do cargo sinão por uma revolução."

Vêde bem: são 2.500 anos. De um lado, a Pérsia e, do outro, os Estados Unidos. Mais, em ambos os países, para os opinantes, a base última e fundamental da Democracia é a do govêrno da maioria, com liberdade de voto e de crítica. E' que tôdas as coisas mudam sôbre uma base que não muda nunca. Se o regime não tem êste mínimo de base, democrático não é. Porque tem outra base. No primeiro era a liberdade, no segundo é a opressão. Por isso mesmo, um professor alemão, Heimen, dizia que o conceito da Democracia é a direção e o do fascismo a dominação.

## DEMOCRACIA POLÍTICA

Êste o mínimo característico de Democracia política — regime de govêrno da maioria mediante livre deliberação dela própria ou de representantes de sua livre escolha. Mas, ao longo do tempo, a Democracia política evoluiu e já não é exclusivamente a livre deliberação da maioria por todos os meios da palavra livre. Porque o domínio da maioria, embora garantida por tôdas as liberdades inerentes à deliberação livre, pode



ser, todavia, uma forma de opressão. O arcebispo de Canterbury — doutor Temple — via claro, quando afirmava que “o teste da Democracia não é tanto o governo da maioria, quanto a possibilidade da existência legal das minorias”. Era o que dizia, um século antes, Stuart Mill, levando o princípio ao seu último extremo: “Se tôda a humanidade, menos um, fôsse de uma opinião, não estaria a humanidade mais justificada em reduzir ao silêncio tal pessoa, do que esta, se tivesse fôrça, em fazer calar o mundo inteiro”.

Assim, a Democracia política pode, na época atual, definir-se como o regime representativo de governo da maioria, com a segurança legal da possibilidade de representação, crítica e fiscalização das minorias. Mas, para a existência de tais possibilidades, é indispensável a garantia da liberdade de palavra e de propaganda por todos os meios a isto adequados e da liberdade de associação, inclusive a da organização de partidos, com tôdas as conseqüências que isto importa. Mas a base de tudo isto seria a igualdade política e a igualdade perante a lei, asseguradas numa Constituição sagrada pela vontade popular, na manifestação livre do voto. Porque a liberdade fundamental é a política, expressa no voto, e sem a qual tôdas as outras são precárias, porque não estabelecidas pelo povo, que, por seu sentimento jurídico, limita o Estado, reduzido a um dos meios de segurança e desenvolvimento social e, por isto mesmo, impedido de atentar contra certos atributos essenciais do indivíduo, como pessoa humana. Se, porém, a liberdade política desaparece, com ela perecem de facto tôdas as outras, dependentes do capricho do ditador, que as alarga quando quer ou as restringe e suprime quando entende. E a “liberdade tolerada”, já o disse Rui, “é a mais desbriadora e, portanto, a mais duradoura das formas do cativoiro, porque é o cativoiro sem os estímulos que revoltam contra êle os povos oprimidos”.

Teríamos, então, que Democracia política é o regime constitucional de governo da maioria, que, sôbre a base da igualdade política e da garantia das liberdades civis, assegura às minorias, com o seu direito de representação, o de fiscalização e de crítica.

Mas, ainda assim, teríamos apenas a Democracia política. Por isto mesmo, circunscrita pelo adjetivo, não teríamos a Democracia no sentido amplo do princípio vitorioso no mundo de amanhã. Porque Democracia não é apenas uma fórmula de harmonia entre maioria e minoria. Democracia não é quantidade — é qualidade. Não é número — é substância.

## LIBERDADE E IGUALDADE

E, para que a liberdade política e as liberdades civis, para que a liberdade, em suma, não seja uma palavra vã, cumpre considerá-la em função da igualdade. O Prof. Pollard, em *The Evolution of Parliament*, ensina que a “única solução do problema da liberdade está na igualdade”. Até mesmo porque não há verdadeira liberdade sinão entre os iguais. Era o que sentiam os atenienses, quando respondiam aos emissários da pequena ilha de Melos — “Isso de direito só existe entre iguais. Entre

fortes e fracos, os fortes fazem o que podem e os fracos sofrem o que devem”.

E Cícero, mais de quatro séculos depois: “E’ por isso mesmo que em nenhuma outra cidade, a não ser naquela em que o povo é soberano, a liberdade tem seu domicílio. Nada pode haver, por certo, mais doce que a liberdade; mas se não é igual, nem liberdade é.”

Não foi outro o sentimento da burguesia triunfante, quando, pela Revolução Francesa, decretou a igualdade perante a lei. Foi a abolição de todos os privilégios de nascimento, raça e religião. Daí poder Tocqueville afirmar que o princípio inerente à Democracia não é a liberdade, mas a igualdade. A tese é verdadeira. Mas a revolução burguesa aboliu todos os privilégios, *exceto o da riqueza*. Daí resultou a Democracia capitalista, cuja agonia entra na sua fase final. Nela, ao contrário do princípio de Protagoras, o homem não é a medida de tôdas as coisas. Na religião da desigualdade, o dinheiro é que é a medida de tôdas as coisas. Nem poderia deixar de ser assim, num sistema econômico em que a produção se organiza unicamente para o mercado e com o fito exclusivo do lucro privado. E no mercado pouco importa vender berços ou ataúdes. O essencial é que dê lucro. Por isto mesmo, o produtor dos primeiros deseja recém-nascidos em abundância e o dos segundos, defuntos em quantidade. Mas o lucro se obtém pela exploração da fôrça de trabalho transformada em mercadoria, que se paga com o salário, tanto menor quanto maior é a massa dos desempregados.

Num livro recente, intitulado *Freedom under Good — Liberdade sob Deus* — Monsenhor Fulton Sheen, professor de Filosofia na Universidade de Louvain e na Universidade Católica, da América, e um dos padres que mais têm combatido e com mais ardor o comunismo, assim escreve: “Por sua contribuição individual, recebe o trabalhador um salário, e por sua *contribuição social* nada recebe. E deveria receber. Deveria receber uma retribuição, quando houvesse lucro, pela sua *contribuição social* para a criação da nova riqueza.” E’ quasi que a teoria marxista da mais-valia, sustentada por um dos maiores professores e escritores do clero católico. E, quando a produção para o lucro privado se organiza sôbre a forma das grandes empresas, evidente que, por isto mesmo, elas se transformam em fonte de poder público, pelo vulto dos interesses que dominam e pelo número de pessoas que senhoream. Vê claro Monsenhor Sheen, quando afirma: “*O poder acompanha a propriedade*; e quem tem domínio sôbre coisas tem, em grande extensão, domínio sôbre pessoas”.

E quando tais empresas não são nacionais, ou ficticiamente o são, é de facto outra nação, através de seus agentes, que exerce o poder público no país assim colonizado.

*Power over the public is public power* — poder sôbre o público é poder público, escreve Thawney numa sentença lapidar. E, quando uma empresa, como a *American Telephon and Telegraph Company*, citada por Berle e Means no seu famoso livro *The Modern Corporation and Private Property* — tem 154.000 empregados, 567.914 acionistas e dispõe de fundos de mais de cinco bilhões de dólares, ela constitui de facto “um im-

pério econômico, sem limite geográfico, porém mantido por seu diretório central”.

Claro, porém, que não é preciso atingir este ápice, para que “o império econômico” da empresa privada possa existir e de facto exista. E o que não constitui “império econômico” num grande e rico país, pode assumir esta feição numa nação menor e mais pobre. E quando as empresas de tal sistema ultrapassam, na sua expansão, as raias do seu território nacional e vão exercer sua atividade em solo de outra nação, o imperialismo capitalístico se apresenta, em toda a sua evidência, no estado aparentemente soberano, mas de facto semicolonial. Mas o poder público não deve, sob nenhuma forma, ser transferido a uma entidade privada, que o exerça para enriquecimento privado e sob o objetivo exclusivo do lucro. A verdadeira Democracia impõe que o poder público só deva ser exercido em benefício geral da coletividade e jamais em favor de um grupo de privilegiados. Era o que proclamava, na Corte Suprema dos Estados Unidos, Brandeis, quando asseverava: “A principal objeção contra as grandes empresas é que elas tornam possível, senão inevitável, a autocracia industrial”. E a autocracia subiu de muito com o advento do capital financeiro, que é, na magistral definição de Hilferding, a fusão do capital industrial com o bancário.

Laski — Professor da Universidade de Londres e o maior dos juristas sociólogos da Inglaterra — no penúltimo dos seus livros — *Reflections on the Revolution of our Time* — depois de salientar que “a contradição entre a soberania política do número e a soberania econômica dos privilégios ameaça os fundamentos da lei e da ordem”, pôde asseverar: “Ou a Democracia política deve dominar o monopólio econômico, ou o monopólio econômico dominará a democracia política”.

Torna-se, destarte, cada vez mais evidente o conflito entre a aspiração do homem do povo a participar dos benefícios que a civilização lhe põe aos olhos e a relutância dos ricos em abrir mão dos privilégios, oriundos da contradição de uma economia em que o processo de produção é inteiramente social e o lucro é exclusivamente individual.

#### DEMOCRACIA SOCIALISTA

A igualdade perante a lei é, na Democracia política, uma fórmula vazia, cujo conteúdo e realidade se não de encontrar na Democracia socialista, para cujo reinado marcha o mundo.

Há mais de 40 anos, no caso *Lochner versus New-York*, Holmes, ante a Corte Suprema espantada e Wall Street estarrecida, sustentou, num voto vencido imortal, a doutrina, àquela época singular e hoje corrente, pela qual sentenciava: — “A liberdade de contratar implica a igualdade de condições na discussão do preço”. Era alguma coisa de análogo à realidade contra as aparências que John Toots salientava com o seu amargo sarcasmo: “A justiça na Inglaterra é igual para todos e a ela todos têm acesso livre, exatamente como na Taverna de Londres, contanto que se tenha dinheiro para pagar as despesas”.

E’ que a regra individualista da igualdade perante a lei, proclamada pela burguesia na Revolução Francesa, não corresponde mais ao desenvolvimento das forças de produção do mundo hodierno e por isso mesmo não pode ser a sua fórmula jurídica fundamental. A igualdade perante a lei não basta para resolver as contradições criadas pela produção capitalística. O essencial é igual oportunidade para a consecução dos objetivos da pessoa humana. E para igual oportunidade é preciso igual condição. Igual oportunidade e igual condição entre homens desiguais pela capacidade pessoal de ação e de direção. Porque a igualdade social não importa nem pressupõe um nivelamento entre homens naturalmente desiguais. O que ela estabelece é a supressão das desigualdades artificiais criadas pelos privilégios da riqueza, numa sociedade em que o trabalho é social, e consequentemente social a produção, mas o lucro é individual e pertence exclusivamente a alguns.

E’ o privilégio pelo qual o herdeiro medíocre dirige ou finge que dirige a produção, que o trabalhador, muito mais eficiente e capaz, prepara com o suor do seu rosto e a sua aptidão diretora. Bem sei que me estais a atalhar com o exemplo de homens vindos da pobreza e que alcançaram os postos do comando na alta burguesia. São cada vez mais raros, numa sociedade organizada sobre a base do princípio aquisitivo e com as zonas de exploração livre, em terras ferazes, ou ricas de minério, relativamente extintas. Mas estes raros vencedores, que romperam a muralha dos privilégios e forçaram a cidadela capitalística, são homens excepcionais, servidos por uma saúde de ferro, uma energia de aço e uma inteligência perspícaz, penetrante e poderosa. Somente com esta aparelhagem podem tais alpinistas escalar a rocha abrupta e hostil dos privilégios, que se lhes opõem à subida audaciosa. Mas estas qualidades, e em tão alto grau, raramente se reúnem. Quando elas se congregam, a personalidade excepcional pode tentar a ascensão. Basta, porém, que lhe falte um destes atributos, para que sucumba, exausta, antes do meio da escalada, ou nem tente, sequer, a empresa perigosa. Porque o fundo do vale da pobreza, onde nasceu, é o lugar que a sociedade lhe reserva, deixando-o a olhar de baixo os venturosos dotados de menos atributos naturais do que ele, e que sorriem do cimo da montanha, porque, pelos privilégios sociais, ali abriram os olhos.

Assim, não basta a igualdade perante a lei. E’ preciso igual oportunidade. E igual oportunidade implica igual condição. Porque, se as condições não são iguais, ninguém dirá que sejam iguais as oportunidades. Ao fazerem uma travessia, ninguém poderá dizer que sejam iguais as oportunidades de alcançar o porto distante, entre o nadador vigoroso e pobre, que se lança ao mar, enfrentando as ondas e os tubarões, e o passageiro franzino e rico, que se dirige ao mesmo ponto, cochilando na *chaise longue* de um barco a motor. Mas a desigualdade é social, é artificial. Porque um tem o privilégio da riqueza e ao outro só lhe resta o mar, que ainda não lhe fecharam, e a força muscular, que a pobreza não lhe pôde tirar. Tem razão Laski, quando, no último dos seus livros — *Faith, Reason and Civilisation*, assim nos fala: “Uma sociedade como a nossa, baseada no princípio aquisitivo, não pode satisfazer de qualquer



modo profundo o ideal de fraternidade. Uma vez que ela dá importância aos cidadãos, não pelos serviços que prestam uns aos outros, mas pela propriedade que podem adquirir, é inevitável que ela dará importância não às identidades que eles tenham, mas, sobretudo, às suas diferenças; e todo o mecanismo das instituições legais se destinará, não a dar igualmente resposta à igual necessidade, mas à manutenção de tratamento diferente, que o sistema de propriedade impõe, a necessidades que de facto se percebe serem iguais, logo que a sociedade é ameaçada por um perigo comum”.

E' que, sem a redução da desigualdade econômica ao mínimo possível, nenhum mecanismo político permitirá ao homem comum realizar seus desejos e aspirações. Para isto, a renda social deve ser distribuída de modo que evite a disparidade clamorosa de homem a homem, e o regime atual determina. Para isto, terá o Estado de intervir, e, sobretudo, não poderá permitir que as indústrias básicas tenham por alvo o lucro individual dos seus proprietários e dirigentes.

A sociedade baseada na liberdade contratual será sempre, em grande parte, uma sociedade de classes, e cuja estrutura é defendida em vantagem dos ricos. Cumpre associar o indivíduo no processo de autoridade, isto é, o trabalhador no poder industrial. A exclusão de alguém de uma parcela de poder é, forçosamente, a exclusão daquele dos benefícios deste. Todos deviam e devem, portanto, ter direito a uma parte dos resultados da vida social. E as diferenças devem existir somente quando necessárias ao bem comum. Impõe-se, pois, uma igualdade econômica maior, porque os benefícios que um homem pode obter do processo social estão aproximadamente em função de seu poder de consumo, o que resulta do seu poder de propriedade. Assim os privilégios econômicos são contrários à verdadeira sociedade democrática.

O próprio conceito de liberdade redefine-se através dos séculos, de acordo com as circunstâncias históricas e o desenvolvimento das forças econômicas. E a liberdade, no mundo atual, só existirá de facto quando assentada na segurança e em função da igualdade. E' que a verdadeira Democracia, já o disse Turner, “é o direito do indivíduo de compartilhar das decisões que respeitam à sua vida e da ação necessária à execução de tais decisões”.

Para que a liberdade realmente exista, é preciso que a sociedade se estruture sobre a cooperação e não sobre a exploração. E assim os homens serão livres. (*Revista da Fac. de Direito da Bahia*, vol. XX — 1945.)

COMO AGE VOCÊ? — “O único mal é a exploração do homem pelo homem; a única tarefa, instaurar uma ordem social em que não haja lugar para aquela exploração; o único dever, contribuir para a luta em prol dessa ordem social; a única pauta para julgar a conduta humana, verificar se contribui ou se se opõe à causa do socialismo”. (Do livro *Lênin, sua Vida e sua Obra*, de D. S. Mirski).

# Páginas de Lênin

## SOCIALISMO PEQUENO-BURGUÊS E SOCIALISMO PROLETÁRIO (1)

Na Europa, entre as diversas doutrinas do socialismo, o marxismo conseguiu, hoje em dia (1905), preeminência absoluta; a luta pela efetivação da ordem socialista é orientada quasi inteiramente como luta da classe operária, sob a direção dos partidos social-democráticos. O domínio absoluto do socialismo proletário, baseado nos ensinamentos de Marx, não se firmou, todavia, de uma hora para outra, mas, somente, após luta prolongada com toda a espécie de doutrinas atrasadas, com o socialismo pequeno-burguês, com o anarquismo, etc. Há uns trinta anos, o marxismo ainda não predominava nem na Alemanha, onde, fundamentalmente, preponderavam modos de ver mixtos, ecléticos, intermediários, entre o socialismo pequeno-burguês e o proletário. Nos países latinos, porém, na França, Espanha e Bélgica, no seio dos operários mais adiantados, contavam-se como teorias mais difundidas o proudhonismo, o blanquismo e o anarquismo, que, evidentemente, exprimiam o ponto de vista da pequena burguesia, e não do proletariado.

Qual foi, então, a causa da vitória rápida e completa do marxismo, justamente nos últimos decênios? A evolução total da sociedade moderna, tanto sob o ponto de vista econômico como político, a experiência conjunta do movimento revolucionário e da luta das classes oprimidas confirmaram cada vez mais a justeza dos pontos de vista marxistas. A decadência da pequena-burguesia, que acarreta, inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, a desaparecimento de todos os preconceitos pequeno-burgueses e o crescimento do capitalismo, com o aguçamento da luta de classes dentro da sociedade capitalista, tiveram o efeito de favorecer o mais possível as idéias do socialismo proletário.

O atraso da Rússia explica, de maneira muito natural, a longa sobrevivência das várias doutrinas atrasadas do socialismo em nossa terra. Toda a história do pensamento revolucionário russo, no último quarto de século, é a história da luta do marxismo contra o socialismo pequeno-burguês dos *naródniki* (2). E, se o desenvolvimento rápido e os

(1) O artigo foi inserto no n. 9 da *Nóvaia Jizn*, de 23 (10) de novembro de 1905. A seguinte passagem do artigo foi, então, omitida:

“A liberdade completa e a completa expropriação dos fazendeiros (a confiscação do latifúndio) eliminarão, todavia, a economia de mercadorias? Não, não a eliminarão.” (Ver 10.º parágrafo deste artigo.)

(2) *Naródniks* — (Literalmente: populistas), precursores e, mais tarde, adversários dos marxistas. Os populistas viam, nas antigas ins-

sucessos espantosos do movimento operário russo já deram, também na Rússia, a vitória ao marxismo, no entanto, de outro lado, o desenvolvimento do movimento camponês, sem dúvida alguma revolucionário — sobretudo depois das famosas insurreições camponesas da Pequena Rússia, em 1902 — reviveu um tanto o “naródnikismo” decrépito. Esse “naródnikismo” antiquado, renovado pelo oportunismo-europeu em voga (revisionismo, bernsteinianismo, crítica de Marx) constitui toda a bagagem intelectual original dos chamados social-revolucionários. Por isto, também a questão camponesa se coloca no centro da contenda dos marxistas, tanto com os *naródniki* “puros” quanto com os “social-revolucionários”.

O “naródnikismo” era, em certo grau, uma doutrina conseqüente e rígida. Negava o domínio do capitalismo na Rússia, negava o papel dos operários das fábricas como orientadores do proletariado em seu conjunto, negava a importância da revolução política e da liberdade política civil e pregava, incessantemente, a “subversão socialista” partida da comuna aldeã camponesa, com a sua economia pequeno-camponesa. Dessa doutrina rígida só restam, presentemente, destroços; para compreendermos bem a contenda atual, para que ela não degenerem em palavreiro vazio, temos de considerar sempre os fundamentos gerais, com raízes no “naródnikismo”, dos desvarios dos nossos social-revolucionários.

tuições rurais da Rússia, o *mir*, como unidade camponesa, as bases de uma evolução para o socialismo.

Os *naródniks* (populistas) dos quais Nicolas Mirrailóvski (1842-1904) era o teórico, travavam, na última década do século XIX, uma campanha feroz contra os marxistas. O populismo de 1890 com tendências liberais não é mais do que o populismo revolucionário de 1860-1880.

Os *naródniks*, ao contrário dos marxistas, consideravam o nascimento do capitalismo na Rússia como um fenômeno regressivo. Partidários de uma democracia camponesa, proclamavam — apoiando-se em certas particularidades da vida rural e sobrevivências feudais como o *mir* (comuna agrária) — o caráter específico da história russa. Enfim, à luta de classes, motor da história, eles opunham a concepção individualista dos “lutadores isolados”. (P. Lávrov.)

Desde suas primeiras publicações, Lênin combateu profundamente as teses dos *naródniks*. Em seus estudos: *O conteúdo econômico do populismo*, escrito em 1894 e *Qual a herança que repudiamos?* escrito em 1897, desmascara a utopia pequeno-burguesa de Mirrailóvski, apóstolo do “idealismo subjetivo” que confunde fatalismo com determinismo e pretende que o “objetivismo” do marxismo deve impedi-lo de tomar partido na luta de classes, pois que a história é o produto da necessidade econômica.

Pelo contrário, afirma Lênin, o materialismo desvenda objetivamente as contradições de classes e as necessidades da luta.

“O materialismo implica de algum modo o espírito de partido e obriga, em toda apreciação dos acontecimentos, a colocarmos-nos direta e abertamente no ponto de vista de um determinado grupo social.”

O homem do futuro é, na Rússia, o camponês, julgavam os *naródniki*, e essa maneira de ver se originava, infalivelmente, da crença no caráter socialista da comuna aldeã, da descrença na senda do desenvolvimento capitalista. O homem do futuro é, na Rússia, o operário, afirmavam os marxistas, e o desenvolvimento do capitalismo russo tanto na agricultura quanto na indústria lhes confirma cada vez mais a opinião. O movimento operário na Rússia conseguiu fazer-se reconhecer; no entanto, em relação ao movimento camponês, o abismo entre o “naródnikismo” e o marxismo manifesta-se ainda hoje na concepção diversa desse movimento. Para o *naródnik*, o marxismo é contrariado, justamente, pelo movimento camponês, porque este vem a ser, precisamente, um movimento para a subversão socialista imediata; não reconhece liberdade política civil de espécie alguma; não parte da grande exploração, mas da pequena economia. Enfim, para o *naródnik*, o movimento camponês também é um movimento de facto verdadeiramente socialista e imediatamente socialista. A crença dos *naródniki* na comuna aldeã camponesa e o “naródniki-anarquismo” explicam, perfeitamente, a inevitabilidade de tais conclusões.

Para o marxista, contudo, o movimento camponês não é um movimento socialista, mas democrático. Surge na Rússia, tal como se deu nos outros países, como fenômeno que acompanha, inevitavelmente, a revolução democrática, por seu conteúdo econômico-social burguês. Não se dirige, absolutamente, contra os fundamentos da ordem burguesa, contra a economia de mercadorias, contra o capital. Pelo contrário, dirige-se contra as relações velhas, feudais, pre-capitalistas, da aldeia e contra a grande propriedade feudal, como principais sustentáculos de todos os resíduos da servidão. Assim, a vitória plena desse movimento camponês não suprime o capitalismo, mas cria, ao revés, mais amplo fundamento para o seu desenvolvimento, acelera e aguça o desenvolvimento capitalista puro. A completa vitória da insurreição camponesa pode, simplesmente, estabelecer a base para a república burguesa democrática, na qual só a luta do proletariado contra a burguesia se desenvolverá em toda sua pureza.

Temos, pois, dois modos de ver opostos, a respeito dos quais é mister que se esclareça todo aquele que quiser investigar o abismo substancial aberto entre social-revolucionários e social-democratas. De acordo com um ponto de vista, o movimento camponês é um movimento socialista; de acordo com outro, democrático-burguês. Daí se vê que falta de compreensão os nossos social-revolucionários revelam, quando repetem, pela centésima vez (ver, por exemplo, o n.º 75 da *Revolucionaia Rossia*), que os marxistas ortodoxos sempre têm “ignorado” (dela nada querem saber) a questão camponesa (3). Contra ignorância tão grosseira, só há um recurso: repetir o ABC; expor os velhos modos de ver *naródniki* conse-

(3) Alusão ao artigo de fundo *Os marxistas ortodoxos e a questão camponesa*, do n.º 75 da *Revolucionaia Rossia*, de 28 (15) de setembro de 1905.



qüentes; mostrar, pela centésima e milésima vez, que a diferença de facto não está em querer ou não contar com a questão camponês, em reconhecê-la ou ignorá-la, mas na apreciação diversa do movimento camponês actual e da questão camponês actual na Rússia. Quem diz que os marxistas "ignoram" a questão camponês actual na Rússia é, em primeiro lugar, néscio declarado, pois que todas as obras importantes dos marxistas russos, a começar com *As nossas divergências*, de Plerránov (publicada há mais de vinte anos), apontaram, antes de mais nada, exactamente, as incorrecções dos pontos de vista *naródniki* a propósito da questão camponês; em segundo lugar, quem tagarela sobre a "ignorância" da questão camponês pelos marxistas, prova, apenas, que está querendo fugir à conceituação exaustiva das divergências substanciais verdadeiras: se o movimento camponês actual é um movimento democrático-burguês ou não; se, por sua significação objectiva, se dirige ou não contra os resíduos da servidão.

A esta indagação os social-revolucionários nunca deram resposta clara e decidida e mesmo não a podem dar porque se enredam, desesperadamente, nas malhas das velhas concepções dos *naródniki* e das dos marxistas actuais a respeito da questão camponês actual na Rússia. Justamente por isto os marxistas declaram que os social-revolucionários se colocam no ponto de vista pequeno-burguês (como ideólogos da pequena-burguesia) e que não se podem libertar das ilusões pequeno-burguesas, das fantasias *naródniks* no julgamento do movimento camponês.

Por isto, temos de começar pelo ABC. A que aspira o movimento camponês actual na Rússia? A terra e liberdade. Que significação terá a vitória completa desse movimento? Obtida a liberdade, esta eliminará o domínio dos fazendeiros e da burocracia na administração pública. Depois de se ter apoderado da terra, o movimento camponês entregará o latifúndio aos camponês. A liberdade completa e a completa expropriação dos fazendeiros (a confiscação do latifúndio) eliminarão, todavia, a economia de mercadorias? Não, não a eliminarão. A liberdade completa e a completa expropriação dos fazendeiros eliminarão a economia isolada dos sítios na comuna aldeã ou no solo "socializado"? Não, não a eliminarão. A liberdade plena e a expropriação completa dos fazendeiros eliminarão o abismo profundo entre os camponeses ricos, com muitos cavalos e muitas vacas, e o trabalhador rural, o fâmullo, isto é, entre a burguesia aldeã e o proletariado aldeão? Não, não o eliminarão. Pelo contrário: quanto mais completos a dissolução e o aniquilamento da camada superior (dos fazendeiros), tanto mais profunda será a diferença de classes entre a burguesia e o proletariado. Que significação objectiva terá a vitória completa da insurreição camponês? Essa vitória aniquilará todos os resíduos da servidão, sem excepção, mas de modo algum suprimirá a economia burguesa, o capitalismo ou a divisão da sociedade em classes, em ricos e pobres, em burguesia e proletariado. Por que é que o movimento camponês actual é um movimento democrático-burguês? Porque estabelece, pelo aniquilamento do poder da burocracia e dos fazendeiros, uma ordem social democrática, sem modificar os fundamentos burgueses da mesma sociedade democrática, sem arrazar o domínio do capital. Como é que o operário com consciência de classe, o socialista, se deve portar

em relação ao movimento camponês actual? Deve apoiá-lo, ajudar os camponeses da maneira mais enérgica possível, até o fim, para eliminar inteiramente tanto o poder da burocracia, como o dos fazendeiros. Concomitantemente, porém, deve mostrar aos camponeses que não basta derrubar a burocracia e os fazendeiros. Ao derrubá-los, cumpre, simultaneamente, preparar-se para aniquilar o poder do capital, o poder da burguesia; para tal fim, é mister proclamar, sem demora, em toda a extensão, a doutrina socialista, isto é, marxista, e reunir, agrupar e organizar os proletários rurais para a luta contra a burguesia camponesa e contra a burguesia russa em seu conjunto. O operário com consciência de classe, contudo, pode esquecer a luta democrática pela socialista, ou a luta socialista pela democrática? Não; o operário com consciência de classe chama-se, justamente, social-democrata (comunista, hoje — N.R.), porque compreende a relação de uma luta com a outra. Sabe que outra senda não há para o socialismo a não ser a da democracia, da liberdade política. Aspira, por este motivo, à realização plena e conseqüente da democracia para chegar ao fim visado, ao socialismo. Por que é que as condições da luta democrática não são as mesmas que as da luta socialista? Porque os operários numa e noutra luta sempre hão de ter aliados diversos. A luta democrática éles a fazem junto com uma parte da burguesia, principalmente com a pequena-burguesia; a luta socialista, porém, os operários fazem-na contra toda a burguesia. A luta contra a burocracia e os fazendeiros precisa e deve ser feita junto com todos os camponeses, mesmo com os abastados e médios. No entanto, a luta contra a burguesia, vale dizer também contra os camponeses abastados, só pode ser feita com perspectivas de êxito ao lado do proletariado rural.

Já que recordamos todas estas verdades elementares do marxismo, a cujo estudo os social-revolucionários preferem sempre esquivar-se, ser-nos-á mais fácil apreciar, convenientemente, as seguintes e "novíssimas" objeções dos social-revolucionários contra o marxismo.

"Para que — exclama a *Revolucionaia Rossia* (n. 75) — se precisava ajudar, primeiro, o "camponês em geral" contra o fazendeiro e, depois (isto é, ao mesmo tempo) o proletariado contra o "camponês em geral", em lugar de ajudar, logo de uma vez, o proletariado contra o latifundiário? Em que consiste o marxismo só Alá é quem o sabe."

Este é o ponto de vista do anarquismo ultra-primitivo, puerilmente ingênuo. Com a supressão de toda e qualquer exploração "de uma vez" sonha a humanidade já há muitos e muitos séculos. Semelhantes sonhos, porém, continuaram a ser sonhos, enquanto os milhões de explorados não se começaram a reunir para a luta conseqüente, tenaz e multilateral, pela transformação da sociedade capitalista na direção do próprio desenvolvimento dessa sociedade. Só então é que os sonhos socialistas se converteram na luta socialista de milhões de homens, quando o socialismo científico de Marx associou as tendências transformadoras à luta de uma classe determinada. Fora da luta de classes, o socialismo é palavra vazia e devaneio cândido. Em nossa terra, porém, na Rússia, temos ante nós dois modos de luta diversos de duas forças sociais diversas. Em qualquer lugar em que existam relações de produção capitalistas (e elas existem, saibam os nossos social-revolucionários, até dentro da comuna aldeã cam-

ponesa, até mesmo, por conseguinte, nesse terreno que é, do ponto de vista dos social-revolucionários, o mais "socializado" de todos), o proletariado luta contra a burguesia. O campesinato, como camada de pequenos proprietários do solo, pequenos burgueses, luta contra todos os resíduos da servidão, contra a burocracia e contra os senhores. Essas duas lutas sociais diversas, heterogêneas, só podem passar despercebidas àqueles aos quais a economia política e a história das revoluções no mundo inteiro são algo de todo desconhecido. Fechar os olhos à heterogeneidade dessas lutas com a expressãozinha "de uma vez" é o mesmo que meter a cabeça debaixo da asa e renunciar a qualquer análise da realidade.

Os social-revolucionários, aos quais a rigidez dos pontos de vista dos velhos *naródniki* escapou, já esqueceram também muita coisa da doutrina mesma dos *naródniki*.

"Quando ajuda o campesinato a expropriar os fazendeiros — escreve, então, a *Revolução na Rússia* — o Sr. Lênin sustenta, inconscientemente, a instalação da economia pequeno-burguesa sobre as ruínas das formas já mais ou menos desenvolvidas da economia rural capitalista. Do prisma do marxismo ortodoxo, isto não é "um passo atrás?"

Que vergonha, senhores! Esqueceis, inteiramente, o vosso Sr. V.V.! Ide ao seu *Destino do capitalismo*, ao *Esbôço*, do Sr. Nicolai-on e às outras fontes da vossa sabedoria! Recordar-vos-eis, então, de que a economia senhorial na Rússia tem, ao mesmo tempo, feições capitalistas e feudais. Sabereis, então, que o sistema econômico da "sobrecarga de trabalho", esse resíduo direto do feudalismo, ainda existe. Se quiserdes ter mais um pouco de trabalho e derdes uma olhadela a livro tão marxista ortodoxo quanto o vol. III do *O Capital*, de Marx, ficareis sabendo que a evolução da economia feudal e a sua transformação em economia capitalista não se realizou, nem se poderia realizar em parte alguma sinão através da economia camponesa pequeno-burguesa. Para refutar o marxismo, adotais método já demasiado primitivo, há muito desmascarado: atribuis ao marxismo a idéia caricaturalmente singela de que a economia supercapitalista se originou diretamente da grande economia feudal. Julgais: as colheitas dos latifundiários são maiores do que as dos camponeses; por conseguinte, a expropriação dos latifundiários importa num passo atrás. Esta é reflexão digna de um colegial. Por acaso — pensai um pouco, senhores! — a separação da terra camponesa pouco produtiva da terra fecunda do latifundiário, à derrocada da servidão, foi também "um passo atrás"?

A economia feudal atual na Rússia tem, ao mesmo tempo, feições capitalistas e feudais. A atual luta dos camponeses contra os latifundiários é, em sua significação objetiva, uma luta contra os resíduos da servidão. Querem, porém, contar e pesar cada caso isolado; querem, por assim dizer, determinar, com a balança do boticário, onde, exatamente, acaba a servidão e começa o capitalismo puro, isto significa atribuir aos marxistas a própria pedanteria. Não podemos calcular, ao comprar diveres num regatão, que parte do preço corresponde ao valor do trabalho e que parte do lucro, etc. Mas quererá isto dizer, senhores, que se deva atirar fora, de uma vez, a teoria do valor do trabalho?

A economia feudal atual tem, ao mesmo tempo, feições capitalistas e feudais. Só pedantes podem concluir daí que somos obrigados a pesar, contar e registrar cada caso isolado, de acordo com o seu caráter social peculiar. Só utopistas é que podem chegar à conclusão de que não nos é possível distinguir "por preço algum" as duas lutas sociais heterogêneas. Na realidade, resulta daí uma e só uma conclusão: tanto em nosso programa quanto em nossa tática, temos de unir a luta puramente proletária contra o capitalismo à luta democrática geral (e camponesa em geral) contra o feudalismo.

Quanto mais nitidamente desenvolvidas forem as feições capitalistas no feudalismo atual de semi-servidão, tanto mais forte será a necessidade de organizar independentemente, desde já, o proletariado rural, pois que tanto mais prontamente se manifestará, a cada confiscação, o antagonismo puramente capitalista ou puramente proletário. Quanto mais nítidas forem as feições capitalistas na economia senhorial, tanto mais rapidamente a confiscação democrática levará à luta efetiva pelo socialismo; tanto mais perigosa, portanto, será a falsa idealização da subversão democrática com a ajuda da palavrinha "socialização". Tal é a conclusão a que leva a mistura de capitalismo e servidão no feudalismo.

Assim, pois, fusão da luta meramente proletária com a luta camponesa geral, sem, contudo, confundir uma com a outra. Apoio à luta democrática geral e camponesa geral, sem se restringir a essa luta desprovida de caráter de classe, sem idealizá-la com designações falsas tais como "socialização", sem esquecer também, um só momento, a organização do proletariado, tanto da cidade quanto do campo, em partido de classe da social-democracia inteiramente independente. Esse partido apoiará, de modo completo, a democracia mais resoluta, mas não se desviará do seu caminho revolucionário com devaneios e tentativas reacionárias de estabelecer uma "igualdade" sob o domínio da economia de mercadorias. A luta dos camponeses contra os latifundiários é, agora, revolucionária; revolucionária em todos os sentidos é também a confiscação do latifúndio em dado momento do desenvolvimento econômico e político; também apoiaremos essa medida revolucionário-democrática. Designá-la, porém, por "socialização", iludir-se a si mesmo e ao povo sobre a possibilidade de uma renda do solo "compensadora" sob o domínio da economia de mercadorias, já é utopia reacionária, pequeno-burguesa, que deixamos aos social-revolucionários. (Lênin — *Obras Completas*, vol. VIII, pág. 485, edição em alemão — *Proletarii*, n. 74 — 7 de novembro (25 de outubro) de 1905.)

O PEQUENO-BURGUÊS "agita-se sem cessar... entre a esperança de elevar-se até a classe mais rica e o medo de ser reduzida ao estado de proletários, inclusive de mendicantes". (Engels — *Revolução e Contra-Revolução na Alemanha*.)



## A IMPRENSA "SADIA" FOI SEMPRE ASSIM...

"Manchettes" do diário "Le Moniteur", de Paris, durante o mês de março de 1814, no momento em que Napoleão regressava da ilha de Elba:

- Dia 9 — O monstro escapou do desterro.
- Dia 10 — O facinora da Corsega desembarcou no cabo de S. João.
- Dia 11 — O tigre foi visto em Gap. As tropas avançam por todos os lados para detê-lo. Ali concluirá sua miserável aventura, como um vagabundo nas montanhas.
- Dia 12 — O monstro está avançando pelas imediações de Grenoble.
- Dia 13 — O tirano está hoje em Lyon. O terror apoderou-se de todos, ao saberem de sua presença.
- Dia 18 — O usurpador aventurou-se a aproximar-se a uma distancia de setenta horas de marcha desta capital.
- Dia 19 — Bonaparte avança em marcha forçada sobre Paris.
- Dia 20 — Napoleão chegará amanhã aos suburbios de Paris.
- Dia 21 — O Imperador Napoleão está em Fontainebleau.
- Dia 22 — Sua Majestade o Imperador está no Palácio das Tulherias. Nada pode superar o jubilo produzido por sua chegada.

## OS FALSOS AMIGOS DO POVO

Sempre existiram, em todos os quadrantes da terra e em tôdas as épocas. Conforme o país e seu grau de desenvolvimento, os falsos amigos do povo sempre usaram máscaras diferentes, sempre renovadas, à medida que eram arrancadas pelos verdadeiros amigos do povo ou por força dos acontecimentos sucessivos.

Nos tempos atuais, em que as massas trabalhadoras cada vez mais acentuadamente adquirem consciência social, os mistificadores precisam ser verdadeiros *virtuosos* da mistificação para conseguirem enganar impunemente por algum tempo.

Aqui no Brasil, devido a todo o nosso atrazo cultural e político, os falsos amigos do povo, certamente, não sentiam necessidade de se aprimorar na arte da mistificação, por isso que facilmente enganavam o povo, com recursos "cênicos" pueris e grotescos, não poucas vezes. Essa é a razão, por certo, dêesses falsos amigos do povo mal encobrirem seus desígnios e facilmente serem desmascarados.

A ação do PCB, embora limitada pelos seus pequenos recursos de publicidade, tem, apesar disso, esclarecido amplas camadas do nosso povo, o que tem obrigado os mistificadores a melhorarem sua técnica.

Esse o motivo porque o senador Hamilton Nogueira, eleito com o apoio do clero católico romano e da burguesia carioca, pretende apresentar-se agora perante o povo como seu dedicado, integral e irredutível amigo, ao mesmo tempo que ferrenho inimigo do capitalismo, inevitavelmente explorador, e da democracia burguesa.

É, sem dúvida, no Brasil, uma técnica nova, embora já muito surrada e muito desmoralizada nos países adiantados — fingir colocar-se ao lado do povo no combate ao capitalismo, para melhor defendê-lo, pois que dirige e orienta seus ataques verbais contra os capitalistas, defendendo porém denodadamente as bases em que se assenta todo o capitalismo — a propriedade privada dos meios de produção, cuja posse afirmam ser de vontade divina!

Pode, contudo, o Sr. Hamilton Nogueira, sèriamente, ser inimigo real do capitalismo e da democracia burguesa?

Absolutamente, não, porque êsse senador é um beneficiário do capitalismo e da democracia burguesa, e amparado justamente pelo maior aliado e sustentáculo do capitalismo burguês: a Igreja Católica Apostólica Romana, por sua vez, uma das maiores e mais ricas emprêsas capitalistas e latifundiárias do mundo.

E S.S. já o disse, é repetidamente, que é fiel à Igreja, sôbre a qual não admite discussão, pois nesse assunto é intolerante. Se os interesses do alto clero estão em antagonismo com os do povo, S.S. fica contra o povo, como sempre esteve, aliás, embora tôda sua mistificadora demagogia.

Pensa, porém, o Sr. Hamilton Nogueira, que o povo ainda é crédulo e incapaz de descobrir as suas falsas atitudes de amigo dos que são explorados pelo capitalismo e por isso, solene, afirma:

"Estou de acôrdo com V. Ex. (dirige-se a Prestes), no combate à burguesia capitalista. O capitalismo nada mais é que a cristalização da estupidez humana"... "êsse liberalismo democrático que criou o estado capitalista, que é o terrível monstro do mundo moderno. Neste ponto estou de acôrdo com V. Ex. (dirige-se a Prestes); na verdade deve ser combatido."

A "imprensa sadia", no dia seguinte, abre *manchettes*, e as palavras "terríveis" do Sr. Hamilton Nogueira são publicadas, para que o povo conheça o seu grande amigo.

Não pode, contudo, manter-se em posição de amigo dos expoliados pelo capitalismo rapace, por isso desmascara-se noutra tirada:

"Vou mostrar a V. Ex. (dirige-se a Prestes) que o comunismo erra combatendo o capitalismo."

Por que, entretanto, "o comunismo erra combatendo o capitalismo"?

Porque, explica o senador católico romano, fazendo seu conceito de Fulton, "colocar tôda a propriedade produtiva nas mãos da coletividade não é solução para o problema da propriedade".

Aí, a máscara do mistificador cai. O capitalismo é um monstro e a cristalização da estupidez humana, e mais tremendas diatribes diz o senador clerical, não se esquecendo de acrescentar, porém, que é pecado o povo tocar na propriedade, que é sagrada, no dizer dêle, mas que é também, todos sabem, a base, a única razão de ser do capitalismo, sem a qual não poderá existir e sobreviver.

Fôsse o senador Hamilton Nogueira sincero inimigo do capitalismo e não falso amigo do povo, a única atitude coerente que poderia tomar era a de combater a fonte, a origem, a razão de ser do capitalismo: a propriedade privada dos meios de produção. Fora disso, é pura tapeação.

Finge combater com palavras o efeito: capitalismo; mas defende com ardor e justifica e reclama a máxima violência para que subsista inviolável a causa: a propriedade privada dos meios de produção.

E porque o comunismo preconiza, ataca e luta pela abolição da propriedade privada dos meios de produção, é execrado pelo Sr. Hamilton Nogueira e pela Igreja Romana, que, sem favor, é uma das mais ricas organizações do mundo e a maior beneficiária da riqueza, embora Jesus, que lhe serve de pretexto, haja nascido numa mangedoura...

E porque o comunismo reconhece que o capitalismo é uma etapa necessária no desenvolvimento da sociedade humana, os comunistas brasileiros são preconizadores do mais amplo desenvolvimento do nosso capitalismo para poder assim liquidar, no regime atual, os restos feudais de nossa estrutura econômica e enfrentar o imperialismo ultra-expoliador (o que na aparência para os ingênuos parece ser contraditório), o Sr. Hamilton Nogueira assume uma atitude extremista, porém reacionária e antipatriótica, de combate ao nosso capitalismo, confundindo o progressista com o reacionário, aliado do imperialismo, para assim mistificar as massas e melhor defender as bases do capitalismo, do qual é feliz beneficiário e esforçado defensor.

CIERP.

## SOBRE A EDUCAÇÃO DA MOCIDADE SOVIÉTICA

*Transcrevemos, data venia, a seguir, o editorial de "Bolchevique" (n. 10, de maio do corrente ano), órgão teórico e político do Comité Central do P.C. (b) da URSS, para que nossos leitores possam avaliar o realismo e a sinceridade dos bolcheviques, que não temem a verdade, pelo contrário, buscam-na e lhe dão todo realce, para, à sua luz, resolverem quaisquer problemas.*

*Inegavelmente, a mocidade soviética, cooperando de modo decisivo para a construção do socialismo e derramando seu generoso sangue em defesa da Pátria Soviética, enche de orgulho os velhos bolcheviques, permitindo-lhes dizer: "mocidade assim, como a nossa, não há, nem pode haver, em nenhum país burguês".*

*Mas, justamente por isso, por se tratar de uma mocidade excepcional, também dela se exige um padrão ético excepcional, sem falhas e debilidades. E o Comité Central, ao contrário do que se passa em qualquer país burguês, através do editorial que à seguir transcrevemos, reclama de setores de sua própria mocidade, embora heróica e construtora como nenhuma outra, para que corrija as suas debilidades e fraquezas, que, sem floreios, diretamente, aponta e critica.*

*Muitos burgueses, míopes mentais, valem-se dessas debilidades parciais para generalizar e julgar a URSS erradamente e a difamarem, mas os bolcheviques, por não temerem a realidade, encaram-na como tal e procuram superar tôdas as falhas e defeitos por acaso existentes entre êles.*

*E, por não temerem a verdade, capacitam-se para a vitória final.*

No decorrer dos anos, o Poder Soviético, o partido bolchevique e o Estado Soviético, educaram uma mocidade magnífica, que se notabilizou pelos seus feitos, tanto militares como de trabalho, na construção do socialismo e na defesa da Pátria socialista.

Há 16 anos — em junho de 1930 — o camarada Stálin, no XVI Congresso do Partido, dizia que no País Soviético foram criadas condições tais de trabalho e de vida para os operários, que "nos dão a possibilidade de educar uma nova geração, saudável e alegre, capaz de elevar o poder



do País Soviético à altura almejada e defendê-lo dos inimigos". (*Problemas do Leninismo*, pág. 393 — 10.<sup>a</sup> edição.)

Esta previsão do camarada Stálin realizou-se. Em nosso país desenvolveu-se uma nova geração de jovens, digna de sua grande Pátria socialista. Mocidade assim, como a nossa, não há, nem pode haver, em nenhum país burguês.

Na sociedade burguesa, a mocidade laboriosa é impiedosamente explorada pelos capitalistas e patrões; é-lhe vedado o acesso ao saber, à ciência e à cultura. No período de crise geral do capitalismo, quando se desenvolve o desemprego em massa, crônico, é que piora, sobretudo, a situação da mocidade nos países capitalistas. Muitos milhões de jovens, privados da possibilidade de aplicar as suas energias e capacidade na esfera do trabalho produtivo, tornam-se "desajustados". Na literatura americana, essa mocidade é conhecida sob o nome de "geração perdida". Agora, com o fim da guerra, o desemprego crescente nos países burgueses atinge sempre as grandes massas da mocidade, privando-as dos meios de vida.

E' bem diferente a situação em nosso país, que não conhece as crises nem o desemprego. A mocidade soviética, inclusive a que volta do Exército Vermelho, tem diante de si amplas perspectivas de trabalho criador em prol da Pátria. Nossa mocidade desconhece o trabalho humilhante e opressivo, em benefício dos capitalistas e patrões; ela não tem de suportar as aflições, ligadas às crises e ao desemprego. No país do socialismo não existe essa ausência de perspectivas e incertezas em relação ao dia de amanhã; nem existe a fome, o abatimento moral, frutos do desemprego nos países capitalistas. A nova geração de cidadãos soviéticos são dadas as condições mais favoráveis para o desenvolvimento pleno das suas forças intelectuais e físicas e para o aproveitamento prático de seus conhecimentos e capacidades. A constituição soviética assegura a todos os seus cidadãos — no número dos quais se encontra também a mocidade, — o direito ao trabalho, à consecução de um trabalho garantido; direito ao descanso, direito à instrução. Diante da nossa mocidade está aberto um largo caminho para a vida.

A mocidade soviética, tendo se desenvolvido nas condições da organização soviética, de novas relações entre os homens, nas condições da agitada ascensão da economia e cultura socialistas, distingue-se por altas qualidades morais e políticas.

Nossa mocidade distingue-se, antes de mais nada, pelo profundo sentimento de patriotismo soviético. A mocidade soviética foi educada num país, onde o povo é dono do Estado e o criador da organização social mais avançada; num país onde foram aniquiladas tôdas as formas de opressão do homem pelo homem e abertas imensas perspectivas às forças criadoras do povo. Foi isso que assegurou a extrema lealdade da mocidade soviética para com a sua Pátria socialista, o partido bolchevique e a causa leninista-stalinista.

Em nosso país, as relações entre os homens baseiam-se no princípio da comunidade de interesses de todos os cidadãos da sociedade socialista, na cooperação fraternal e no auxílio mútuo entre os operários, libertos

dos grilhões capitalistas. Ao lado desse traço característico da nossa mocidade, surge a consciência dos interesses comuns do povo e os sentimentos de amizade e companheirismo, gerados pelas condições de vida socialista. No país do socialismo vitorioso não há, para a mocidade, desarmonia nem solução de continuidade entre o ideal e a realidade. As suas idéias nobres são aplicadas à vida, ao trabalho diário, em todos os setores da economia e da cultura. A mocidade soviética ama o trabalho, pois o trabalho, em nosso país, é uma questão de honra, glória, bravura e heroísmo.

Tôdas essas qualidades foram desenvolvidas na mocidade soviética pelo partido bolchevique, por Lênin e por Stálin. No decurso de tôda sua gloriosa história, o partido bolchevique revelou o seu cuidado pela mocidade, pela sua educação ideológica. O Partido educou a mocidade no ambiente das avançadas idéias do marxismo-leninismo, da lealdade para com a Pátria e para com a causa socialista. Os bolchevistas davam à geração o exemplo, servindo abnegadamente ao povo e atraíam a mocidade para a suprema luta contra os patrões e capitalistas, pela vitória do socialismo em nosso país.

Esse imenso trabalho de educação e organização, realizado pelo Partido, deu excelentes resultados. Nos anos dos planos quinquenais stalinistas, nossa mocidade, inspirada nas idéias de Lênin e de Stálin, marchava nas primeiras fileiras dos construtores do socialismo, dando exemplos de trabalho heróico. No período da grande Guerra Patriótica de União Soviética, nossa mocidade revelou uma tenacidade e abnegação sem precedentes, em defesa da Pátria Soviética. Na guerra contra os invasores e subjadores fascistas, a mocidade soviética lutou contra o inimigo com tôda a bravura e ânimo de homens que sabiam que estavam combatendo pela honra, liberdade e independência de sua Pátria socialista. A consciência de sua dívida para com a Pátria e o ardente patriotismo soviético impeliu nossa mocidade a feitos patrióticos imorredouros. As façanhas de Castello, Matrossov, Zoia Kosmodemiánskaia, de dezenas e centenas de jovens guerreiros do Exército Vermelho e de guerrilheiros, surprenderam o mundo. Tornou-se legendário o feito heróico do grupo subterrâneo da mocidade vermelha do Don, na sua luta contra os exércitos alemães de ocupação. Os magníficos feitos dos jovens e destemidos patriotas do país soviético, profundamente leais à Pátria socialista e à causa leninista-stalinista, serão sempre o exemplo vivo que inspirará nossa mocidade nos seus feitos e nas suas nobres causas, em nome dos mais elevados ideais da humanidade.

O ardente patriotismo e a lealdade à Pátria inspiraram a mocidade também no seu heróico trabalho de retaguarda, no período da Guerra Patriótica. Nas circunstâncias mais difíceis, a mocidade do País dos Soviets trabalhava sem descanso para auxiliar a frente, revelando nobreza, heroísmo e capacidade criadora. Dentre os jovens, muitos se destacaram como iniciadores de novos métodos de trabalho, novos meios de elevar a produtividade do trabalho, e são agora conhecidos em todo o país. Os rapazes e as moças soviéticas, que trabalhavam na retaguarda, mostraram-se dignos de seus pais e irmãos que combatiam heróicamente nas frentes da Guerra Patriótica.

Nas sangrentas e obstinadas batalhas, no heróico trabalho dentro das fábricas e nos kolrózes; — em toda parte a mocidade revelava grande firmeza moral, determinação e obstinação na defesa da Pátria e lealdade ao partido leninista-stalinista.

Após o vitorioso término da Guerra Soviética, nossa mocidade, juntamente com a geração mais velha, aplica todas as suas forças e energias para executar e ultrapassar o plano quinquenal de restauração e desenvolvimento da economia nacional e na construção do comunismo. Do ponto de vista dessa questão fundamental é que os soviéticos avaliam cada passo de sua atividade prática. Se durante a guerra a mocidade soviética trabalhava sob o lema: "Tudo pelo front!", agora, no período de reconstrução, entusiasmo a construção, o heroísmo do trabalho pacífico, que conduz nosso país a novas alturas de desenvolvimento econômico e cultural pelo caminho que tem por meta o comunismo. Esse entusiasmo revela-se na luta da mocidade por uma nova elevação da produtividade do trabalho.

O destacamento avançado da mocidade soviética é o *Komsomol* leninista-stalinista. — "A União da Mocidade Comunista, — dizia Lênin, — deve ser o grupo de choque, que preste auxílio em qualquer trabalho, revelando iniciativa e tomando a dianteira".

Nos anos de construção pacífica, os membros do *Komsomol* colocaram-se na vanguarda da mocidade na grande competição de trabalho: nas fábricas, nas construções de fábricas, nos "kolrózes e soverrózes e nos transportes. E nos anos da Guerra Patriótica os membros do *Komsomol* se encontravam nas primeiras fileiras dos defensores da Pátria nas frentes e estavam também à frente da mocidade que trabalhava na retaguarda. Agora, no período de trabalho pacífico de após-guerra, os membros do *Komsomol* se encontram novamente na vanguarda da mocidade soviética, dando exemplos de trabalho abnegado em prol da Pátria.

\* \* \*

No seu discurso do 3.º Congresso inter-russo do *Komsomol*, Lênin declarava que "é a mocidade que se deverá desincumbir da verdadeira tarefa de construir a sociedade comunista". Mas, para tanto, a mocidade deve estudar persistentemente e dominar os conhecimentos. "Diante de vós, — dizia Lênin, dirigindo-se à mocidade, — está a tarefa da construção, e vós só a podereis executar, dominando todos os conhecimentos de hoje..."

O comunismo só é realizável, apoiado num alto nível do desenvolvimento das forças produtivas. Para continuar, com sucesso, a obra de construção socialista, isto é, a desenvolver a indústria, a economia rural, o transporte e elevar o nível de cultura, é indispensável dominar todas as conquistas da ciência. Sem conhecimentos sólidos, sem a ciência, não é possível criar uma sociedade comunista.

O camarada Stálin acentua constantemente a enorme importância da instrução na construção do comunismo. Para construir — dizia Stálin, no VIII Congresso geral do VLKSM (União Geral Lênin-Comunista da Mocidade), — deve-se dominar a ciência, e, para isto, é necessário estu-

dar. Estudar paciente e persistentemente. Servir-se de todos para aprender — dos inimigos e dos amigos; sobretudo, dos inimigos. "Diante de nós existe uma fortaleza, cujo nome é *Ciência*, juntamente com os seus numerosos ramos de conhecimentos. Esta fortaleza nós a devemos conquistar, custe o que custar. Ela deve ser conquistada pela mocidade, se esta deseja construir uma nova vida e tornar-se a verdadeira sucessora da velha guarda".

No período de transição gradativa do socialismo para o comunismo, a multiplicação das forças produtoras, o progresso ininterrupto da técnica e da organização da produção, exigem dos operários da economia socialista uma alta qualificação produtiva e um preparo cultural geral. A elevação do nível técnico-cultural dos operários até o nível do trabalho de engenheiro-técnico, é uma parte essencial do processo de desenvolvimento futuro das forças produtivas do Estado socialista e da passagem gradativa para o comunismo. Essa questão da elevação do nível técnico-cultural da classe proletária até o nível de operários de tarefas engenheiro-técnicas, exige de nossa mocidade um trabalho persistente, no sentido de adquirir um domínio sobre os conhecimentos, a ciência e a experiência técnica.

Para a vitória do comunismo, ao lado de um elevado grau de instrução geral e de conhecimentos técnicos, é necessário conhecer as leis do desenvolvimento da sociedade e as leis que regem o estabelecimento de novas relações entre os homens. Este conhecimento nos é dado pela ciência marxista-leninista. Por isso, a educação de nossa mocidade no espírito da concepção do mundo marxista-leninista é um problema capital.

No seu discurso do 1.º Congresso dos camponeses kolozianos de choque, o camarada Stálin convocava a mocidade a instruir-se e a estudar o leninismo. O camarada Stálin dizia que a instrução é uma coisa adquirível. "Hoje não se a tem e amanhã se a terá. Por isso, a questão é estudar, estudar sempre o leninismo. Camaradas, membros do *Komsomol*! Estudai o bolchevismo e arrastai convosco os hesitantes! Conversai menos e trabalhai mais e vencereis na certa". (Stálin — *Problemas do Leninismo* — pág. 420 — 11.ª edição).

Elevando por todos os meios o seu nível técnico-cultural, dominando os conhecimentos de suas especialidades, os rapazes e as moças soviéticas devem estudar incessantemente a ciência marxista-leninista.

No seu relatório ao 18.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, o camarada Stálin acentua ser indispensável que os operários de todas as especialidades dominem a teoria marxista-leninista.

"... Não pode ser considerado um verdadeiro leninista o indivíduo que se considera como tal, mas que está limitado à sua especialidade, limitado, digamos, à matemática, à botânica, ou à química, e que não conhece nada além da sua especialidade. O leninista não pode ser apenas especialista num ramo da ciência por ele preferido; ele deve ser, ao lado disso, um homem de espírito público e de atividade política, que se interesse vivamente pelos destinos de sua Pátria e esteja familiarizado com as leis do desenvolvimento social, sabendo aproveitar-se dessas leis e as-



pirando ser um participante ativo da direção política do país". (Stálin — *Problemas do Leninismo* — págs. 598-599).

A teoria marxista-leninista é o compasso certo que orienta as atividades do nosso Partido e de todo o povo soviético. Não se pode progredir na edificação do socialismo, na organização socialista da sociedade, sem dominar o marxismo-leninismo.

As organizações do Partido e do *Komsomol* têm por dever auxiliar nossa mocidade a assinalar a concepção do mundo marxista-leninista e o conhecimento das leis que regem a evolução da sociedade. É preciso auxiliar nossa mocidade a assinalar a riqueza de idéias contidas nas obras dos clássicos do marxismo-leninismo, nas obras de Lênin e de Stálin. A primeira publicação dos trabalhos de Stálin, editados por uma resolução do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, foi um grande acontecimento na vida cultural de nosso país, e teve grande significação para a educação e para a integração marxista-leninista da mocidade soviética. O primeiro volume publicado dos trabalhos de Stálin traz uma grande luz à luta dos bolchevistas nas vésperas da revolução de 1905-1907, contra os opressores do povo e os inimigos do leninismo e mostra o papel e o valor do partido marxista na direção política da classe proletária. Nos seus trabalhos, o camarada Stálin levanta e defende os princípios fundamentais dos ensinamentos marxistas-leninistas. O estudo das obras de Stálin pela mocidade soviética terá uma enorme influência na assimilação, pelas novas gerações, da teoria e história do partido bolchevique e na sua educação comunista.

O desenvolvimento do espírito de amizade entre os povos, ocupa um lugar de grande importância na educação comunista da mocidade. A amizade dos povos stalinistas, que se firmou nos anos do Poder Soviético e que demonstrou a sua força invencível nos anos da Guerra Patriótica, é a pedra fundamental da União das Repúblicas Soviéticas Socialistas. É indispensável desenvolver e fortalecer também no futuro os sentimentos de fraternidade entre os povos, educando a mocidade no espírito dos altos princípios da política nacional leninista-stalinista.

A educação comunista da mocidade exige a compreensão da enorme significação do trabalho em prol da sociedade. A atividade socialista em relação ao trabalho, considerando-o como o primeiro dever, deve ser cultivada sistematicamente em toda a geração que se desenvolve. No processo de produção, na luta pela execução dos planos e resolução dos problemas que surgem nos empreendimentos, nos kolrózes e soverrózes, firma-se e fortalece-se a disciplina socialista do trabalho, forma-se a consciência da comunidade de interesses de cada trabalhador com os interesses da coletividade, com os interesses do Estado e da sociedade em seu todo. A educação da atitude socialista em relação ao trabalho, está intimamente ligada à luta para executar e ultrapassar o novo plano quinquenal.

Um dos importantes problemas do povo soviético é o fortalecimento do poderio militar e econômico do seu país. Convém lembrar que o capitalismo monopolizador é capaz de gerar novos agressores e que os círculos imperialistas estão preparando novos planos de guerra de pilhagem. O dever das organizações do Partido e do *Komsomol* é educar incessante-

mente a mocidade dentro do espírito do patriotismo soviético, do serviço à Pátria, da máxima presteza em defender com bravura a Pátria Socialista e, enfim, cuidar do vigor físico e dos conhecimentos de guerra da nova geração.

\* \* \*

Um papel importante na educação ideológica da mocidade desempenha nossa escola soviética. O Partido Zolchevique, Lênin e Stálin, sempre atribuíram enorme importância à escola, como o fundamento e a fonte de instrução e desenvolvimento cultural do nosso povo. A escola deve armar a mocidade de conhecimentos, em defesa da causa socialista. O Partido Comunista e o Governo Soviético exigem que a escola soviética prepare pessoas instruídas, que dominem bem os fundamentos das ciências e sejam possuidores de conhecimentos sistematizados.

Nos últimos anos, o Partido e o Governo tomaram uma série de resoluções, prevendo considerável melhoramento na orientação do trabalho de instrução e educação nas escolas primárias e secundárias. Com a execução dessas resoluções, a escola soviética obteve certos resultados. No entanto, os resultados alcançados nos sectores da elevação do nível de instrução e da consolidação da disciplina, estão longe de serem suficientes. Ao lado das escolas com o ensino e a disciplina escolar bem organizadas, existem não poucas nas quais o ensino é ministrado em nível muito baixo e os alunos terminam os cursos com conhecimentos insuficientes, e, por vezes até, com um nível de instrução abaixo do desejável. É indispensável aumentar as exigências, não só para com os alunos, mas também para com os professores. Os professores têm por dever enriquecer constantemente os seus conhecimentos, dominar a pedagogia, infundir nos alunos o amor à ciência e altas qualidades político-morais, e fortalecer a ordem e a disciplina nas escolas.

As organizações do Partido, dos Soviets e do *Komsomol* devem levar auxílio prático às escolas e ao professorado, para alcançar um melhoramento radical no trabalho de instrução e de educação; devem esforçar-se no sentido de que cada aluno termine o estudo escolar com êxito.

Papel sério é desempenhado pelas escolas da mocidade operária e camponesa, cuja tarefa é instruir a parte da mocidade que, devido às circunstâncias criadas pela Guerra Patriótica numa série de distritos soviéticos, não pôde receber uma instrução normal em escolas. A rede dessas escolas está se ampliando visivelmente no decurso do novo plano quinquenal e é indispensável estabelecer nelas a orientação de trabalho modelar, a fim de dar aos jovens operários e kolrozianos, que estudam nessas escolas, a dose máxima de conhecimentos.

É também necessário regulamentar a questão da edição dos livros escolares e do material escolar. Os estudantes ressentem-se de uma grande deficiência na literatura escolar. A *Oguiz* (União das Editoras do Estado) da República Russa Socialista Soviética Federativa e a *Utschpedguiz* (Editora Pedagógica Didática), que têm por encargo editar os livros escolares, desencumbem-se muito mal dos seus deveres. Devido à falta de organização e a lentidão dos operários da *Oguiz* e da *Utschped-*

guiz, grande parte dos estudantes não tem material escolar suficiente. Torna-se preciso melhorar radicalmente o trabalho dessas editoras, a fim de suprir completamente os estudantes de literatura escolar.

As organizações do Partido e do *Komsomol*, devem dedicar grande atenção aos estabelecimentos de ensino superior. Os estudantes das escolas superiores são os futuros engenheiros, agrônomos, médicos, pedagogos, os operários da cultura e da arte, das instituições de investigações científicas; eles serão os dirigentes dos diversos sectores da construção soviética. Os estudantes soviéticos, na qualidade de futuros especialistas, devem dominar com afinco a ciência, desenvolver em todos os sentidos a meditação criadora e aprender a aplicar os seus conhecimentos na atividade prática.

O preparo de quadros altamente qualificados para todos os ramos da economia nacional e construção cultural apresenta grandes exigências aos diretores e mestres das escolas superiores. A escola superior soviética é a sede dos conhecimentos científicos avançados. As condições de ensino devem corresponder ao nível atual da ciência. Não pode ser tolerada a situação de certos estabelecimentos de ensino superior, nos quais os operários professores não estudem e contornem em suas aulas as últimas conquistas da ciência e da técnica. Nas escolas superiores devem lecionar pessoas bem preparadas, plenamente qualificadas, que conheçam sua matéria a fundo e acompanhem os progressos da ciência.

Para formar novos quadros de operários científicos e de professores altamente qualificados, é preciso atrair, dentre os moços, os mais bem preparados e capazes para o trabalho científico criador.

Seria desastroso para a ciência se certos cientistas tentassem monopolizar o trabalho científico de investigação de uma ou outra especialidade e não atrassem as novas gerações à atividade científica.

O camarada Stálin ensina-nos que a ciência avançada é a "que não permite aos antigos e reconhecidos mestres fecharem-se desvanecidamente em redomas de pontífices e de monopolizadores da ciência. A ciência avançada é a que compreende a razão de ser, o significado e todo o poder que representa a união dos antigos e novos operários da ciência; a ciência avançada é a que abre voluntária e alegremente todas as suas portas às novas forças de nosso país e lhes dá a possibilidade de alcançar os seus cumes. É, finalmente, a ciência que reconhece que o seu futuro pertencente à mocidade". (Do discurso na recepção aos operários das escolas superiores no Kremlin).

Em seu discurso na reunião preparatória dos eleitores do distrito eleitoral stalinista da cidade de Moscou, a 9 de fevereiro do corrente, o camarada Stálin disse que os nossos cientistas poderão, com o devido auxílio, não só alcançar, mas também superar em pouco tempo as conquistas da ciência, alcançando além das fronteiras de nosso país. A solução desse problema exige grande trabalho e esforços conjugados dos antigos e dos novos quadros de cientistas.

Nossos cientistas devem estar a par das mais recentes conquistas da ciência e da técnica no estrangeiro. O Partido e o Governo criam todas as condições necessárias para que os quadros soviéticos de cientistas e

especialistas tenham o mais amplo contacto com a literatura estrangeira mais recente. Há pouco, o Conselho dos Ministros da U. R. S. S. aprovou a resolução "Sobre a organização de uma casa editora do Estado para literatura estrangeira", que ficou encarregada de editar os melhores livros estrangeiros sobre matemática, física, mecânica teórica, astronomia, química teórica, geologia, biologia, geografia econômica e política, história, história da diplomacia, relações internacionais, economia, direito, filosofia, psicologia, filologia, literatura e arte.

A mocidade soviética deve dominar todas as conquistas da ciência soviética e estrangeira, e aplicá-las na construção do comunismo.

Papel importantíssimo na educação ideológica da mocidade soviética, desempenham nossa literatura e nossa arte. Como factores de influência artística, elas são utilizadas para a formação da concepção do mundo da nova geração. São precisas boas obras literárias, filmes e peças teatrais, que eduquem a mocidade nas magníficas tradições da luta revolucionária dos operários pela sua liberdade, e nos exemplos dos feitos notáveis dos soviéticos nos anos de construção socialista e da Guerra Patriótica. É preciso que os escritores mostrem em suas obras todos os aspectos da vida à mocidade; e que a eduquem nos brilhantes exemplos de patriotismo e de heroísmo no trabalho dos soviéticos. Sobre a participação da mocidade na Guerra Patriótica, temos um bom romance de Fadeiev, *A Nova Guarda* e um filme feliz, intitulado *Zoia*. Precisamos de mais livros de talento, de peças e filmes sobre a mocidade, que desenvolvam o amor pela terra natal e a lealdade aos ideais comunistas.

Os *profsoiuz* têm um trabalho considerável a realizar no sector da educação da mocidade. Para o seu trabalho educacional e cultural os *profsoiuz* (sindicatos dos obreiros), dispõem de todos os meios necessários, como sejam: ampla rede de clubes, bibliotecas, estádios, praças de esporte, etc.. No entanto, estas possibilidades são muito pouco aproveitadas pelas organizações dos *profsoiuz*. Em muitos clubes, o trabalho cultural é mantido em nível pouco satisfatório, a propaganda dos conhecimentos científicos é mal dirigida, não existem os círculos científicos, nem se nota uma atividade artística espontânea da mocidade. As organizações dos *profsoiuz* têm dedicado pouca atenção à educação física da mocidade: numa série de cidades, os estádios se encontram negligenciados. Os *profsoiuz* devem dedicar-se seriamente ao melhoramento do seu trabalho cultural e educacional entre a mocidade.

O *Komsomol* é um organizador e educador espontâneo da mocidade soviética; é a parte mais avançada e ativa da mocidade soviética, educada pelo partido leninista-stalinista. O *Komsomol* tem por dever educar a mocidade dentro da moral comunista, dentro do espírito de grande consciência e organização, formando nela as qualidades nobres e as guerreiras do novo tipo humano.

Faz parte do problema da educação da nova geração a luta contra as sobrevivências do capitalismo nas mentes e nos costumes, a luta contra a infiltração de influências estranhas à mocidade, a luta contra a superstição e os preconceitos, a luta contra a atitude de negligência diante



dos conhecimentos científicos e, finalmente, a luta contra as manifestações de rudeza e de indisciplina.

As organizações do Partido e do *Komsomol* realizaram um grande trabalho no setor da educação da mocidade, elevando sua atividade política e de trabalho. Mas os resultados alcançados não são ainda tranquilizadores. Muitas organizações do *Komsomol* não realizam seu trabalho sistematicamente entre a mocidade; apenas de ocasião em ocasião, não dedicando porém bastante atenção ao trabalho educativo entre a nova geração. Para obter futuros melhoramentos no trabalho das organizações do *Komsomol*, torna-se necessária uma ampla crítica das deficiências desse trabalho.

No período atual de construção pacífica, em que o povo soviético, sob a chefia do Partido Bolchevique, executa a grandiosa obra do novo plano quinquenal, o dever das organizações do *Komsomol* consiste em mobilizar seus membros e toda a mocidade para o abnegado trabalho de restauração e futuro desenvolvimento da economia nacional. O recente plenário do Comitê Central da União Geral Leninista Comunista da Mocidade, convocou todos os membros do *Komsomol* e toda a mocidade soviética para executar e ultrapassar o novo plano quinquenal, como uma etapa importante na criação da sociedade comunista em nosso país.

Os milhões de seres que compõem a mocidade soviética são participantes ativos da construção socialista. Isso obriga as organizações do Partido e do *Komsomol* a manter sempre em foco a questão da educação da mocidade soviética e a revelar o seu cuidado pela mocidade, procurando sempre elevar o seu nível técnico-cultural e político. Do grau do trabalho político-educacional entre a nossa mocidade, dos resultados alcançados na elevação de sua instrução geral e de sua cultura, depende, em grande parte, o sucesso da causa da construção do comunismo.

ESTADO LEIGO E ENSINO LEIGO — O Sr. Leandro Pinheiro — O Brasil é católico. O Sr. Acir Medeiros — A mentalidade brasileira é representada por nós outros (*apoiados e protestos*) que temos o direito de manifestar o nosso pensamento pró ou contra. O Sr. Tomás Lobo — Se a religião é a da quasi totalidade, não há motivo para se querer impô-la à minoria. Aqui quer-se sacrificar a liberdade em nome de uma religião e chega-se ao extremo de declarar que a moral só existe entre os povos católicos. Queremos o regime de plena liberdade de crenças. Invoco, nesse sentido, o testemunho de Santo Agostinho, mestre da religião católica, o qual, pugnando pela liberdade religiosa, lançou o princípio de que só de livre vontade o homem pode crêr, o que exclui qualquer imposição em matéria religiosa, como pretende a maioria acidental desta Casa. O que nós, que representamos o pensamento hostil a qualquer imposição religiosa, queremos, é conservar as conquistas liberais da Constituição de 91: Estado leigo e ensino leigo". (*Trocem-se numerosos apartes*). (*Diário da Assembléia*, 22-6-46).

## A ESTRATEGIA DA FOME

No ano seguinte ao fim da guerra, a população da Europa libertada talvez só não sofreu a escassez de uma coisa: promessas de auxílio americano. O chefe da organização americana de auxílio aos países atingidos pela fome, Herbert Hoover (que por uma estranha ironia do destino era conhecido em seu tempo na República transatlântica pela alcunha de "presidente fome"), percorreu na última primavera o mundo inteiro, com o objetivo de averiguar onde, quem e como se passava fome. Foram feitas numerosas afirmações, tomadas pomposas resoluções e criadas organizações internacionais, com aparelhos gigantescos.

Mas, ai! Nem as resoluções, nem as promessas, nem as viagens ao redor do mundo alimentaram, por enquanto, os famintos. O auxílio americano demonstrou ser uma arma de dois gumes. Há muita parcialidade e muitas restrições na distribuição deste auxílio. Na imprensa mundial, já apareceu uma expressão eloqüente: "a estratégia da fome". As reservas de provisões, as promessas de empréstimos, as negociações sobre créditos, — tudo isto é amplamente aproveitado como recurso de pressão política, que tem por fim impor aos povos da Europa a sua vontade.

Como um dos exemplos mais recentes desse tipo de política, pode ser tomada a história dos créditos para a Polônia, cujos fundos em ouro estão, como se sabe, até agora, nos bancos ingleses e americanos e que ainda não foram devolvidos ao seu legítimo dono, que é o governo polonês.

Após longas negociações, os EE. UU. concederam à Polónia um crédito de 50 milhões de dólares, para a compra dos excessos do equipamento de guerra americano, que se encontra na Europa. A Polónia necessita muito desse crédito. Mas não gozou por muito tempo a generosidade americana. Já em princípios de maio, o Departamento do Estado anunciou que os créditos foram cancelados. O jornal *New York Herald Tribune* noticiou que a resolução fôra tomada logo após a visita do embaixador americano na Polónia, Lein, a Paris, onde, naquela ocasião, se realizavam as reuniões do Conselho dos Ministros do Exterior, e que as atitudes anti-polonesas foram tomadas "em virtude da situação geral existente na Conferência de Paris".

Os representantes do Departamento do Estado acrescentam vários motivos como causa do cancelamento desse crédito, mas a verdadeira razão dessa atitude é ocultada pela imprensa. Assim, o jornal americano "P M", comentando num artigo da redação o cancelamento do crédito à Polónia, diz que os EE. UU. se aproveitarão dos empréstimos para exercer a pressão imperialista. Os círculos americanos oficiais — diz o jornal — afirmam que o objetivo da política de empréstimos é influir na realização da eleições livres e proporcionar a liberdade de imprensa. Em verdade, essa política

Lembra antes a política da luta contra o poder da Rússia e a disposição de apoiar qualquer movimento, dirigido contra a socialização.

Na Polónia, o cancelamento dos créditos provocou uma crítica justa. O jornal *Dzenik Liudovi* declara que o povo polonês, que tanto sofreu com a guerra, merece ser auxiliado não menos que os outros.

O inaudito malabarismo do governo americano nessa questão, — escreve o jornal — provocou perplexidade e indignação em nosso povo. A política atual do Departamento do Estado se afastou muito da política seguida pelo grande presidente Roosevelt, que tinha sentimentos de amizade para com o povo polonês.

Como vemos, a “estratégia da fome” também é uma arma de dois gumes. Ela está longe de sempre produzir os resultados esperados... (Tempos Novos — n. 11, de 1-6-946.)

ANTI-CLERICALISMO — Diz-se do indivíduo ou classe que se opõe à Igreja e particularmente aos padres. As igrejas estão sempre ao lado da classe dominante. As classes dominadas, portanto, em determinados momentos, principalmente de crises econômicas ou sociais, fazem-se anti-clericais. A burguesia francesa fez-se anti-clerical quando lutou para derrubar o regime feudal francês. Voltou, entretanto, a ser filo-clerical, quando se transformou em classe dominante. “O marxismo é o materialismo. Por isso tão implacavelmente hostil à religião como o foi o materialismo dos enciclopedistas do sec. XVIII ou o materialismo de Feuerbach”. “Mas o marxismo não é um materialismo que se restringe ao ABC. O marxismo vai mais longe. Ele diz: é preciso *saber* lutar contra a religião; ora, entenda-se, é preciso explicar, do ponto de vista *materialista*, a origem da fé e da religião das massas.” (Lénin) A posição do marxista que *sabe* lutar contra a religião dependerá sempre das condições do momento e da região em que viva. “O marxista deve saber ter em conta o conjunto da situação concreta; deve saber sempre marcar o limite entre o anarquismo e o oportunismo (êsse limite é relativo, móvel, variável, mas existe), não cair no “revolucionarismo” abstrato, verbal e praticamente ôco do anarquista, nem no filisteísmo; nem no oportunismo do pequeno-burguês e do intelectual liberal, que recebe a luta contra a religião, que esquece a missão que lhe cabe, que se aproveita da fé em Deus, que se inspira não nos interesses da luta de classe, mas num mesquinho e miserável interesse: não repelir, não afugentar, de acôrdo com a velha máxima, sábia entre tôdas: “Viver e deixar viver os outros”, etc. (Lénin).

A FILOSOFIA NÃO ESTA' FORA DO MUNDO — “Os filosofos não brotam da terra como os cogumelos, eles são frutos de sua época, de seu povo, cujos sumos os mais sutis, os mais preciosos, os menos visíveis, se exprimem nas idéias filosóficas. O espirito que constrói os sistemas filosóficos nos cerebros dos filosofos é o mesmo que constrói as estradas de ferro com as mãos dos operarios. A filosofia não está fora do mundo.” (Marx, artigo na *Gazeta Renana*, de 14 de julho de 1842.)

# O que está certo O que está errado

ERRADO — Alguns mecanicistas afirmam ser a matéria, por si mesma, passiva e haver sido dado por Deus o primeiro impulso do movimento. Outros mecanicistas reconhecem o movimento como propriedade inalienável da matéria, negam a Deus, mas não reconhecem tão pouco outra forma de movimento que não seja a mecânica.

CERTO — De acôrdo com êste ponto de vista, escreveu Engels:

“Fôsse qual fôsse o modo pelo qual a natureza havia chegado a existir, uma vez existente permanecia tal como era enquanto existisse. Os planetas e seus satélites, uma vez postos em movimento pelo misterioso “primeiro impulso”, continuavam girando e girando nas elipses prescritas por tôda a eternidade ou, pelo menos, até o fim de tôdas as coisas. As estrelas repousavam para sempre fixas e imóveis em seus lugares, sustentando-se nestes umas às outras pela “gravitação universal”. A terra havia sido a mesma desde sempre ou desde o dia da respectiva criação, conforme se preferisse crê-lo. Os “cinco continentes” atuais haviam existido sempre e haviam tido sempre as mesmas montanhas, vales e rios, o mesmo clima, a mesma flora e fauna a menos que tivessem sido alterados pela mão do homem ou pela transformação. As espécies de plantas tinham sido determinadas para sempre, desde as origens respectivas. Cada espécie gerava sempre a mesma... Tôda transformação, todo desenvolvimento na natureza era negado.” (Engels — *Dialética e Natureza*, págs. 16 e 17, ed. “Problemas”).

ERRADO — Os fascistas afirmam que a URSS é imperialista e deseja impôr ao mundo a sua soberania, com o esmagamento e escravidão de tôdas as nacionalidades, tal como o tentaram a Inglaterra, a Alemanha e, agora, os Estados Unidos.

CERTO — Pode a URSS ser uma nação guerreira, imperialista? Não. Absolutamente, não. Por que? Porque a URSS é um conjunto de países socialistas, em que não existe a propriedade privada dos meios



de produção; portanto, onde não há interesse de lucro capitalista. Os países capitalistas só fazem guerra devido aos lucros imediatos e remotos que as guerras lhes proporcionam. Por consequência, os países socialistas não podem ser imperialistas e tão pouco se interessam pela guerra, muito menos como recurso de obter "lucros", porque não necessitam do lucro capitalista para progredir, o qual não existe no sistema econômico socialista. E muito menos subjugar outros povos para expoliá-los, à maneira imperialista, porque os países vivendo sob regime socialista são livres e independentes como os da URSS, que só acolhe em seu seio países também socialistas. A guerra, pois, só pode interessar aos capitalistas dos países imperialistas como conquista de lucros imediatos e remotos. Não é expressivo que a URSS, desde 1920, após ter expulsado do seu solo os intervencionistas e se firmado no Governo, mais não fez que trabalhar pacificamente para construir o Estado Socialista, até que se viu envolvida nesta última guerra, enquanto os países imperialistas promoviam a guerra do Chaco e diretamente conquistavam a Abissínia, a China, a Tchecoslováquia, etc.? A guerra, todos sabem, é a forma sangüinolenta da luta econômica entre os países imperialistas, cuja economia, para sobreviver, precisa destruir a concorrência, em busca do ar que a revifica, que é o lucro. A economia socialista, soviética, é de paz, porque visa apenas atender às necessidades do consumo. Não persegue o lucro, porque não precisa dele para viver e desenvolver-se. Não caçando o lucro, não entra em conflito com nenhuma outra economia. Logo, seu conteúdo não exige a forma guerra, para a sua expansão. Pelo contrário, a sua forma é a paz, à custa da qual se desenvolverá ininterruptamente.

●

**ERRADO** — Os oportunistas na Rússia afirmavam: o proletariado não se poderá manter no poder se não dispuser de quantidade suficiente de quadros culturais e administrativos preparados, capazes de organizar a administração do país. E' preciso preparar antes esses quadros, sob as condições do capitalismo e depois tomar o poder.

**CERTO** — Lênin lhes replicava: "Mas por que não se pode fazer as coisas de forma a que, antes de se tomar o poder, se criem as circunstâncias favoráveis ao desenvolvimento do proletariado para depois avançar-se a passos agigantados na direção da elevação do nível cultural das massas trabalhadoras, na direção da preparação de numerosos quadros de dirigentes e administradores extraídos do seio do proletariado? Acaso a experiência da Rússia não demonstrou que sob o poder proletário os quadros operários de dirigentes se formam de modo cem vezes mais rápido e melhor do que sob o poder capitalista? Não é porventura evidente que a realidade da luta revolucionária das massas destrói também implacavelmente este dogma teórico dos oportunistas?" (Stálin — *Sobre os fundamentos do leninismo*, págs. 25-26 — Edit. Calvino Ltda. — 1945.)

## MORAL JUDAICA

Todas as morais, pode-se dizer, que os homens criaram no curso das civilizações e dos séculos (1), consequentes do modo de produção dominante em tal ou qual período histórico, obedecem, na forma, e, pois, na aparência, a um destes três moveis:

- 1) *Temor de um Deus ou de varios Deuses;*
- 2) *Imperativo da consciencia*, ou aceitação do dever, sem considerações utilitarias de nenhuma espécie;
- 3) *Busca da felicidade individual ou coletiva.*

Na primeira categoria, incluem-se todas as *morais religiosas*, na segunda, as *morais metafísicas*, na terceira, a *moral utilitaria* e a *moral social*.

Os *moveis* ou *motivos* morais acima indicados são contraditórios entre si; trata-se de uma verdade de enunciação.

Portanto, muito naturalmente, seus protagonistas condenam-se reciprocamente.

Os sectarios das morais religiosas, por exemplo, pretendem que toda moral, que não se relaciona com um Deus e não admite nenhuma sensação extra-terrena, é uma moral falsa. Os moralistas metafísicos respondem a isso afirmando que toda moral baseada no temor de castigos é uma moral de escravos ou de comerciantes; os utilitarios e os socialistas acrescentam que toda moral que se deriva de sanções exclusivamente extra-terrenas, sem se fundamentar nas condições naturais da existencia, é anti-humana e anti-social.

Fazendo abstração das exceções, infalivelmente numerosas — os fenomenos sociais, tão complexos, estando sempre misturados de antagonismos contraditórios e de sobrevivencias — as *morais religiosas* sempre presidiram na forma os inícios de todas as civilizações até aqui.

As morais metafísicas fizeram sua aparição quando a elite intelectual da humanidade protestou contra a sujeição das almas, contra aquilo que os epicuristas chamaram, tão expressivamente, *o terror dos Deuses*.

Enfim, as morais utilitarias e sociais foram preconizadas no momento em que o pensamento humano, libertado e tendo desmascarado os pretensos reveladores religiosos, se sentiu bastante senhor das forças naturais para concluir a possibilidade de felicidade na terra, única esperança racional do genero humano.

Entretanto, graças às complexidades sociais acima assinaladas, acontece que em nossa época, no brilho da civilização, os três grandes moveis morais existem concomitantemente, e, como não podia deixar de ser, e disputam todos o domínio das consciências. Convem, pois, com maior razão, examinar o fundamento das pretensões respectivas de seus defensores, levados ao estado de guerra, muitas vezes impiedosas e cruentas, em face uns dos outros.

O ponto de partida de toda moral, dizem-nos os protestantes judeu-cristãos, está no *Decálogo*, revelação divina que a fraca e falsa sabedoria humana jamais atingirá. "*Sou o Eterno, teu Deus, que te fez sair do país do Egito e da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de*

meu rosto. Não farás imagens talhadas nem representação alguma das coisas que estão lá no alto, nos ceus, em baixo, sobre a terra, mais baixo que a terra, nas águas. Não te prostrarás diante delas e não as servirás; pois eu, o Eterno, teu Deus, sou um Deus ciumento que castiga a iniquidade do pai sobre seus filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam e que faço misericórdia até a milésima geração daqueles que me amam e que observam meus mandamentos.

Não invocarás em vão o nome do Eterno, teu Deus; pois o Eterno não deixará sem castigo aquele que invoca seu nome em vão.

Recorda-te do dia de repouso para santificá-lo; trabalharás seis dias e farás toda a tua obra.

Mas o sétimo dia é o dia de repouso do Eterno, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem tua serva, nem teu gado, nem o estrangeiro que está em tuas portas, pois em seis dias o Eterno fez o céu e a terra, o mar e tudo aquilo que lá está contido, e repousou ao sétimo dia. Eis porque o Eterno abençoou o dia de repouso e o santificou.

Honra a teu pai e a tua mãe a fim de que teus dias se prolonguem no país que o Eterno, teu Deus, te dá.

Não matarás.

Não cometerás adultério.

Não levantarás falso testemunho contra teu próximo.

Não cobiçarás a casa de teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seu boi, nem seu asno, nem coisa alguma que pertença a teu próximo."

Assim, dizem eles, todo espírito livre concordará, portanto, após a leitura desse documento, que a sublimidade dos mandamentos salta aos olhos. Parece mesmo que o maior cuidado de Jeová foi o de impor seu culto pelo terror.

Quando ele se digna, por fim, ocupar-se de seus adoradores aterrorizados, prescreve-lhes um sábio preceito de higiene, o descanso do sétimo dia.

Depois, promulga quatro mandamentos negativos, não matar, não roubar, não prestar falsos testemunhos, não ser adúltero.

Isso é bom, sem dúvida, mas perfeitamente insuficiente. O homem social não tem só deveres negativos, tem também deveres positivos. A sabedoria judaica parece não duvidar disso. Ainda mais: o mandamento tocante aos costumes tem um caráter exclusivamente proprietário que lhe diminua sensivelmente a moralidade.

De facto, não está dito que viverás castamente, mas simplesmente: "Não tomarás a mulher de teu próximo, pois que é sua propriedade, do mesmo modo que sua casa, que seus servos (escravos), seu boi ou seu asno".

Os comentários sagrados que podem ter algumas preocupações igualitárias (2) agravam ainda mais esse *modus vivendi* social negativo, que está todo contido na lei de talião: *olho por olho, dente por dente*; os fúeginos chegaram de improviso a essa prescrição qualificada de divina

e que ainda nos querem dar como fonte de toda moral, como o mandamento definitivo, perfeito.

"O povo hebreu, diz um filósofo eminente, tendo sido sobretudo beato, faz com que a idolatria, em sua lei, seja considerada como o maior dos crimes. Assim o "Êxodo" condena à morte a quem quer que ouse trabalhar no dia de sábado (XXXII, 14). Do mesmo modo, não se tem piedade para com o inimigo vencido; o Eterno ordena que se passe pelo fio da espada, sem exceção, todos os habitantes das cidades de Canaã (Deuteronomio, XX, 16, 17). Mas, se um homem castiga seu escravo ou sua serva de tal modo que eles só possam sobreviver um ou dois dias, o homem não será punido, porque ele os comprou com seu dinheiro" (XXI, 20, 21). Aí se vê, Jeová já estava cheio de atenções para com o Deus Mammon, destinado a suplantá-lo" (J. Baissac: *Origem das religiões*.)

Objetar-se-á, abandonando o terreno religioso e passando para o terreno histórico, que no momento de sua promulgação foi o Decálogo a menos ruim das leis morais?

Somos ainda obrigados a negá-lo com o apoio de provas irrefutáveis.

Mil e quinhentos anos antes da época em que a lenda judaica conta que um sacerdote egípcio tirou o pequeno povo judeu da servidão faraônica e lhe deu o Decálogo, como uma emanção da suprema sabedoria, o Ritual funerário egípcio, que Champolion nos interpretou mais tarde, já estava em vigor. Dele é que foi copiado o famoso Decálogo, pode dizer-se.

Senão, vejamos o que encerra o capítulo CXXV do Ritual!

O morto, tendo que responder, na Amenthe, aos quarenta e dois juizes infernais, deve poder responder, para ser reputado justo:

"Não roubei, não seduzi, não blasfemei, não menti em justiça, não cometi fraudes contra os homens, não atormentei as viúvas, não obriguei a um chefe de trabalhadores a trabalhar mais do que ele podia. Não provoquei nenhum distúrbio. Não fiz ninguém chorar. Não fui preguiçoso. Não fui negligente. Não me embriaguei. Não dei ordens injustas. Não tive uma curiosidade indiscreta. Não usei minha boca para tagarelice. Não iludi ninguém. Não matei. Não ordenei a morte pela traição. Não causei medo a ninguém. Não difamei ninguém. Não consumi meu coração de inveja. Não levantei acusações falsas. Jamais tirei o leite da boca das crianças. Não pratiquei o aborto" (3).

Os *moveis* da moral judaica, tão insuficiente, eram pelo menos de ordem superior?

Isso depende do ponto de vista; em todo caso, os espiritualistas desacreditarão esses *moveis* reprovando o facto de serem eles o que há de mais materialista e de mais imediatamente interesseiro.

O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob não tem idéia alguma da imortalidade da alma. Suas ameaças são desta vida, os textos não permitem nenhuma contestação.

"Se me desobedeceis, lançarei sobre vós o terror, a consumpção e a febre, que tornarão vossos olhos languídos e vossa alma sofredora; e semeareis em vão vossas sementes, vossos inimigos as devorarão.

Voltarei minha face contra vós, e sereis derrotados por vossos inimigos; aqueles que vos odeiam vos dominarão e fugireis sem que vos persigam.



Se apesar disso não me escutais, eu vos castigarei sete vezes mais pelos vossos pecados. Tirarei o orgulho de vossa força; tornarei vosso ceu como se fosse de ferro e vossa terra como se fosse de bronze.

Vossa força se gastará inutilmente, vossa terra não dará seus produtos e as arvores não darão seus frutos.

Se me resistirdes e não quiserdes escutar-me, eu vos castigarei sete vezes mais pelos vossos pecados. Enviarei contra vós os animais dos campos, que vos privarão de vossos filhos, que destruirão vosso gado e vos reduzirão a um pequeno numero, e vossos caminhos ficarão desertos.

Se esses castigos não vos corrigirem, e se me resistirdes, eu também resistirei e vos castigarei sete vezes pelos vossos pecados. Farei vir contra vós a espada que vingará minha aliança" (Levitico, ch. XXV).

As promessas não são de ordem menos terrena, e também aí retiram os textos toda possibilidade de controversia.

"Se me obedecerdes, vos mandarei a chuva e o tempo bom em sua estação; a terra dará seus produtos e as arvores dos campos darão seus frutos.

Apenas tereis amassado o trigo que obtivesteis na colheita, e a colheita esperará as sementes; comereis vosso pão à saciedade e morareis com segurança em vosso país. Farei a paz no país, e ninguém perturbará vosso sono; farei desaparecer do país as bestas ferozes, e a espada não passará em vosso país; perseguireis vossos inimigos e eles tombarão ante vossa espada.

Cem dentre nós perseguirão dez mil e vossos inimigos tombarão diante de vós, pela espada. Eu me voltarei para vós, eu vos tornarei fecundos e vos multiplicarei e mantereis minha aliança convosco. Comereis de antigas colheitas e tirareis as velhas para dar lugar às novas" (Levitico, c. XXVI).

Não será difícil reconhecer que esse realismo materialista encerra alguma vantagem; ele fez de um povo obtuso, cruel e fraco pelo numero, um povo invencível, e que teve suas grandezas, com os profetas progressistas ou revolucionários, Isaias, Jeremias, Oséas, Amos, Miguel, Ezequiel (4), por intermedio dos quais chegou até a uma especie de socialismo utópico.

"Que deverei fazer, dizia Isaias, o sabio conselheiro do rei Ezequias, com o sangue e a banha dos animais que sacrificardes?

"Que deverei fazer também com vossas estereis mortificações?

"Eis o jejum que me dá prazer. Desata as cadeias da maldade. Desprende os laços da servidão. Torna livres os oprimidos e que se rompa toda especie de jugo. Reparte teu pão com aquele que tem fome, e faz entrar em tua casa o infeliz sem abrigo. Se vês um homem nú, cobre-o; não te desvies de teu semelhante; então, a luz surgirá como a aurora".

Esta moral profetica é bastante superior àquela do divino Decálogo. O grande profeta que salvou seu país da invasão assiria de Senaqueribe e que o rei moloquista Manasses, como recompensa, fez serrar entre duas tabuas, havia ido a fontes mais puras que as de Horeb. E isso não é tudo; sua moral sublime tem como complemento a justiça economica bem compreendida:

"Aqueles que tiverem amassado o trigo, o comerão; aqueles que tiverem colhido o vinho, o beberão... construirão as casas e as habitarão. Plantarão as vinhas e comerão os frutos; não trabalharão em vão. Não terão filhos para vê-los morrer, pois constituirão uma raça abençoada pelo Eterno, e seus filhos estarão com eles... Não se fará injustiça nem haverá danos em toda minha montanha sagrada".

Inspirando-se nos mesmos principios, Jeremias, conselheiro do rei Josias, fez reencontrar antigos textos de lei que se pretendia perdidos, em virtude dos quais as dividas deveriam ser abolidas ao fim de cada sete anos, e, ao fim de cada cinquenta anos, os escravos deveriam ser libertados e as propriedades restituídas aos pobres cujos pais as haviam vendido. As prescrições concernentes aos *Anos sabaticos* e aos *Jubileus* foram conservadas por Esdras, na reconstituição dos antigos livros, mas não se sabe se elas foram applicadas. O *Jubileu* o foi pelo menos uma vez, sob a pressão de Jeremias, no tempo do rei Sedecias, e esse ano foi, num pequeno canto da Palestina, um ano de libertação de todos os escravos e de distribuição das terras, verdadeira revolução social, cujas consequencias benfazejas foram esterilizadas pelo cativoiro da Babilonia (5).

Será preciso acrescentar que a moral biblica tão justamente qualificada por J. Stuart Mill de "sistema barbaro feito por um povo barbaro (6)", é às vezes superior, do ponto de vista pratico, à moral cristã, cuja inspiração não é, portanto, mais pura? (Recompilado de Malon — *Socialisme Integral* — 1894).

(1) Só se tratará, aqui, dos tempos historicos. Aqueles que desejarem recorrer às origens, lerão com proveito a *Evolução da Moral*, de Ch. Letourneau.

(2) M. Mimault acredita poder escrever na *Revista do cristianismo pratico*: "Diversos artigos da lei mosaica revelam-nos claramente qual é, segundo ela, o fundamento do direito de possuir os produtos do solo. E'... o trabalho. O detentor de uma terra tem direito aos frutos de sua terra, desde que sejam o resultado do trabalho que ele executa ou dirige. Quando esses frutos são o produto espontaneo do solo, não lhe pertencem mais. O que o prova, é essa celebre prescrição que institue um *ano sabatico* cada sete anos, durante o qual o israelita não deve nem semear seu campo, nem podar suas vinhas, nem ceifar nem vindimar. E' o ano chamado ainda ano de tregua. Durante esse ano, os produtos do solo devem voltar ao mercenário, ao estrangeiro, aos pobres do povo, isto é, a todos aqueles que, por uma razão qualquer, não têm fundos de terra ou sofreram alguma perda extraordinária, e mesmo aos animais do campo (Exodo, XXIII, 10-11; Levitico, XXV, 2-7).

"O principio que se evidencia em semelhante lei é precisamente o principio proclamado pelos socialistas de todos os tempos".

(3) Comunicação de M. Francisco Lenormand, membro do Instituto de França.

(4) Ver sobre o semitismo os notaveis estudos (*Arianos e Semitas*) de Alberto Regnard; ver também no *Moloquismo judeu*, de Gustavo

Tridon, antigo membro da Assembléa nacional e da Comuna de Paris, a luminosa distinção entre os profetas moloquistas, "tigres sempre sedentos de sangue", como Samuel, Elias e Eliseu, e os profetas inovadores que mencionamos atrás, aos quais se deve juntar Esdras, o escriba reformador, e o neo-profeta Neemias. O rei que seguia o coro dos profetas moloquistas, como Samuel, foi o usurpador David, que traiu e fez assassinar seu benfeitor, o magnanimo Saul. David foi o homem de todas as atrocidades e todas as crueldades; os reis aconselhados pelos Isaias e pelos Jeremias foram os Ezequias e os Josias, reis purificadores. Ver também *Que é a Bíblia?*, do sábio Hermann Erverdech, o tradutor francês de Feuerbach, Doumer, Guillony, Bauer, etc.

(5) A Igreja católica deu uma triste paródia do Jubileu emancipador e igualitário de Jeremias, pela instituição do mesmo nome que Bonifácio VIII inaugurou em 1300 e que não passou (continua sendo) de um pretexto para a fiscalização piedosa.

(6) J. S. Mill — *Da Liberdade*.

● ●

O QUE É PARTICULAR É GERAL — "Isso já afirmava Aristoteles, em sua *Metafísica*, dizendo: "não se pode figurar a existência de uma casa, a casa, que não seja uma das que podemos ver". Assim, os contrários (o particular opondo-se ao geral) são idênticos: o particular existe somente na medida em que se liga ao geral. O geral não existe senão no particular, através do particular. Toda coisa particular tem, de algum modo, o seu caráter de generalidade. Toda generalidade é uma parcela, um lado, ou a essência do particular. A generalidade engloba só de modo aproximado os objetos particulares. O particular não entra integralmente no geral. E assim por diante. Toda coisa particular se liga, por milhares de gradações, a particularidades de uma outra espécie (coisas, fenômenos, processos). *Nela já existem* elementos, embriões, conceitos de *necessidade*, ligação objetiva na natureza, etc... O contingente e o necessário, o fenômeno e a essência, estão presentes, quando se diz: João é um homem; Medor é um cão; isto é uma folha de árvore; assim, quando *desprezamos uma série de atributos* como acidentais, retemos o essencial e contrapomos o acidental ao essencial.

Assim, em toda a proposição pode-se (e deve-se) distinguir, como numa célula, os embriões de todos os elementos da dialética, demonstrando, desse modo, que ela se aplica a todo o conhecimento humano. As ciências naturais nos esclarecem (ainda uma vez, *todo* o exemplo, por mais simples que seja, torná-la-ia mais convincente) a natureza objetiva em suas qualidades, a transformação do particular em geral, do contingente em necessário, as transições, as gradações, o elo recíproco entre os contrários. A dialética é, *essencialmente*, a teoria do conhecimento (segundo Hegel e segundo o marxismo): esse aspecto (que não é só um "aspecto" mas o *fundo* da questão) não atraiu a atenção de Pleurrânov, sem falar de tantos outros marxistas." (Lénin, *A propósito da Dialética*.)

## EXPOSIÇÃO DO PROBLEMA NACIONAL

STÁLIN

(1921)

A exposição do problema nacional pelos comunistas difere essencialmente da dos homens da II Internacional e da Internacional segunda e meia, de todos e de cada um dos partidos "socialistas", "social-democratas", mencheviques, social-revolucionários, etc.

E' de particular importância assinalar quatro factores fundamentais como traços diferenciais mais característicos da nova exposição do problema nacional, e que estabelecem a separação entre a velha e a nova concepção do problema nacional.

O primeiro factor é a fusão do problema nacional, como parte, com o problema da emancipação das colónias, como todo. Na época da II Internacional, o problema nacional limitava-se geralmente a um círculo reduzido de problemas, que afetavam unicamente as "nações civilizadas". Irlandeses, tchecos, polacos, finlandeses, servios, armenios, judeus e algumas outras nacionalidades da Europa — tal era o círculo de nações que não gozam da plenitude de seus direitos e cuja sorte interessava à III Internacional. Dezenas e centenas de milhões de pessoas pertencentes aos povos asiáticos e africanos, que suportam a opressão nacional na forma mais brutal e mais cruel, ficavam comumente fora do campo visual dos "socialistas". Não se atreviam a colocar no mesmo plano os brancos e os de pele escura, os negros "incultos" e os irlandeses "civilizados", os hindus "atrasados" e os polacos "ilustrados". Ainda que fosse necessário lutar pela emancipação das nacionalidades européias que não gozam da plenitude dos seus direitos, não seria digno de um "socialista decente" — é o que se pressupunha tacitamente — falar a sério da emancipação das colónias, "indispensáveis" à "manutenção" da "civilização". Esses socialistas — que me perdoem por assim chamá-los — não suspeitavam nem remotamente que a abolição do jugo nacional na Europa não é concebível sem a emancipação dos povos colóniais da Ásia e da África do jugo do imperialismo; que o primeiro se acha orgânicamente ligado ao segundo. Os comunistas foram os primeiros a pôr a descoberto a relação existente entre o problema nacional e o problema das colónias; deram-lhe um fundamento teórico e colocaram-no na base de sua prática revolucionária. Com isso, veio abaixo o muro que se levantava entre os brancos e os negros, entre os escravos "cultos" e "incultos" do imperialismo. Esta circunstância facilitou consideravelmente a coordenação da luta das colónias atrasadas com a luta do proletariado avançado contra o inimigo comum, contra o imperialismo.

O segundo factor é a substituição da vaga palavra do direito das nações à autodeterminação pela clara palavra revolucionária do direito das nações e das colónias à separação estatal, à formação de um Estado independente. Referindo-se ao direito da autodeterminação, os homens da II Internacional, de modo geral, nada diziam sobre o direito à separação estatal; o direito da autodeterminação se interpretava, no melhor dos ca-



sos, como o direito à autonomia geral. Os "especialistas" do problema nacional, Springer e Bauer, chegaram ao extremo de converter o direito de autodeterminação no direito das nações oprimidas da Europa à autonomia cultural, isto é, no direito de ter suas instituições culturais, deixando todo o poder político (e econômico) em mãos das nacionalidades dominantes. Em outros termos, o direito de autodeterminação das nações que não gozam da plenitude dos seus direitos ficava convertido no privilégio das nações dominantes de deter o Poder político; o problema da separação total era excluído. O chefe ideológico da II Internacional, Kautski, aderiu no fundamental a esta interpretação, imperialista na sua essência, dada por Springer e Bauer à autodeterminação. Não é de estranhar que, havendo percebido esta particularidade, cômoda para eles, da palavra da autodeterminação, tenham os imperialistas resolvido proclamá-la como sua. É sabido que a guerra imperialista, que buscava a submissão dos povos, era levada a cabo sob a bandeira da autodeterminação. Deste modo a vaga palavra da autodeterminação se transformou, de arma de luta pela libertação das nações e pela igualdade das mesmas, em instrumento de submissão das nações, instrumento para manter as nações subordinadas ao imperialismo. O curso dos acontecimentos em todo o mundo durante os últimos anos, a lógica da revolução na Europa e, finalmente, o crescimento do movimento de emancipação nas colônias exigiam que esta palavra, que se havia tornado reacionária, fosse riscada e substituída por outra revolucionária, capaz de dissipar a desconfiança das massas laboriosas das nações que não gozam da plenitude dos seus direitos nos proletários das nações dominantes, capaz de desobstruir o caminho que conduz à igualdade das nações e à unidade dos seus trabalhadores. Essa é a palavra exposta pelos comunistas no que diz respeito ao direito à separação estatal das colônias e das nações que não gozam da plenitude de seus direitos. O mérito dela está em que:

1) destrói todos os fundamentos para a suspeita da existência de apetites de anexação nos trabalhadores de uma nação com respeito aos trabalhadores de outra e, por conseguinte, prepara o terreno para uma confiança recíproca e para a união livremente consentida;

2) arranca a máscara aos imperialistas que falam hipocritamente de autodeterminação, mas que procuram manter subordinados, que procuram reter dentro dos marcos do seu Estado imperialista os povos que não gozam da plenitude de seus direitos e as colônias, estimulando com isso sua luta de emancipação contra o imperialismo.

Não teríamos decerto necessidade de demonstrar que os operários russos não conquistariam a simpatia dos seus camaradas de outras nacionalidades do Ocidente e do Oriente se, ao tomar o Poder, não houvessem proclamado o direito dos povos à separação estatal, se não houvessem comprovado de facto sua disposição de levar à prática esse direito imprescritível dos povos, se não houvessem renunciado ao "direito" — citemos como exemplo — sobre a Finlândia (1917), se não houvessem retirado suas tropas da Pérsia setentrional (1917), se não houvessem renunciado às pretensões sobre certas partes da Mongólia, China, etc., etc.

É igualmente indubitável que, se a política dos imperialistas, habilmente dissimulada sob a bandeira da autodeterminação, apesar de tudo tem

experimentado fracasso sobre fracasso nos últimos tempos, no Oriente é porque, entre outras coisas, ela tropeçou ali com o crescente movimento de emancipação, desenvolvido à base da agitação levada a efeito segundo o espírito do direito dos povos à separação estatal. Isso é o que não compreendem os heróis da II Internacional e da Internacional segunda e meia, que difamam com tanta insistência o "Conselho de ação e propaganda" de Baku por certas falhas, não substanciais, cometidas por êle; mas isso há de compreender quem quer que seja que tome o cuidado de inteirar-se das atividades desse "Conselho" durante o ano de sua existência e do movimento de emancipação nas colônias asiáticas e africanas durante os últimos dois ou três anos.

O terceiro factor é ter posto a descoberto a conexão, a ligação orgânica existente entre o problema nacional-colonial e o problema do poder do capital, da derrubada do capitalismo, da ditadura do proletariado. Na época da II Internacional, o problema nacional, cujas dimensões haviam sido reduzidas ao extremo, era examinado geralmente como um problema em si, fora de suas relações com a futura revolução proletária. Pressupunha-se tacitamente que o problema nacional ia ser resolvido de modo "natural", antes da revolução proletária, mediante uma série de reformas dentro dos marcos do capitalismo; que a revolução proletária podia ser levada a cabo sem uma solução cardeal do problema nacional, e que, pelo contrario, o problema nacional podia ser resolvido sem a derrubada do poder do capital, sem a vitória da revolução proletária e antes dela. Este conceito das coisas, imperialistas na sua essência, destaca-se ao largo das conhecidas obras de Springer e Bauer sobre o problema nacional. Mas o último decênio pôs a nudo tudo quanto há de errado e de podre neste conceito do problema nacional. A guerra imperialista demonstrou e a prática revolucionária dos últimos anos confirmou uma vez mais que:

1) os problemas nacional e colonial são inseparáveis do problema da emancipação diante do poder do capital;

2) o imperialismo (forma superior do capitalismo) não pode existir sem o subjugo político e econômico das colônias e das nações que gozam da plenitude dos seus direitos;

3) as colônias e as nações que não gozam da plenitude dos seus direitos não podem ser emancipadas sem a derrubada do poder do capital;

4) a vitória do proletariado não pode ser uma vitória firme sem que se emancipem da opressão do imperialismo as colônias e as nações que não gozam da plenitude dos seus direitos.

Se a Europa e a América podem ser chamadas a frente, o palco dos principais combates entre o socialismo e o imperialismo, as nações que não gozam da plenitude dos seus direitos e as colônias, com suas matérias-primas, seu combustível, seus produtos alimentícios e suas enormes reservas de material humano, devem ser consideradas como a retaguarda, como a reserva do imperialismo. Para ganhar a guerra, não só é preciso vencer na frente, mas também revolucionar a retaguarda do inimigo, suas reservas. Por isso, só se poderá considerar assegurada a vitória da revolução proletária mundial no caso de o proletariado coordenar sua própria luta revolucionária com o movimento de emancipação das massas laboriosas das colônias e das nações que não gozam da plenitude dos seus direitos,

movimento contra o poder dos imperialistas, pela ditadura do proletariado. Esta "minúcia" é a que não foi levada em conta pelos homens da II Internacional e a Internacional segunda e meia, ao separarem o problema nacional e colonial do problema do Poder na época da crescente revolução proletária no Oriente.

O quarto factor é a introdução de um novo elemento no problema nacional, o elemento da igualação efetiva (e não só jurídica) das nacionalidades (prestar concurso e ajudar as nacionalidades atrasadas a se elevarem ao nível cultural e econômico das que passaram adiante delas), como uma das condições necessárias para o estabelecimento da colaboração fraternal entre as massas laboriosas das distintas nacionalidades. Na época da II Internacional limitavam-se geralmente a proclamar a "igualdade nacional de direitos"; no melhor dos casos não se ia além da reivindicação em que se pedia a realização prática dessa igualdade. Mas a igualdade nacional de direitos, que, em si, é uma conquista política de grande importância, corre no entanto o risco de ficar reduzida a uma palavra vazia, se não existirem as possibilidades e os recursos suficientes para se poder utilizar esse direito de extraordinária importância. E' fora de dúvida que as massas trabalhadoras dos povos atrasados serão impotentes para fazer uso dos direitos que lhes confere a "igualdade nacional de direitos", à medida que deles também não se utilizarem as massas trabalhadoras das nacionalidades avançadas: a desigualdade entre as nacionalidades (cultural, econômica), herdada do passado e que não pode ser liquidada no espaço de um ou dois anos, se faz sentir. Esta circunstância aparece com particular intensidade na Rússia, onde uma série de nacionalidades não teve tempo de passar pelo desenvolvimento capitalista, e onde outras nem sequer ingressaram nele, e não possuem ou mal possuem proletariado próprio; onde, apesar da completa igualdade nacional de direitos, que se concretizou, as massas laboriosas dessas nacionalidades têm sido impotentes, em virtude do seu atraso cultural e econômico, para utilizar os direitos adquiridos. Esta desigualdade far-se-á sentir com maior intensidade ainda "no dia seguinte" ao da vitória do proletariado no Ocidente, quando entrarem inevitavelmente em cena as muitas e atrasadas colônias e semi-colônias, situadas nos mais diversos graus de desenvolvimento. Daqui, precisamente, a necessidade de que o proletariado triunfante das nações avançadas acuda em socorro, socorro real e prolongado, das massas trabalhadoras das nacionalidades atrasadas, para o seu desenvolvimento cultural e econômico; a necessidade de ajudá-las a elevar-se ao grau superior de desenvolvimento, a alcançar as nacionalidades que se adiantaram. Sem esta ajuda é impossível organizar a convivência pacífica e a colaboração fraternal dos trabalhadores de nações e povos diversos numa só economia mundial, condições tão necessárias para a vitória definitiva do socialismo.

Daqui se deduz, porém, que é impossível limitarmo-nos à simples "igualdade nacional de direitos", que é preciso passar da "igualdade nacional de direitos" às medidas destinadas à nivelação efetiva das nacionalidades, à elaboração e execução das disposições práticas para:

- 1) estudar a situação econômica, a vida e a cultura dos povos e nações atrasados;
- 2) desenvolver sua cultura;

- 3) instruí-los politicamente;
- 4) incorporá-los gradual e insensivelmente às forças superiores da economia;
- 5) organizar a colaboração econômica entre os trabalhadores das nações atrasadas e os das adiantadas.

Tais são os quatro factores fundamentais que caracterizam a nova exposição do problema nacional pelos comunistas.

(*Pravda*, n. 98, de 8 de maio de 1921.)



STÁLIN — "Ossip Vissarionóvitch Stálin (Dzhugashvili) nasceu em 21 de dezembro de 1879, na cidade de Gori, província de Tiflis. Seu pai, Vissarion Ivanovitch Dzhugashvili, de nacionalidade georgiana, era de origem camponesa, oriundo da aldeia Did-Lilo, província de Tiflis, sapateiro de profissão, mais tarde operário da fábrica de calçados Adelránov, em Tiflis. Sua mãe, Ekatejina Gueorguievna Dzhugashvili, era filha do servo Geladse, da aldeia de Gambareuli.



CARTA FAMOSA — Em novembro de 1931, Stálin publicou a conhecida carta dirigida à direção da revista *Proletarskaia Revolutsia* (A Revolução Proletária), carta que desempenhou papel extraordinário na coesão ideológica posterior das fileiras do Partido. Nessa carta, Stálin desmascarava os falsificadores trotskistas da história do bolchevismo, demonstrando que o leninismo surgiu, cresceu e se fortaleceu na luta sem quartel contra o oportunismo de toda sorte; que os bolcheviques constituíam a única organização revolucionária do mundo que tinha sabido esmagar até o fim os oportunistas e centristas, expulsando-os das fileiras do Partido. Na referida carta, Stálin demonstrou, com toda a força, que o trotskismo constitui o destacamento de vanguarda da burguesia contra-revolucionária, que realiza a luta contra o comunismo, contra o Poder dos Soviets, contra a construção do socialismo na URSS. (*Stálin*, edição popular da Edit. Calvino Ltda., por diversos autores.)



NÃO FOSSE ESTA ÚLTIMA GUERRA... — "Ultrapassamos os principais países capitalistas — disse o camarada Stálin — no sentido da técnica da produção e dos ritmos do desenvolvimento industrial. Isso está muito bem, porém é pouco. E' necessário ultrapassá-los, também, no sentido econômico. Podemos e devemos fazê-lo. Somente se conseguirmos ultrapassar economicamente os principais países capitalistas, poderemos esperar que nosso país esteja completamente provido de artigos de consumo, teremos abundância de produtos e poderemos passar da primeira à segunda fase do comunismo." (*Stálin, Problemas do leninismo*, págs. 578-579, ed. russa.)



## Correspondência dos nossos leitores

ADMIRADOR (Rio) — Emocionou-nos a sua carta, por ter o amigo a idade de 84 anos! As conferências de Yalta, S. Francisco, Potsdam, etc., encontram-se como apêndice da nossa edição *Na Rússia não há mistérios*, de Edmund Stevens. Quanto às idéias de Jefferson, Franklin e Lincoln sobre democracia já estão superadas pela democracia socialista, razão por que primeiro cuidamos de divulgar quanto possamos sobre ela. Pelo seu valor histórico, com o tempo, trataremos da evolução da democracia.

LAMARTINE CASTRO DIAS (Minas) — Sua carta constitui um estímulo. Esperamos que intervenha junto aos seus amigos para que também sejam leitores desta nossa revista.

JOSÉ MIRANDA PINTO (Rio) — Recebemos os excertos e publicaremos os "marxistas". Excertos literários ou "sentimentais" não cabem nesta revista. Continue a colaborar, colhendo nas obras marxistas excertos interessantes, com o alto critério que já revelou. Aceitaremos com prazer, uma lista de seus amigos no interior, que pudessem interessar-se pela leitura de nossa revista.

LAS ROSAS (Rio) — Gratos pela tradução. Publica-la-emos oportunamente. Continue a colaborar.

ORLANDO RODRIGUES (Rio) — Assustamo-nos ao ler as primeiras linhas de sua carta. Depois, fomos compensados com a sua leal confissão de que o engano não era nosso. Esperamos que esteja propagando nossa *Divulgação* entre os seus colegas e amigos.

F. POLIPO FERREIRA (Rio) — Acreditamos que nos números 7 e 8 já tenha encontrado desenvolvidas algumas das realizações soviéticas: Sindicalismo e 4.º Plano Quinquenal. Em próximos números, publicaremos: *A legislação social na URSS, As mulheres soviéticas, O direito de propriedade na União Soviética, As liberdades políticas na União Soviética, A democracia na sociedade soviética, O sistema eleitoral na URSS, etc., etc.* Assim, suas sugestões serão materializadas.

ADERSON AZEVEDO (Rio) — Leia cuidadosamente todos os números desta revista e dentro em breve suas dúvidas terão desaparecido.

WILSON DE SÃO MAURO (Rio) — Neste número, encontrará resposta para a sua 1.ª pergunta; para a segunda, a resposta encontra-se no texto de vários artigos já publicados e repetida nos que publicaremos em números futuros. Quanto ao georgismo é teoria já superada, cuja análise não cabe nesta revista, que cuida de "coisas vivas" e não mortas... Aconselhamo-lo a ler *Introdução ao Estudo do Marxismo*, de Engels, Segal, Harari e Talheimer.

## Para Compreender e Interpretar Marx por Sidney Hook

III

### A LUTA EM TORNO DE MARX

A luta pela posse da herança espiritual de Marx já começara quando ele era ainda vivo. Marx mesmo a classificava de catástrofe tanto para os marxistas como para os anti-marxistas. Marx contemplou, com inquietude crítica, os desvios doutrinários e os erros de tática dos seus adeptos em todo o mundo, e, particularmente, na Alemanha. Já em 1875, na crítica demolidora do *Programa de Gotha*, adotado pelos seus adeptos por ocasião da fusão com o partido de Lassalle, Marx se lamentava pelo facto deles terem dado um sentido nacionalista ao seu socialismo e de se contaminarem por uma fé servil no Estado burguês (1). Nenhuma crítica foi mais profética. Antes de findar o século, essas tendências desdobraram-se numa interpretação doutrinária do marxismo, afirmando que este não era mais uma filosofia de revolução social, mas uma ciência de desenvolvimento social, independente de classe, e encorajando abertamente as práticas nacionalistas e reformistas. Se o método marxista de análise social é válido, a chave dessa evolução doutrinária deve ser procurada, não nas idéias de alguns líderes individualmente, mas no desenvolvimento social e econômico da Alemanha. E' para lá que devemos, agora, dirigir nossa atenção.

O último quarto do século XIX foi testemunha da elevação da Alemanha ao posto de potência imperialista de primeira grandeza. As possibilidades de trabalho — provadas pelo declínio da emigração — aumentaram com a conquista dos mercados estrangeiros; caíram os preços das matérias primas coloniais e das mercadorias de consumo (chá, café, borracha, etc.), não protegidas pelos impostos alfandegários; aumentaram os salários, nominal e real, dos operários especializados, fortemente organizados (mas não os dos operários não especializados da indústria pesada ou dos assalariados agrícolas). Os lucros enormes do comércio estrangeiro e a organização técnica superior da indústria alemã permi-

(1) "Doch das ganze Programm, trotz alle demokratischen Geklingels, ist durch und durch vom Uutertanenglauben der Lassallischen Sekte an den Staat verpestet." "O programa inteiro, porém, está agora — apesar de todo o bimbalar democrático — completamente empostado pela fé servil da seita lassaliana no Estado." (Impresso depois de sua morte) (*Neue Zeit*, vol. IX, 1891, p. 574.)

tiram ao Estado manter e aumentar o sistema de seguros sociais limitados que, a princípio, foram adotados como salvaguarda contra a revolução das massas (2).

Tudo isso não se verificou sem influenciar profundamente uma classe operária já eficientemente educada pelas instituições do Estado nas tradições de uma cultura nacionalista. Os operários especializados, sentindo que tinham a ganhar com a expansão do imperialismo da mãe-pátria, eram precisamente os mais influentes nos sindicatos socialistas e os sindicatos, antes como hoje, traziam o partido socialista a reboque. A ideologia dos sindicatos, que se concentrava em torno da luta diária pelo melhoramento do nível de vida, infiltrava-se no partido político. Apesar dos congressos do partido continuarem a fazer juramentos de fidelidade à fórmula revolucionária, a ação prática da organização era consagrada exclusivamente a reformas sociais gradativas. Os líderes da ala direita, tomando como pretexto o marxismo científico, proclamaram ser utópico opor-se a uma expansão imperialista que derivava necessariamente das leis econômicas descobertas pelo próprio Marx. A única coisa razoável a fazer, segundo eles, era apresentar um programa colonial capaz de aliviar os males causados aos nativos pela penetração econômica. Um imperialismo esclarecido, pacífico e civilizado, acompanhado de uma política liberal de educação, elevaria o nível cultural dos nativos ao ponto de fazê-los apreciar a necessidade econômica, social, científica e, por consequência, moral, da expansão imperialista. O domínio dos sindicatos pelo interesse da sua política social imediata aumenta com o crescimento do partido. Imediatamente, os sindicatos interessaram-se em impedir o desemprego dos seus membros. Isso estava, evidentemente, ligado à exportação de mercadorias. A exportação reclamava mercados que, por sua vez, exigiam uma política exterior forte. Como poderiam os líderes dos sindicatos conciliar seu devotamento aos interesses imediatos dos trabalhadores com uma luta contra seu imperialismo nacional? Eles sabiam, é claro, que a parte do leão, dos lucros da expansão imperialista, ficava nas mãos dos patrões, mas que as concessões — migalhas caindo da mesa da abundância — acabariam por engordá-los. "É muito melhor trabalhar do que passar fome!" gritaram entre si Schippel e os outros líderes reformistas. Não era questão de luta, mas deviam fazê-lo. E, por uma triste manhã de 1914, como lembrança pelas migalhas concedidas, eles marcharam, em passo de ganso, para a guerra, levados pelo imperialismo (3).

(2) O sistema de seguros do Estado era tão eficaz que, olhando seus resultados, o presidente do Reichsversicherungsamt pôde escrever: "A aprovação dos créditos de guerra pelo partido social-democrata representa o maior sucesso da reforma social alemã." (P. Kaufmann: *Was dankt das kämpfende Deutschland seiner sozialen Fürsorge*, 1918, p. 11.) (O que a Alemanha combatente deve à sua Previdência Social.)

(3) Para uma análise interessante e bem documentada das causas do social-patriotismo dos trabalhadores alemães, v. Zarchi Mause: *Die ökonomische Kausalität des Sozialpatriotismus* (Strasburg, 1928). (A causa econômica do Social-patriotismo.)

A orientação da social-democracia alemã para as reformas práticas imediatas provocou mudança importante na composição social do partido. Numerosos elementos não-proletários — profissionais, pequenos comerciantes, pequenos-burgueses em geral e intelectuais — afluíram às organizações. Não ficaram nas fileiras, mas, em virtude dos seus talentos técnicos e das suas relações sociais, foram elevados aos postos de direção como funcionários teóricos e representantes políticos, o que lhes deu influência desproporcionada ao seu número — porque a grande maioria dos membros continuava ainda proletária. O crescimento dos sindicatos criou, assim, um aparelho administrativo, cujo nível de vida de seus membros era superior ao do operário comum. Os funcionários conservaram por tanto tempo seus lugares, que perderam o contacto com a experiência viva e real da luta industrial e adquiriram, pouco a pouco, a estreita e egocêntrica ideologia do burocrata típico, do qual tinham sempre diante dos olhos o modelo na pessoa dos funcionários do Estado prussiano. A perseguição ao partido e aos sindicatos pelos seus inimigos políticos e pelo governo tomava freqüentemente a forma de um boicote econômico e social, que, por sua vez, provocou a constituição de um grupo considerável de comerciantes e de hoteleiros (4), provendo as necessidades do movimento e introduzindo, por consequência, interesses especiais, amiudadamente incompatíveis com a linha do partido ou com o bem-estar dos seus membros. A existência da Associação dos Taberneiros Socialistas, que chegou uma vez a constituir mais de sete por cento da representação do partido ao Reichstag (5), é uma manifestação jocosa, mas muito eloquente, do poder de semelhantes grupos.

Com o tempo, o partido tomou cada vez mais as características de uma organização visando o bem-estar de seus membros, mas munida de ornamentos escatológicos. Os interesses adquiridos nos seus postos pelos burocratas do partido estavam ligados a interesses ainda mais materiais. Em 1913, o partido socialista e os sindicatos alemães possuíam cerca de 90 milhões de marcos só em imóveis. Isso representava para eles a prova do progresso no caminho do socialismo. Quando a hora decisiva soou, em 1914, seu estado de espírito não lhes permitiu sacrificar tudo aquilo.

Os acontecimentos políticos contribuíram, tanto quanto a pressão do meio social-econômico, para reforçar a interpretação do marxismo como "ciência objetiva" do desenvolvimento social, à qual só as pessoas cegas pelas ilusões ou por um interesse egoísta poderiam deixar de aderir.

(4) Na Alemanha, cada partido político tinha seus albergues — seus *Lokale* — que serviam de centro da vida política e social.

(5) O livro de Robert Michels, *Zur Soziologie des Parteiwesens in der modernen Demokratie, Untersuchungen über die oligarchische Tendenz des Gruppenlebens* (Sobre a sociologia da vida partidária na democracia moderna, investigação sobre a tendência oligárquica na existência dos grupos). 2.ª edição, revista, Leipzig, 1925, contém vasto documentário sobre este aspecto da social-democracia alemã, não justificando, entretanto, as conclusões que ele tira.



Em 1870, a censura encarava com maus olhos as obras em que a consciência de classe ainda aparecia. Em 1880, sob o regime das leis de repressão de Bismark, os socialistas empregaram, por precaução, uma linguagem reservada e científica. (As perturbações revolucionárias européias que, segundo Engels, deveriam ocorrer lá por 1885, estiveram a ponto de se realizar.) Em 1890, depois da abolição das leis de exceção, o aumento dos votos socialistas, elevando-se até quase 3 milhões, deu aos dirigentes alemães a sensação de serem, acima de tudo, um partido de oposição, em vez de um "partido de revolução". Seu desejo de uma "respeitabilidade" social e intelectual, levou-os a frisar a importância de uma doutrina sistemática. Como poderia ser perigosa uma doutrina baseada num conhecimento real e expressa numa prosa indigesta?

O aburguesamento material e espiritual do movimento alemão não tardou a introduzir-se na teoria. As contradições entre o ponto de vista revolucionário de Marx, que não fôra completamente esquecido, e a atividade dos seus "discípulos", obrigaram estes últimos a procurar a forma pela qual se poderia conciliar os dois sem grandes sacrifícios da legalidade e segurança. Dois caminhos diferentes apareceram, contando conciliar a prática das reformas sociais e a teoria de Marx. Um foi tomado pelo partido oficial, sob a direção intelectual dos que se chamavam marxistas "ortodoxos"; e o outro por Bernstein e pelos que, mais tarde, foram chamados "revisionistas". Uma guerra literária rebentou entre eles numa escala internacional.

(No próximo número: Capítulo IV — *A canonização ortodoxa.*)

● ●

O PORQUE DA ONDA ANTI-COMUNISTA — "...E' preciso que o povo saiba, conheça as razões profundas da onda anti-comunista. Para esses senhores da reação e do fascismo, que pressionam sobre o governo afastando-o do povo, a única esperança é o capital financeiro mais reacionário. Os homens dos lucros extraordinários compreenderam as maquinações internacionais do capital financeiro e seus agentes, por isso, querem trazer a propaganda guerreira à nossa terra e encontram em nosso Partido o obstáculo mais sério aos seus desígnios. Já vimos o que foi o "Livro Azul": uma provocação guerreira em nosso continente. Vemos, agora, no mundo inteiro, como as forças da reação falam já aberta e descaradamente numa nova guerra. Entretanto, é contra isso que lutam os povos de todo o mundo, não apenas o nosso. À sua frente está o proletariado internacional, organizado na sua Federação Sindical Mundial, tornando uma realidade aquelas palavras de Marx: "Proletários de todos os países, uni-vos!" (Prestes — *Discurso na Esplanada do Castelo*, em 22-4-1946).

## DITADURA DO PROLETARIADO

"Marx e Engels ensinaram ao proletariado ter consciência de sua força, consciência de seus interesses de classe e a unir-se para a luta decisiva contra a burguesia. Descobriram as leis que presidem o desenvolvimento da sociedade capitalista e demonstraram cientificamente que o desenvolvimento da sociedade capitalista e a luta de classes que em seu seio se processa têm que conduzir necessariamente à liquidação do capitalismo e à vitória da classe operária, à *Ditadura do Proletariado*". (*Hist. do PC (b) da URSS*, pag. 12 — Moscou — 1939). "Toda a ordem provisória do Estado, — escrevia Marx em *Neue Rheinische Zeitung* em 14 de setembro de 1848, logo após uma revolução —, exige uma ditadura e uma ditadura energética. Nós criticamos, desde o começo, o presidente Camphausen [presidente do conselho da Prússia, depois de 16 de março de 1848], de não ter agido ditatorialmente, de não ter quebrado e eliminado o mais depressa possível os restos das antigas instituições. Ora, enquanto Camphausen se alimentava de ilusões constitucionais, o partido vencido (isto é, o partido da reação) fortalecia as suas posições na burocracia e no Exército, para depois, em melhores condições, se encorajar mesmo aqui e ali, para retomar abertamente a luta". (in *Marx, Engels e Marxismo*, 2.º vol., página 342 — Editorial Calvino Ltda., 1945). "A doutrina de Marx da ditadura do proletariado, sua clara enunciação da missão histórica do proletariado como criador da sociedade socialista, é a pedra angular do Marxismo e tem um alcance mundial". Quem reconhece somente a luta de classe

não é um marxista — escreve Lênin — marxista é somente quem estende o reconhecimento da luta de classes até o reconhecimento da ditadura do proletariado. Nisto se baseia a diferença entre um marxista e um simples pequeno ou grande burguês". Efimov e Freiberg — *Hist. da Ep. da Capit. Ind.*, pag. 331 — Vitória). "Não compreendendo a teoria da luta de classes, acostumado a ver se entre-devorarem, na arena política, os círculos e camadas da burguesia, compreende o burguês, por ditadura, a abolição de todas as liberdades e de todas as garantias da democracia, a arbitrariedade, o abuso do poder pelo interesse pessoal do ditador". (Lênin — *Dois Táticas*). A verdade, entretanto, é que a ditadura do proletariado mais não é que a direção do Estado pela classe proletária, no período de transição do capitalismo para o socialismo. Stálin caracterizou da seguinte maneira o conteúdo dos três aspectos ou problemas básicos da ditadura do proletariado: "1) Utilização do poder proletário para realizar o esmagamento dos exploradores, a defesa do país, a consolidação das relações com o proletariado de outros países e a vitória da revolução em todos eles; 2) utilização do poder proletário para separar definitivamente da burguesia as massas trabalhadoras e exploradas, consolidar a aliança do proletariado com essas massas, atraindo-as para a causa da construção socialista e pondo-as sob a direção do proletariado; 3) utilização do poder proletário para a organização do socialismo e a supressão das classes, precipitando-se a transição para a sociedade sem classes e para a sociedade

sem Estado. Somente esses tres aspectos, tomados em conjunto, podem dar-nos uma noção completa e acabada sobre a ditadura do proletariado" (Stálin). Na realização pratica de seus problemas politicos e de organização, a ditadura do proletariado apoia-se em organizações da massa trabalhadora, tais como os sindicatos, as cooperativas, a união das juventudes, etc. A forma estatal da ditadura do proletariado são os *Soviets* (conselhos de operarios) — organizações essencialmente democraticas — que asseguram a intervenção das mesmas massas na direção do Estado. No sistema de ditadura do proletariado, a força dirigente fundamental é o Partido Comunista — vanguarda politica da classe trabalhadora. Paralelamente à revolução proletaria e à construção socialista, desenvolve-se e se fortalece a ditadura do proletariado. Na Constituição stalinista da URSS encontraram expressão legal todos os triunfos historicos do povo sovietico: a construção da sociedade socialista, a supressão das classes exploradoras e o ulterior fortalecimento e ampliação da base social da ditadura da classe operaria. A URSS, na sua evolução, desde a Revolução de Outubro, atravessou duas fases principais: 1) na primeira fase, — desde o início da Revolução até o momento de serem liquidadas as classes exploradoras — o problema fundamental consistia na anulação da resistencia das classes derrubadas; na organização da defesa do país contra a agressão externa; na reconstrução da industria e da economia rural; e na preparação das condições necessarias para liquidar os elementos capitalistas. Em consequencia, o Estado sovietico realizava duas funções: esmagava as classes derrubadas e, ao mesmo tempo, preparava a defesa do país contra uma agressão externa; 2) na segunda fase — desde o momento

em que se passou à liquidação dos elementos capitalistas até a vigencia da Constituição stalinista — o problema fundamental do Estado sovietico consistiu na organização da economia do país sobre bases socialistas; na liquidação dos ultimos residuos dos elementos capitalistas; na formação de um exercito completamente moderno; e na realização de uma revolução cultural. Nesta fase, transformaram-se as funções do Estado socialista. Desapareceu a necessidade da repressão militar no interior do país, dando-se maior incremento à defesa da propriedade socialista contra os ladrões e delapidadores da riqueza publica: foi conservada inteiramente a função de defesa militar do país contra a agressão exterior; e conservada tambem a função de reconstrução economica, cultural e educacional. "Agora, a tarefa fundamental de nosso Estado, no interior do país, consiste num pacifico trabalho de organização economica e de educação cultural. No que diz respeito ao nosso Exercito, é necessario dizer que suas armas já não estão voltadas para o interior do país, mas sim para o exterior, contra os inimigos de fora. Como vedes, temos agora um Estado socialista completamente novo, sem precedentes na Historia e notavelmente diferente, na sua forma e nas suas funções, do Estado socialista da primeira fase" (Stálin). Quais são os traços fundamentais da ditadura do proletariado, se se reconhece que a ditadura do proletariado forma o conteúdo fundamental da revolução proletaria? Assim responde Stálin: "Eis a definição mais geral da ditadura do proletariado fornecida por Lênin: "A ditadura do proletariado não é o termo da luta de classes, mas a continuação desta sob novas formas. A ditadura do proletariado é a luta de classes do proletariado, que triunfou e tomou em

*suas mãos o poder politico contra a burguesia vencida, mas não aniquilada, não desaparecida, e que não deixou de opor resistencia, enfim, contra a burguesia, cuja resistencia se reforçou".* (Lênin, t. XXIV, pag. 311, discurso pronunciado no Congresso das Instituições de Instrução Extra-Escolar). Desfazendo a confusão entre a ditadura do proletariado e o poder "de todo o povo", poder eleito "por sufragio universal", poder que "não é de classe", diz Lênin: "A dominação politica, tomou-a na certeza de ser ela unjuntamente quem tem a seu cargo essa dominação. Isso é o que encerra o conceito da ditadura do proletariado. Este conceito só tem sentido quando uma classe sabe que é ela apenas quem toma em suas mãos o poder politico e não engana a si mesma nem engana os demais com palavreado sobre o poder "de todo o povo", poder "eleito por sufragio universal", consagrado por todo o povo". (Lênin, t. XXVI, pag. 286, discurso pronunciado no Congresso dos Operarios de Transporte de Toda a Russia). Isto, entretanto, não significa que o poder de uma só classe, a classe dos proletarios, que esta não divide, nem pode compartilhar com outras classes, não precisa, para alcançar seus objetivos, do auxilio, da aliança das massas trabalhadoras e exploradas de outras classes. Ao contrario, esse poder, o poder de uma só classe, só se pode garantir e levar à pratica até o fim, mediante uma forma especial de aliança entre a classe dos proletarios e as massas trabalhadoras das classes pequeno-burguesas, começando pelas massas trabalhadoras do campo. Qual é esta forma especial de aliança e em que consiste? Esta aliança com as massas trabalhadoras de outras classes não proletarias não está, em geral, em luta com a ideia da ditadura de uma

só classe? Esta forma especial de aliança consiste em que a força dirigente da aliança é o proletariado. Esta forma especial de aliança consiste em que o dirigente do Estado, o dirigente, no sistema da ditadura do proletariado, é um só Partido, o partido do proletariado, o Partido Comunista, que não compartilha nem pode compartilhar a direção com os demais partidos. Como se vê, a contradigão é apenas aparente. "A ditadura do proletariado é uma forma especial de aliança de classe (sublinhado por Stálin) entre o proletariado, vanguarda dos trabalhadores, e as numerosas camadas trabalhadoras não proletarias (pequena burguesia, pequenos patrões, camponeses, intelectuais, etc.) ou com a maioria delas, aliança dirigida contra o capital, aliança que se propõe derubar completamente o capital e esmagar completamente a resistencia da burguesia e de suas tentativas de restauração, aliança que tem como fim criar e consolidar definitivamente o socialismo. Esta é uma aliança de tipo especial, que se forma sob condições especiais, ou, seja, sob as condições de uma furiosa guerra civil, a aliança dos partidarios firmes do socialismo com seus aliados vacilantes e, às vezes, "neutros" (neste caso, o pacto de luta converte-se em pacto de neutralidade), aliança entre classes diferentes do ponto de vista economico, politico, social e espiritual". (Sublinhado por Stálin). ("Lênin, tomo XXIV, pag. 311, discurso pronunciado no Congresso das Instituições de Instrução Extra-Escolar). Assinalando um dos objetivos mais importantes da ditadura, o de esmagar os exploradores, diz Lênin: "Cientificamente, ditadura não significa senão o poder ilimitado, não restringido por nenhuma lei, absolutamente por nenhuma norma, um poder que se apoia diretamente na violencia"...



"Ditadura significa — tendo-se em conta de uma vez por todas, senhores kadetes! — um poder ilimitado que se apoia na força e não na lei. Durante a guerra civil, o poder vitorioso, seja qual for, só pode ser ditatorial" (Lénin, t. XXV, pags. 441 e 436. *Em Torno à História do Problema da Ditadura*). Mas, naturalmente, a ditadura do proletariado não se reduz somente à violência, ainda que, sem violência, não possa haver ditadura. "Ditadura — diz Lénin — não significa somente violência, ainda que não seja realizável sem violência: significa também organização do trabalho, organização superior à precedente". (Lénin, t. XXIV, pag. 305, *Discurso Como se Engana o Povo com Lemas de Liberdade e Igualdade*). "A ditadura do proletariado... não é somente o exercício da violência contra os exploradores, nem sequer é principalmente violência. A base económica dessa violência revolucionária, a garantia de sua vitalidade e de seu êxito, está em que o proletariado representa, e põe em prática, um tipo mais elevado de organização social do trabalho que o do capitalismo. Nisso reside a sua essência. Nisso reside a fonte da força e da garantia do triunfo completo e inevitável do comunismo". (Lénin, t. XXIV, pags. 335-336, *Uma Grande Iniciativa*)... "Sua essência fundamental (isto é, a da ditadura, Stálin) está na organização e na disciplina do destacamento de primeira linha dos trabalhadores, de sua vanguarda, de seu único dirigente: o proletariado. Seu objetivo é construir o socialismo, suprimir a divisão da sociedade em classes, converter todos os membros da sociedade em trabalhadores, destruir a base sobre a qual descansa toda a exploração do homem pelo homem. Este objetivo não pode ser alcançado de uma vez; isto exige um período de tran-

sição bastante longo do capitalismo ao socialismo, seja porque é empresa difícil reorganizar a produção, seja porque é necessário muito tempo para implantar mudanças radicais em todos os domínios da vida, seja também porque a enorme força do costume que é o manejo da economia ao modo pequeno-burguês só pode ser superada por meio de uma luta tenaz e ampla. E' precisamente por isto que Marx fala de todo um período de ditadura do proletariado como sendo um período de transição do capitalismo ao socialismo". (Idem, pag. 314). Estes são os traços característicos da ditadura do proletariado. De onde se conclue serem estes os tres aspectos fundamentais da ditadura do proletariado... 1 — Utilização do poder do proletariado para esmagar os exploradores, para a defesa do país, para consolidar as relações com os proletários de outros países, para o desenvolvimento e a vitória da revolução proletária em todos os países. 2 — Utilização do poder do proletariado para desligar definitivamente, da burguesia, as massas trabalhadoras e exploradas, para consolidar a aliança entre o proletariado e estas massas, para fazer com que estas massas participem na obra de construção socialista, para a direção estatal destas massas pelo proletariado. 3 — Utilização do poder do proletariado para organizar o socialismo, para suprimir as classes, para alcançar a sociedade sem classes, a sociedade sem Estado. A ditadura do proletariado é a soma destes tres aspectos. Nem um só destes tres aspectos pode ser considerado como o único traço característico da ditadura do proletariado. Basta, pelo contrario, que falte um deles, mesmo que seja um apenas, para que a ditadura do proletariado deixe de ser ditadura, dentro das condições do cerco capitalista. Por isso, não se pode

eliminar nenhum destes tres aspectos sem se correr o perigo de contradizer a idéia da ditadura do proletariado. Somente os tres aspectos em conjunto é que dão ideia completa e acabada da ditadura do proletariado. A ditadura do proletariado tem seus períodos, suas formas especiais, seus diversos metodos de trabalho. Durante o período da guerra civil, o que salta a nossos olhos é, sobretudo, o aspecto da violência da ditadura. Mas disso não se depreende, de modo algum, que, durante o período da guerra civil, não se leve a cabo nenhum trabalho construtivo. Sem trabalho construtivo é impossível sustentar a guerra civil. Pelo contrario, durante o período da construção do socialismo, ressalta sobretudo o trabalho pacífico, organizador e cultural da ditadura, a legalidade revolucionária, etc. Mas daí não se conclue, também, do mesmo modo, que o aspecto de violência da ditadura tenha desaparecido ou possa desaparecer durante o período da construção. Os órgãos de repressão, o exercito e outras organizações, continuam sendo necessários agora, no período da construção, da mesma maneira que na guerra civil. Sem esses órgãos, a ditadura não poderia realizar trabalho construtivo mais ou menos garantido. Não se deve esquecer que, por enquanto, a revolução não triunfou senão num só país. Não se deve esquecer que, enquanto existir o cerco capitalista, o perigo de intervenção, com todas as consequências derivadas do mesmo, continuará existindo". (Stálin — *Sobre os fundamentos do leninismo*, pags. 175-82 — Edit. Calvino Ltda., 1945). Ainda sobre a ditadura do proletariado, Stálin salienta desse tema 3 problemas fundamentais: 1) a ditadura do proletariado como instrumento da revolução proletária; 2) a ditadura do proleta-

riado como dominação do proletariado sobre a burguesia; 3) o Poder Soviético como forma estatal da ditadura do proletariado. 1 — *A ditadura do proletariado como instrumento da revolução proletária*. O problema da ditadura do proletariado é, sobretudo, o problema do conteúdo fundamental da revolução proletária. A revolução proletária, seu movimento, sua extensão, suas conquistas somente se tornam realidade de carne e osso através da ditadura do proletariado. A ditadura do proletariado é o instrumento da revolução proletária, seu órgão, seu ponto de apoio mais importante, criado, primeiro, para esmagar a resistência dos exploradores derrubados e consolidar as conquistas obtidas e, segundo, para levar a termo a revolução proletária, para leva-la até a vitória total do socialismo. Vencer a burguesia e derruir seu poder é coisa que a revolução poderia fazer sem a ditadura do proletariado. Mas esmagar a resistência da burguesia, defender a vitória e continuar avançando para o triunfo final do socialismo, não o pode conseguir a revolução, se não criar, ao atingir determinada fase do desenvolvimento, como arrimo básico, um órgão especial sob forma de ditadura do proletariado. "O problema fundamental da revolução é o problema do poder". (Lénin). Querirá isto porventura dizer que tudo se deva limitar à tomada do poder, à conquista do poder? Não. A tomada do poder é apenas o começo. A burguesia, muito embora seu poder caia por terra num país, continuará sendo, durante longo tempo, por muitas causas, mais forte que o proletariado que a derrubou. Por isso, o problema reside em manter-se no poder, consolida-lo e torna-lo invencível. E que é preciso fazer para atingir este objetivo? E' necessario

cumprir, pelo menos, as tres tarefas principais que se apresentam à ditadura do proletariado "no dia seguinte" mesmo da vitoria: a) Vencer a resistencia dos latifundiarios e capitalistas derrubados e expropriados pela revolução; liquidar todas e cada uma de suas tentativas para restaurar o poder do capital; b) Organizar o trabalho construtivo, mediante a coesão de todos os trabalhadores em torno do proletariado e levar a cabo este trabalho no sentido de preparar a supressão, a destruição das classes; c) Armar a revolução, organizar um exercito revolucionario para lutar contra os inimigos externos, para lutar contra o imperialismo. Para levar a cabo, para cumprir estas tarefas é necessaria a ditadura do proletariado. "A transição do capitalismo ao comunismo — diz Lênin — encherá toda uma época historica. Enquanto esta época historica não se completar, os exploradores continuarão inevitavelmente abrigando esperanças de restauração, esperanças que se converterão em tentativas de restauração. Depois da primeira derrota seria, os exploradores derribados, que não esperavam a derrocada, que não acreditavam nela, que nem sequer aceitavam a ideia dessa queda, lançar-se-ão com energia decuplicada, com furiosa paixão, com odio centuplicado, à luta pela restituição do "paraíso" que lhes foi arrebatado, por suas familias, que antes desfrutavam tão doce existencia e agora a "chusma da patuleia vil" condena à ruína e à miséria (ou ao "simples" trabalho...). E por trás dos capitalistas exploradores arrastar-se-á enorme massa da pequena burguesia, daquela que decenios de experiencia historica em todos os paises nos dizem que vacila e titubeia, que hoje segue o proletariado e amanhã se atemoriza ante as dificuldades da revolução, que se deixa tomar pelo pa-

nico em face da primeira derrota ou semi-derrota dos operarios, que fica nervosa e se agita, choraminga e passa de um campo para o outro". (Lênin, t. XXIII, pag. 355, A Revolução Proletaria e o Renegado Kautski). E a burguesia tem suas razões para fazer tentativas de restauração, pois mesmo depois da derrocada continuará sendo, durante muito tempo, mais forte do que o proletariado que a venceu. "Se os exploradores forem derrotados somente num país — diz Lênin — e este é, naturalmente, o caso tipico, pois a revolução simultanea numa serie de paises constitui rara exceção — continuarão sendo não obstante, mais fortes do que os explorados". (Lugar citado, pagina 354). Em que reside a força da burguesia derrubada? Em primeiro lugar, "na força do capital internacional, na força e solidez das relações internacionais da burguesia". (Lênin, t. XXV, pagina 173, Extremismo, Doença Infantil do Comunismo). Em segundo lugar, em que "durante muito tempo depois da revolução, os exploradores continuarão conservando de facto, inevitavelmente, uma serie de vantagens enormes: conservarão o dinheiro (não é possível suprimir o dinheiro de um momento para outro), alguns bens moveis, com frequencia valiosos; conservarão as relações, os habitos de organização e administração, o conhecimento de todos os "segredos" (costumes, processos, meios, possibilidades) da administração; conservarão instrução mais elevada, intimidade com o alto pessoal tecnico (que vive e pensa como burgueses); conservarão (e isto é muito importante) uma experiencia infinitamente superior relativamente à arte militar, etc., etc.". (Lênin, t. XXXIII, pag. 354, A Revolução Proletaria e o Renegado Kautski). Em terceiro lugar, "... na força do costume, na

força da pequena produção. Pois, infelizmente, ficou no mundo muita pequena produção e esta gera o capitalismo e a burguesia constantemente, de dia para dia, de hora para hora, por um processo espontaneo e em massa", ... pois "suprimir as classes, não consiste unicamemente em expulsar os latifundiarios e capitalistas — isto já fizemos nós com relativa facilidade — mas também em suprimir os pequenos produtores de mercadorias. Mas a estes é impossível expulsar, é impossível esmagar; é preciso entrar em entendimento com eles, é possível (e se deve) transforma-los, reeduca-los mediante um trabalho de organização muito longo, lento e cauteloso". (Lênin, t. XXV, pags. 173 e 189, Extremismo, Doença Infantil do Comunismo). Essa é a razão pela qual Lênin diz que "a ditadura do proletariado é a guerra mais abnegada e implacavel da nova classe contra um inimigo mais poderoso, contra a burguesia, cuja resistencia é decuplicada pela derrota"; que "a ditadura do proletariado é uma luta tenaz, cruenta e incruenta, violenta e pacifica, militar e economica, pedagogica e administrativa, contra as forças e tradições da velha sociedade". (Lugar citado, pags. 173 e 190). E' desnecessario demonstrar que se torna absolutamente impossível cumprir essas tarefas em curto prazo, levar tudo isso à pratica em poucos anos. Por isso, na ditadura do proletariado, no transito do capitalismo ao comunismo não se pode ver um periodo passageiro, que se revista da forma de uma serie de atos e decretos "revolucionarissimos", mas uma época historica inteira, ferida por guerras civis e choques externos, preñhe de um trabalho tenaz de organização e construção economica, de ofensivas e retiradas, de vitorias e derrotas. Esta época historica não só é necessaria para assentar

as premissas economicas e culturais do triunfo completo do socialismo, como também para dar ao proletariado a possibilidade de se educar e retemperar como força capaz de dirigir o país e, ainda, para reeducar e transformar as camadas pequeno-burguesas da população no sentido de assegurar a organização da produção socialista. "Tendes que atravessar — dizia Marx, aos operarios — quinze, vinte, cinquenta anos de guerras civis e batalhas internacionais, não só para mudar o regime existente, mas também para transformar-vos a vós mesmos e capacitar-vos para a dominação politica". (Obras completas de Marx e Engels, ed. do Instituto Marx-Engels-Lênine, t. VIII, pag. 506, Em Torno da Historia da Liga Comunista). Continuando e desenvolvendo a ideia de Marx, Lênin escreve: "Sob a ditadura do proletariado, será preciso reeducar milhões de camponeses e pequenos proprietarios, centenas de milhares de empregados, funcionarios, intelectuais burgueses, subordinando todos ao Estado proletario e à direção proletaria e vencer neles os habitos e tradições burgueses"; e será necessario também "... reeducar ... com uma luta prolongada, na base da ditadura do proletariado, os proprios proletarios, que não se desembaraçarão dos preconceitos pequeno-burgueses de um momento para outro por milagre, por graça do Espirito Santo ou pelo efeito magico de alguma palavra de ordem, de uma resolução ou de um decreto, mas exclusivamente através de longa e dificil luta de massas contra as influencias pequeno-burguesas que existem entre as massas". (Lênin, t. XXV, paginas 248 e 247, Extremismo, Doença Infantil do Comunismo). 2 — A ditadura do proletariado como dominação do proletariado sobre a burguesia. Do que ficou dito, depreende-se que a ditadura do proletariado não é



a simples mudança de pessoas num governo, uma mudança de "gabinete", etc., que deixe intacta a antiga ordem económica e política. Os mencheviques e oportunistas de todos os países, que temem a ditadura como ao fogo e substituem por medo a ideia de ditadura pela da "conquista do poder", costumam reduzir a "conquista do poder" a uma mudança de "gabinete", à subida ao poder de um novo ministério, formado por indivíduos como Scheidemann e Noske, MacDonald e Henderson. Não cremos que seja preciso determo-nos na explicação de que estas mudanças de gabinete e outras que tais nada têm a ver com a ditadura do proletariado, com a conquista do verdadeiro poder pelo verdadeiro proletariado. Os MacDonald e os Scheidemann no poder, deixando intacta a antiga ordem de coisas burguesa, seus governos — chamemo-los assim — não podem ser mais do que um aparelho posto ao serviço da burguesia, um meio de encobrir as garras do imperialismo, um instrumento posto nas mãos da burguesia contra o movimento revolucionário das massas oprimidas e exploradas. O capital, quando se torna incomodo ou difícil oprimir e explorar descaradamente as massas, necessita encapar-se em governos dessa natureza. Naturalmente, o aparecimento de semelhantes governos é sintoma de que "entre eles" (isto é, entre os capitalistas) reina certa inquietação, mas, apesar de tudo, os governos dessa espécie continuam sendo, inevitavelmente, governos do capital, disfarçados. De um governo MacDonald ou Scheidemann à conquista do poder pelo proletariado ha tanta distancia como da terra ao ceu. A ditadura do proletariado não é uma nova mudança de governo, mas um Estado novo, com órgãos novos do poder no centro e na periferia, o Estado do proleta-

riado, que brota das ruínas do Estado velho, do Estado da burguesia. A ditadura do proletariado não nasce à base da ordem burguesa, mas no processo da destruição desta, depois da derrocada da burguesia, no processo da expropriação dos latifundiários e capitalistas, da socialização dos instrumentos e meios de produção fundamentais, no processo da revolução violenta do proletariado. A ditadura do proletariado é um poder revolucionário que se apoia na violencia contra a burguesia. O Estado é uma maquina posta nas mãos da classe dominante para esmagar a resistencia dos adversarios de classe. Neste sentido, a ditadura do proletariado não se diferencia essencialmente em nada da ditadura de qualquer outra classe, pois o Estado proletario é uma maquina para esmagar a burguesia. Mas aí existe uma diferença essencial. Esta diferença consiste em que todos os Estados de classe que existiram até agora eram a ditadura da minoria exploradora sobre a maioria explorada, enquanto a ditadura do proletariado é a ditadura da maioria explorada sobre a minoria exploradora. Resumindo: "A ditadura do proletariado é a dominação do proletariado sobre a burguesia, dominação não limitada pela lei e que se calca na violencia e goza da simpatia e do apoio das massas trabalhadoras e exploradas". (Lénin, O Estado e a Revolução). Daí se extraem duas conclusões fundamentais: *Primeira conclusão* — A ditadura do proletariado não pode ser uma democracia "completa", uma democracia para todos, para pobres e ricos; a ditadura do proletariado "tem de ser um Estado democratico de um modo novo para" (sublinhado por Stálin) os proletarios e deserdados em geral e ditatorial de um novo modo, contra (sublinhado por Stálin) a burguesia..." (Lénin, t. XXI, pagin-

na 393, O Estado e a Revolução) A tagarelice de Kautski & Cia. sobre a igualdade universal, sobre a democracia "pura", democracia "perfeita", etc., não passa de cortina burguesa sobre um facto indubitavel: a igualdade entre exploradores e explorados é impossivel. A teoria da democracia "pura" é a teoria da aristocracia operaria, domesticada e cevada pelos saqueadores imperialistas. Esta teoria foi criada para encobrir os vestígios do capitalismo, para disfarçar o imperialismo e infundir-lhe força moral na luta contra as massas exploradas. Sob o capitalismo, não existem nem podem existir verdadeiras "liberdades" para os explorados, ainda que apenas porque os locais, as imprensas, os depositos de papel, etc., precisos para por em pratica essas "liberdades", constituem privilegio dos exploradores. Sob o capitalismo não ha nem pode haver verdadeira participação das massas exploradas no governo do país, pois nesse sistema, por mais democratico que seja, os governos não são formados pelo povo, mas pelos Rothschild, pelos Stinnes, pelos Rockefeller, pelos Morgan. No capitalismo, a democracia é uma democracia *capitalista*, democracia da minoria exploradora, baseada na restrição dos direitos da maioria explorada e dirigida contra esta maioria. Somente na ditadura do proletariado pode haver verdadeiras "liberdades" para os explorados e uma verdadeira participação dos proletarios e dos camponeses na direção do país. Na ditadura do proletariado, a democracia é uma democracia *proletaria*, democracia da maioria explorada, baseada na restrição dos direitos da minoria exploradora e dirigida contra esta minoria. *Segunda conclusão* — A ditadura do proletariado não pode surgir como resultado do desenvolvimento pacifico da sociedade burguesa e da democracia bur-

guesa; pode surgir somente como resultado da destruição da maquina do Estado burgues, do exercito burgues, do aparelho burocratico burgues, da policia burguesa. "A classe operaria não se pode limitar a tomar simplesmente posse da maquina do Estado tal como a encontra e faze-la funcionar para seus proprios fins" — dizem Marx e Engels no prologo do "Manifesto Comunista". — A revolução proletaria não deve "...fazer passar de umas mãos para outras a maquina burocratico-militar, como se vinha fazendo até agora, mas destrui-la...; esta é a premissa de qualquer revolução verdadeiramente popular no continente", diz Marx em sua carta a Kugelman, escrita em 1871. A restrição de Marx com respeito ao continente tem servido de pretexto aos oportunistas e mencheviques de todos os países para proclamar que Marx admitia a possibilidade de uma transformação pacifica da democracia burguesa em democracia proletaria pelo menos com respeito a alguns países fora do continente europeu (Inglaterra, Estados Unidos). Com efeito, Marx admitia esta possibilidade, e tinha razão para admiti-la, relativamente à Inglaterra e aos Estados Unidos, na decada dos 70 do seculo passado, quando não existia o capitalismo monopolista nem o imperialismo e estes países não possuíam ainda, graças às condições especiais de seu desenvolvimento, militarismo e burocracia desenvolvidos. Assim mantiveram-se as coisas até a eclosão do imperialismo. Mas mais tarde, passados trinta ou quarenta anos, quando a situação destes países já se modificara radicalmente, quando o imperialismo se desenvolvera e abarcava todos os países capitalistas, sem exceção, quando o militarismo e a burocracia apareceram na Inglaterra e nos Estados Unidos, quando as condições especiais de de-

envolvimento pacífico na Inglaterra e nos Estados Unidos haviam desaparecido, a reserva feita com relação a estes países tinha que desaparecer por si mesma. "Hoje — diz Lênin — em 1917, na época da primeira grande guerra imperialista, esta restrição de Marx desaparece por si só. Tanto a Inglaterra como os Estados Unidos os maiores e últimos representantes no mundo inteiro da "liberdade" anglo-saxônica, no sentido de ausência de militarismo e burocracia, rolaram por completo no pantano geral da Europa, no pantano imundo e sangrento das instituições burocrático-militares, que tudo subordinam e oprimem. Agora, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos, a "premissa de qualquer revolução verdadeiramente popular" é a destruição, o esmagamento da "maquina do Estado" "preparada" (fabricada nos mencionados países nos anos de 1914 a 1917 e, levada à perfeição "europeia" do imperialismo em geral)" (Lênin, t. XXI, pag. 395. O Estado e a Revolução). Noutras palavras, a lei da revolução violenta do proletariado, a lei da destruição da maquina do Estado burguês, como premissa desta revolução, é uma lei inevitável do movimento revolucionário em todos os países imperialistas do mundo. E' evidente que, num futuro longinquo, caso o proletariado vença nos países capitalistas mais importantes e o atual cerco capitalista seja substituído pelo cerco socialista, será absolutamente possível a trajetória "pacífica" em alguns países capitalistas, nos quais os capitalistas, movidos pela situação internacional "desfavorável", julguem oportuno fazer ao proletariado, "voluntariamente", concessões importantes. Mas esta hipótese refere-se unicamente a um futuro longinquo e possível. Para o futuro proximo, esta hipótese não tem nenhum fundamento, absoluta-

mente nenhum. Por isso Lênin tem razão, quando diz: "A revolução proletária é impossível sem a destruição violenta da maquina do Estado burguês e sem sua substituição por outra nova" (Lênin, t. XXIII, pag. 342. A Revolução Proletária e o Renegado Kautski). 3 — O Poder Sovietico como forma de Estado da ditadura do proletariado. A vitória da ditadura do proletariado significa o esmagamento da burguesia, a destruição da maquina do Estado burguês, a substituição da democracia burguesa pela democracia proletária. Isto é obvio. Mas com a ajuda de que organizações se poderá levar a termo esta gigantesca tarefa? Não cremos que possam haver duvidas de que as velhas formas de organização do proletariado, que surgiram à base do parlamentarismo burguês, não servem para um trabalho dessa natureza. Quais são, pois, as novas formas de organização do proletariado, aptas a desempenhar o papel de cozeiras da maquina do Estado burguês, aptas não só a destruir esta maquina e substituir a democracia burguesa pela democracia proletária, como também a se converterem na base do poder estatal do proletariado? Esta nova forma de organização do proletariado são os Soviets. Em que consiste a força dos Soviets, em comparação com as velhas forças de organização? Em que os Soviets são as *mais vastas* organizações de massas do proletariado, pois são eles, os Soviets, podem enquadrar todos os operarios, sem exceção. Em que os Soviets são as *unicas* organizações de massas que conglobam todos os oprimidos e explorados, operarios e camponeses, soldados e marinheiros, e em que, como consequencia disto, permitem levar a cabo a direção politica da luta de massas pela vanguarda destas massas, pelo proletariado, da maneira mais facil e completa. Em

que os Soviets são os órgãos *mais poderosos* da luta revolucionaria de massas, das ações politicas de massas, da insurreição de massas, órgãos capazes de destruir a onipotencia do capital financeiro e seus apêndices politicos. Em que os Soviets são organizações *diretas* das proprias massas, isto é, as organizações *mais democraticas* e, portanto, com maior autoridade entre as massas; facilitam ao maximo a participação destas na organização do novo Estado e em seu governo e desdobram ao mais alto grau a energia revolucionaria, a iniciativa, a capacidade criadora das massas na luta pela destruição da antiga ordem de coisas, na luta por uma ordem de coisas nova, por uma ordem de coisas proletária. O Poder Sovietico é a unificação e estruturação dos Soviets locais numa organização geral de Estado, na organização estatal do proletariado como vanguarda das massas oprimidas e exploradas e como classe dominante, sua unificação dentro de uma Republica dos Soviets. A essencia do Poder Sovietico reside no facto de que as organizações mais de massas e mais revolucionarias, precisamente das classes que eram oprimidas pelos capitalistas e latifundiarios, são agora "a base *permanente* e *unica* de todo o poder estatal, de todo o aparelho do Estado", no facto de que "precisamente estas massas que até eas republicas burguesas mais democraticas", não obstante fossem por lei iguais em direitos, "se viam, de facto, em virtude de mil processos e ardis, privadas de minima participação na vida politica e do gozo dos direitos e liberdades democraticas, têm hoje participação *permanente, iniludível*, e além disso, *decisiva* (sublinhado por Stálin) na direção democratica do Estado". (Lênin, t. XXIV, pag. 13. *Tese Sobre a Democracia Burguesa e a Ditadura do Proletariado, Apresentada*

*ao I Congresso da Internacional Comunista*). Esta a razão pela qual o Poder Sovietico é uma *nova* forma de organização estatal, que se distingue em principio da velha forma democratico-burguesa e parlamentar, um *novo tipo* de Estado, não adequado à obra de exploração e opressão das massas trabalhadoras, mas à obra de libertar, completamente, estas massas de qualquer opressão e qualquer exploração, adequado à obra da ditadura do proletariado. Lênin tem razão quando diz que, com o aparecimento do Poder Sovietico, "a época do parlamentarismo democratico-burguês termina e abre-se um novo capitulo da historia universal: a era da ditadura do proletariado". Quais são os traços característicos do Poder Sovietico? O Poder Sovietico é a organização estatal mais de massas e mais democratica de todas as organizações de Estado possíveis sob as condições da existencia de classes, pois sendo, como é, o terreno da aliança e colaboração de operarios e camponeses explorados, na luta contra os exploradores, e apoiando-se para seu trabalho nessa aliança e nessa colaboração, é, por isso mesmo, o poder da maioria da população sobre a minoria, o Estado dessa maioria, a expressão de sua ditadura. O Poder Sovietico é a mais internacional de todas as organizações estatais da sociedade de classes, porque, destruindo a opressão nacional e apoiando-se na colaboração das massas trabalhadoras de varias nacionalidades, facilita, por isso mesmo, a *unificação* destas massas numa só federação estatal. O Poder Sovietico facilita, pela propria estrutura, a direção das massas oprimidas e exploradas por sua vanguarda, pelo proletariado, como o nucleo mais coeso e mais consciente dos Soviets. "A *experiencia* de todas as revoluções e de todos os movimentos das classes opri-



midas, a experiência do momento socialista mundial, — diz Lênin — ensina-nos que somente o proletariado é capaz de reunir e arrastar consigo as forças dispersas e atrasadas da população trabalhadora e explorada". (Lênin, t. XXIV, pag. 14, discurso e tese *Sobre a Democracia Burguesa e a Ditadura do Proletariado*). A estrutura do Poder Soviético facilita a aplicação dos ensinamentos proporcionados por essa experiência. O Poder Soviético, unindo o Poder Legislativo e o Poder Executivo numa só organização de Estado e substituindo os distritos eleitorais de tipo territorial pelas unidades de produção — fábricas e oficinas — põe as massas operárias e as massas trabalhadoras, em geral, em relação direta com o aparelho de direção do Estado e ensina-as a governar o país. Somente o Poder Soviético é capaz de subtrair o exercício à subordinação do mando burguês e converte-lo, de instrumento de opressão de povo que é, sob o regime burguês, em instrumento de libertação do povo do jugo da burguesia tanto da nacional como da estrangeira. "Somente a organização soviética do Estado pode destruir de repente e quebrar definitivamente o velho aparelho, isto é, o aparelho burocrático

e judicial burguês". (Lugar citado). Somente a forma soviética de Estado, que leva à participação permanente e incondicional na direção do Estado as organizações de massas dos trabalhadores e explorados, é capaz de preparar a extinção do Estado, que é um dos factores fundamentais da futura sociedade sem Estado, da sociedade comunista. A República dos Soviets é, por tudo isso, a forma política procurada e afinal descoberta, na qual tem de se realizar a libertação económica do proletariado, o triunfo completo do socialismo. A Comuna de Paris foi o germe desta forma política. O Poder Soviético é o seu desenvolvimento e culminação. Por isso, Lênin diz que "a República dos Soviets de Deputados Operários Soldados e Camponeses não é somente a forma de tipo mais elevado das instituições democráticas... mas a única (\*) forma capaz de assegurar a passagem menos dolorosa possível para o socialismo". (Lênin, t. XXII, pag. 131, *Tese Sobre a Assembleia Constituinte*). Stálin — *Sobre os Fundamentos do Leninismo*, pags. 55-71 — Edit. Calvino Ltda — 1945).

(\*) Grifado por Stálin.

ECONOMIA SOCIALISTA X CAPITALISTA — O desaparecimento da indústria privada não pode ser considerado como casual. Sucumbiu, sobretudo, porque o sistema socialista da economia é superior ao capitalista. Sucumbiu, em segundo lugar, porque o sistema socialista da economia nos proporcionou a possibilidade de reequipar, no curso de vários anos, toda a nossa indústria socialista em base técnica nova, moderna. Semelhante possibilidade não é nem pode ser proporcionada pelo sistema capitalista da economia. E é inegável que, do ponto de vista da técnica da produção, do ponto de vista do grau de saturação da produção industrial com novos elementos técnicos, nossa indústria ocupa o primeiro lugar no mundo. (Stálin — *Do Infor. ao XVIII Congr. do P.C. (b) da URSS.*)

## Que Dizem Nossos Parlamentares

QUE É DEMOCRACIA BURGUESA?

O prof. Sampaio Doria, jurista e católico praticante, escreveu uma carta ao deputado Mario Masagão, que foi lida na Assembleia Constituinte, da qual transcrevemos os tópicos mais interessantes. As observações entre-parentesis e em grifo são da responsabilidade da Redação desta revista.

"Nada mais claro, nem mais de acordo com a realidade dos factos: a democracia é o consentimento do povo na investidura e no exercício do poder. Este assentimento se dá mediante o exercício de dois direitos: 1.º) o de eleger o povo o governo que haja por bem, e 2.º) o de mudá-lo, a qualquer tempo, dentro da lei.

Sabe você que a falta de qualquer destes dois direitos arruinaria a estrutura democrática. O primeiro, sem o segundo, usurpa à democracia a nobreza de seu nome. Não se compreende o direito só de eleger o governo, sem o de criticá-lo, debatendo-lhe os atos, o de chamá-lo a contas ou de responsabilizá-lo, ou de mudá-lo, em suma, quando o tenha por infiel ao seu pensamento. Seria desfalcado a democracia de um de seus elementos vitais, como se da água se subtraísse o oxigênio, e já não seria água. Sem o direito de mudar o povo o governo que já lhe não agrade, o que terá instituído, com a eleição dele, é a escravidão política. Em vez de eleger representantes da nação, terá eleito senhores do povo. Para que os escolhidos nas urnas não degenerem em senhores, é indispensável que possam as urnas revogar-lhes o mandato (*este direito de revogação de mandatos só existe na URSS — N.R.*). E' o exercício pelo povo do segundo direito: o de mudar a qualquer tempo, sem revolução, o governo que haja organizado.

\* \* \*

De qualquer forma, o que seus amigos esperam de sua inteligência clara, e, de sua cultura invejável, e de seu amor à terra comum, é a defesa inflexível da democracia, para que se não convertam os representantes de homens livres, os eleitos de uma nação livre, em senhores de uma raça escrava e perdida.

Sem o direito de mudar o povo, a qualquer tempo ou a tempo breve, sem revoluções, mas por processos constitucionais, o governo que haja instituído, não haverá democracia (*de acordo com esta tese, por sinal verdadeira, ainda não conhecemos no Brasil a democracia. N.R.*).

Dir-se-ia que não temos cérebro para compreender o que é democracia ou não temos caráter para realizá-la.

E' outra, porém, a verdade. Todos sabem que o plano da longevidade do mandato legislativo é inspiração do interesse contra a pátria.

Fora da brevidade, já não importa ser o prazo quatro, seis ou de dez anos. O que ninguém tolera é a escravatura, embora democrática na ilusão de que elege... senhores. O que todos querem, é não eleger senhores, mas representantes de sua vontade. Nem foi para legitimar, em eleições uma forma de tirania ou de ditadura, que a Pátria delegou a um punhado de seus filhos o exercício da soberania.

A responsabilidade desse crime cairá inteira sobre a cabeça dos homens que aí estão na Constituinte, a que você, meu caro amigo, empresta a luz de seu saber e a retidão de seu caráter.

Do seu A. de Sampaio Doria.

(Diário da Assembléia, n. 47 — 12-4-946.)

## QUANTA DESGRAÇA!

O deputado Aluizio Alves cita:

"O Dr. Teófilo de Almeida, em "Iniciação da Moderna Organização Hospitalar", publicação oficial do Departamento Nacional de Saúde, dá estes informes contristadores:

"Por cada 1.000 habitantes, o Brasil possui, somente, 1,6 de leito". Em outras palavras, de 1.000 doentes, apenas um poderá contar com um leito de hospital geral!

— Se o enfermo for tuberculoso, alienado ou leproso, terá, apenas, 1,10 de leito.

— O número de leitos em todos os hospitais do País não excede de 168.869, incluídos os destinados a tuberculosos, leprosos e loucos.

E o Dr. Otávio Aires, comentando estes dados escreve: "Assim, se cada um desses 168.869 leitos puder agazalhar, anualmente, 10 enfermos (cálculo exagerado) só obterão o tratamento indispensável 1.688.690 pacientes, isto para uma população de 43 milhões de pessoas, das quais, no mínimo, 10 milhões bradam, choram, imploram por uma cama num hospital."

\* \* \*

Continuando nas minhas considerações — diz mais adiante o senhor Aluizio Alves — quero chamar a atenção da Assembléia para os índices

de tuberculose que, juntamente com os números já apresentados sobre diversos problemas, constituem as cores trágicas do quadro que venho pintado. Enquanto Nova York registra 14 óbitos por tuberculose, em 100 mil habitantes, Hamburgo 75, Londres 79, Berlim 90, Buenos Aires 150, o Rio, a "cidade maravilhosa", apresenta 300 óbitos por 100 mil.

Ainda há poucos dias desta tribuna, o Sr. deputado Agostinho Monteiro mostrava, documentadamente, que, tendo em vista a nossa população, a produção de leite no País correspondia apenas a uma colher diária, por habitante.

Em Londres, entre cem falecimentos por todas as causas, a metade tem vivido até mais de cinquenta e nove anos; em Buenos Aires, a metade desaparece depois dos quarenta anos; no Rio de Janeiro, quase um terço dos óbitos ocorre no primeiro ano de vida!

No Uruguai, a percentagem de óbitos é de 9,2 por mil habitantes; na América do Norte — a média é de 10,9 —; na Argentina, 10,8; na Holanda, 10; na Dinamarca, 10,3.

E no Brasil? Em 1934, 16,20; em 1935, 17,15; em 1936, 17,94; em 1937, 18,7; em 1938, 18,81 (até aqui nas Capitais e de agora por diante no Rio de Janeiro), em 1939, 17,7; em 1940, 17,8; em 1941, 18,2; em 1942, 17,9; em 1943, 18,00; em 1944, 19,6 e em 1945, 17,6, havendo capitais, como Natal, em que, no período de 1939 a 1945, os dados estatísticos registam o coeficiente de mortalidade geral por mil habitantes variando de 25,7 a 42,1.

Que temos feito para resolver igualmente o problema relativo à educação? Argumento ainda, a esse respeito, com dados de outros países: a Finlândia apresenta 106 alunos primários por mil habitantes; a Dinamarca, 106; a Hungria 109, a Austrália 111, a Suíça 114, a Itália 119, a Inglaterra 125, a Noruega 127, a Polônia 131, e em muitos outros países os dados se apresentam nesta altura, ao passo que o Brasil oferece apenas 51 alunos por mil habitantes e abaixo do Brasil, apenas se encontram Nicarágua e a Bolívia. Consolemo-nos... a Índia também...

(Diário da Assembléia, n. 47 — 12-4-946.)

## TEMOS VIVIDO SOB OPRESSÃO

E' a verdade proferida pelo deputado Matias Olímpio, nos seguintes termos:

"A máquina estadual passou a funcionar atendendo apenas aos desejos do estadual detentor do poder. Desorganiza-se por completo a administração toda vez que se inicia um novo ciclo governamental.

Passámos a viver num mundo político de surpresas e a Nação era, diariamente, abalada com a manifestação soberana da vontade do Executivo, que traçava os nossos rumos consultando tão somente às suas inclinações ou, quando muito, ouvindo o silencioso gesto de consentimento dos áulicos. Implanta-se, em definitivo, o mandonismo incontrastado do



Executivo e as câmaras, complacentes e compostas à sua feição, deixaram-se castrar de tôdas as suas prerrogativas. Vencidas as esporádicas reações surgidas aqui e ali, passou a Nação a viver divorciada das chamadas elites dirigentes. O corpo eleitoral passou a ser mera ficção legal e, periodicamente, os manipuladores apresentavam ao País indiferente a galeria de seus representantes. Entre os dois mundos não existiam pontos de contacto. A política desapareceu dos parlamentos, fugiu dos comícios para os conciliábulos dos palácios governamentais. As facções não lutavam pelo apoio popular; não apelavam para a opinião pública; preferiam a sombra acolhedora do cacique distribuidor das benesses que descem do poder.

Em quadro tão contrastador, a Nação permaneceu décadas, ignorada por aqueles que se arrogavam ao título de intérpretes legítimos e exclusivos de suas aspirações. A Nação marchou porque o processo histórico não se detém. O desenvolvimento das forças econômicas acarreta desajustamentos cada vez mais profundos. O desequilíbrio passa a ameaçar aquele mundo tão distante da realidade que, para sobreviver, necessitava de uma campânula a isolá-lo da fermentação que se processava nas fábricas, no campo, nos quartéis, em toda a parte onde alguém meditasse nas contradições crescentes. A *debacle* do café veio proporcionar-nos a oportunidade de reajustarmos as instituições às necessidades do povo. O estado de espírito revolucionário que percorria todo o corpo da Nação extravasou os canais subterrâneos para destruir os quadros mortos de um regime apoiado em ficções legais. Entretanto, não soubemos aproveitar-nos da longa experiência do passado. Não procuramos resolver, de frente, os problemas nacionais e preferimos refugiar-nos no egoísmo dos grupos e das facções políticas, que se aproximam e se afastam de acordo com as conveniências pessoais. Ainda não nos convencemos de que não é mais possível ludibriar o povo com a pirotécnica das frases demagógicas, e ainda hoje tentamos mantê-lo anestesiado com programas que não se executam, com promessas que nunca se cumprem. Falta-nos a coragem de confessar, como o fez Otávio Mangabeira, que nunca exercitámos a democracia. Penitenciemo-nos dos erros passados porque só assim conseguiremos do País crédito indispensável à nossa missão atual. (*Diário da Assembléia*, n. 47 — 10-4-946.)

● ●

**TRAIRÃO O BRASIL** — “São traidores da Pátria os que em nome de uma suposta defesa continental, de caráter eminentemente ofensivo, como teve ocasião de declarar o Ministro da Marinha, esquecem de facto a defesa do Brasil. Esse o motivo também da luta continuada e enérgica que devemos fazer contra a cessão em nosso território de bases militares ao imperialismo, pela retirada imediata das forças armadas norte-americanas que ainda pisam o solo brasileiro”. (Pres-tes — Do seu *Informe Político à III Conferência Nacional do PCB*).

## Pequeno Dicionário Marxista

Publicaremos nesta secção esboços de verbetes, que, desenvolvidos futuramente, figurarão no Dicionário-Enciclopédia de Estados Sociais, ainda em organização. Convidamos a quantos se interessarem em contribuir para essa obra, graciosos ou remuneradamente, a procurar-nos.

**BOLCHEVIQUES** — Em russo significa majoritários (maioria). Foram assim chamados os comunistas que nas eleições para os organismos centrais do Partido Operário Social Democrata da Rússia acompanharam Lênin, votando de acordo com os seus pontos de vista. Atualmente são chamados bolcheviques os comunistas da URSS, filiados e fieis à orientação do Partido Comunista (b) da URSS.

**DITADURA DO PROLETARIADO NA URSS** — “Essa frase retumbante, empregada mais de uma vez por Karl Marx (1) repetida veementemente sustentada por Lênin, foi aceita pelas autoridades como designação oficial da Constituição da URSS, de preferência a qualquer alusão à orientação proporcionada pelo Partido Comunista ou à primitiva palavra de ordem “Todo o Poder aos Soviets”. Confessamos francamente que não compreendemos o que significava ou significa esta frase. Formulada em inglês, parece que quer dizer uma ditadura exercida pelo proletariado sobre a coletividade como um todo (*a dictatorship exercised “by” the proletariat, “over” the community as a whole*). Mas, se os termos devem ser considerados literalmente, chegamos à união de duas palavras que se contradizem.

(1) Grifado por Stálin.

Ditadura, como governo pela vontade de uma só pessoa, não pode ser governo pela vontade de uma classe imensa de pessoas. Além disso se “proletariado” significa a massa da população que depende do ganho diário, ou, como Marx queria dizer frequentemente, todos os trabalhadores empenhados na produção industrial mediante salário, em sociedades capitalistas como a Grã-Bretanha, em que tres quartas partes de todos os homens em idade de trabalhar são assalariados, a ditadura do proletariado não significaria mais do que o domínio de uma imensa maioria sobre uma minoria. Por que, então, chamar a isso de “ditadura”? Não nos julgamos com competência alguma para determinar o que Marx pode ter querido dizer por ditadura do proletariado. Mais relevante é o que Lênin queria dizer por essa frase, quando fez dela um dos princípios cardiais de sua atividade revolucionária. Melhor podemos descobrir o significado nas sucessivas fases que conduziram à primeira elaboração da Constituição, em 1918, e à sua estruturação subsequente. Lênin havia mantido por longo tempo que a revolução na Rússia jamais poderia ser efetuada pelas massas populares, no sentido literal da expressão. Ele divergia profundamente de ambos os grupos rivais de revolucionários, os social-revolucionários e os mencheviques, quanto à in-

interpretação correta da revolução de fevereiro de 1917, que ambos aceitavam como revolução "burguesa", mas que ele insistia em transformar numa revolução socialista. Lênin, porém, jamais acreditou que a verdadeira transformação da estrutura social contida na revolução social que ele desejava pudesse ser efetuada, quer pelas hordas de camponeses, ainda agrupadas nas aldeias ou tangidas de seus pequenos sítios, quer até por um movimento de massas nas cidades. Segundo compreendia Lênin, a revolução socialista só poderia ser levada a efeito pelos esforços prolongados de um partido relativamente pequeno, sumamente disciplinado e absolutamente unido, de revolucionários profissionais (que se tornou o Partido Comunista), atuando persistentemente no espírito do que ele chamava o proletariado. Por "proletariado", ele sempre entendeu os trabalhadores manuais, assalariados, da fábrica e da mina, em simples aliança com o campesinato, muitíssimo mais numeroso, porém inerte, sob esse ponto de vista, abrangendo pobres, médios ou remediados. Assim, Lênin esperava e pretendia que a transformação social, em si mesma, fosse, como todas as modificações sociais, planejada e promulgada por uma minoria, e até mesmo por uma pequena minoria em comparação com o povo todo. Por outro lado, ele não visava nenhum "golpe de Estado", como Luís Napoleão perpetrara em dezembro de 1851. Recusou-se firmemente a encarar qualquer tentativa de derrubar o governo de Kerenski, até se convencer de que uma verdadeira maioria dos trabalhadores manuais assalariados das fábricas de Leninegrado e Moscou tinha sido convencida para dar apoio ao crescente Partido Bolchevique. Na verdade, pode-se dizer que todas as três fases da revolução russa, sobretudo a de

outubro de 1917, gozaram de amplo apoio do povo, ao passo que a última se efetuou por uma vastíssima sublevação entre as populações urbanas, apoiadas pela massa da soldadesca em desintegração, e de boa vontade auxiliadas pela parte do campesinato que ia tendo conhecimento do que se processava. Podemos, portanto, descrever a revolução russa como bastante democrática, mais do que ditatorial. Entretanto, Lênin refletira longamente sobre o que Marx chegara a compreender depois de 1848: Era muito mais difícil manter um governo revolucionário do que colocá-lo no poder. Conquanto acreditasse firmemente no governo pelo povo, muito mais firme e sinceramente mesmo do que a maior parte dos democratas parlamentares da época, Lênin sabia que o entusiasmo revolucionário da massa do povo cessa rapidamente. Em breve, reafirma-se a força das velhas formas de pensar. Muito antes que o novo governo pudesse efetuar algum melhoramento das condições materiais, deveria haver inevitavelmente um refluxo da maré. Os reacionários de dentro e de fora da cidade influiriam prontamente junto à multidão e à "pequena burguesia", tímida por natureza, para varrer um governo que só havia trazido desilusões. Portanto, se se queria sustentar a revolução, era indispensável que não se recorresse imediatamente à eleição popular do poder executivo. Nessas condições, os membros da Assembleia Constituinte foram prontamente afastados de seus cargos e todas as tentativas para se manterem neles reprimidas pela força. Enquanto se formulava uma Constituição, é fora de dúvida que Lênin e seus companheiros governaram o Estado como uma junta autocrática, reprimindo implacavelmente toda oposição, sem cuidar de saber qual fosse o sentimento popular no momento. Os campo-

neses, aos quais era praticamente impossível consultar, foram induzidos a aderir por serem deixados em liberdade para prosseguir na tomada anárquica das propriedades dos latifundiários e na sua redistribuição entre todos os que pertencessem à aldeia. Para agradar à soldadesca e ao proletariado urbano, pôs-se termo à guerra o mais rapidamente possível, em quaisquer condições que foi possível obter do exército alemão, triunfante. Tudo, embora sob controle popular, foi sacrificado temporariamente para que se conservasse no governo um poder executivo bastante resoluto e forte para impedir uma reação popular. Foi isso o apogeu do que se havia previsto como "a ditadura do proletariado". Lênin foi absolutamente franco sobre o assunto. "A essência da ditadura", escrevera ele, "deve estar na organização e na disciplina da vanguarda dos trabalhadores, como exclusiva guiadora do proletariado. A finalidade da ditadura é estabelecer o socialismo, pôr termo à divisão da sociedade em classes, tornar trabalhadores todos os membros da sociedade, tornar impossível para sempre a exploração de um ser humano por outro. Essa meta não pode ser atingida de uma só vez. Terá que haver um período de transição, bastante longo, entre o capitalismo e o socialismo. A reorganização da produção é assunto difícil. O tempo é um requisito para a transformação radical de todos os departamentos da vida. Além disso, o poder dos costumes é imenso. O povo está habituado a uma economia pequeno-burguesa e burguesa e só por uma luta prolongada e árdua será induzido a modificar seus costumes. Foi por isso que Marx, do mesmo modo, falou de um período de transição entre o capitalismo e o socialismo, de uma época inteira de ditadura do proletariado" (2). E

esse controle autoritário do período de transição não seria, em sentido algum, somente em parte ou sem firmeza. E' bem claro o que Lênin queria dizer com a frase frequentemente citada. "A ditadura do proletariado", disse ele, "é uma luta decidida, persistente, sanguinária e incruenta, violenta e pacífica, militar e econômica, pedagógica e administrativa, contra as forças e tradições da velha sociedade. A força do habito de milhões e dezenas de milhões é um poder formidável (3). Essa autocrática atuação executiva do período de transição nada tem de comum, contudo, com a Constituição, que foi adotada pela URSS o mais cedo possível. Em geral, os estudiosos da História pensam nas instituições representativas, especialmente quando baseadas na eleição popular, como dispositivos que proporcionam um freio à atuação autocrática do executivo. Todo político, porém, sabe que não existe baluarte mais poderoso para um governo do que as instituições representativas que lhe proporcionam o apoio popular. Lênin e seus companheiros, embora dissolvessem sumariamente a Assembleia Constituinte, deram-se verdadeira pressa em promulgar uma Constituição, assim procedendo como meio de fortalecer a autoridade executiva central. Para o fim que visavam, não era necessário que a Constituição criasse uma ditadura. Realmente, ao ser promulgada pelo V Congresso Geral dos Soviets, em 10 de julho de 1918, dentro de nove meses após a tomada do poder, essa Lei Fundamental não continha vestígio de coisa alguma que se pudesse classificar como "ditadura". Ela confiava "todo o poder aos Soviets", escolhidos diretamente pelo povo. Cada Soviet escolhia livremente seus delegados aos Conselhos distritais e provinciais, e estes finalmente faziam o mesmo quanto a uma assembleia



nacional, que elegia não só o gabinete ministerial como também um Comité Central, permanente, e o *presidium* para controla-los. E conquanto fosse concedida às populações citadinas representação proporcionalmente maior (4) — mais ou menos dois para um —, era tão enorme a preponderância numérica da população rural (mais de quatro vezes a das cidades) que os delegados cujo mandato provinha dos Soviets de aldeia constituíam em todas as ocasiões a maioria do Congresso Geral dos Soviets. E' difícil afirmar que o sistema dos Soviets populares e da eleição indireta deliberadamente tenha sido escolhido por Lênin ou outro qualquer. Era esta a forma que inevitavelmente assumiam as instituições representativas em Petrogrado e em Moscou de 1917, ao passo que o campesinato desconhecia qualquer outra. Bem podemos acreditar, porém, que Lênin estava atento ao facto de o "sistema soviético" satisfazer as aspirações populares e proporcionar à Constituição uma inestimável base de eleição direta, com o direito de voto ao máximo numero até então conhecido, ao passo que esse mesmo sistema dava ao Executivo nacional a proteção necessária para não ser varrido por uma onda temporária do sentimento popular. O sistema soviético não deixava margem para *referendum*, e nem mesmo para eleição geral do Parlamento. Era o inverso do governo da multidão! O proprio desdobraimento dos comícios eleitorais em milhões, e a interpolação de camadas de Conselhos, umas sobre as outras, davam o mais completo ensejo à atuação persuasiva da associação de camaradas, sumamente disciplinada, em que se moldara o Partido Comunista. Podemos dizer que se depois de 1918 a "ditadura do proletariado" continuou a ser indispensável à manutenção do

governo revolucionario, como sem duvida se julgou ser o caso, ela se perpetuou, não quanto à estrutura representativa, que se poderia com algum fundamento alegar ser uma determinada especie de Constituição popular, na realidade tão verdadeiramente "democratica" quanto o governo parlamentar da Grã-Bretanha ou dos Estados Unidos; a perpetuação foi no emprego real que o executivo, ajudado pelo Partido Comunista, fez dos poderes que lhe foram confiados pela Constituição. Qualquer governo, sob qualquer forma de Constituição, pode utilizar os poderes que lhe são confiados de modo que se pode taxar de ditatorial. Segundo confessam, envergonhados, os democratas, é inegavel que os governos declaradamente mais democraticos, em paises que gozam das benções do governo parlamentar e do sufragio universal, se têm distinguido, em certas ocasiões, na paz ou na guerra, pelo emprego drastico da força e até da violencia física contra seus opositores, do mesmo modo que o mais ditatorial dos ditadores pessoais que a Historia regista. Assim, se tivéssemos que interpretar a "ditadura do proletariado" como vem sendo exercida na URSS desde 1918, poderíamos dizer que não é na estrutura constitucional, nem mesmo no funcionamento dos Soviets e no sistema representativo onipresente, que se encontra coisa alguma parecida com autocracia ou ditadura, mas nas atividades que a Constituição autoriza taxativamente o Executivo a exercer". (Webb — URSS, *Uma Nova Civilização*, pag. 583-9 — Edit. Calvino Ltda.)

(1) Veja-se, por exemplo, o que ele declarou em 1853: "O que acrescentei (à concepção da existencia da luta de classes) foi provar: 1) que a existencia de classes só está ligada

a certas lutas historicas no desenvolvimento da produção; 2) que a luta de classes necessariamente conduz à ditadura do proletariado; 3) que essa ditadura é, por si mesma, apenas uma transição para a abolição final de todas as classes e para uma sociedade sem classes" (Marx e Weydemeyer, 12 de março de 1852. Vide o artigo de Beer no *Labour Monthly*, de julho de 1922). Para interpretação, pôde ser valioso considerarmos o que, do ponto de vista de Marx, era o oposto da ditadura do proletariado. Enfaticamente, não era a democracia, em nenhuma de suas significações, porém a "ditadura da burguesia". Segundo pensava Marx, uma ou outra ditadura era inevitavel durante o periodo de transição, que se poderia prolongar por toda uma geração. Vide o valioso livro *Towards the Understanding of Karl Marx*, do professor Sidney Hook, 1933, pp. 250-269.

(2) Lênin, *Obras*. Edição russa, vol. XVI, pp. 226-27. Adotado por Stálin em seus *Sobre os Fundamentos do Leninismo*, edição russa, 1926. Tradução inglesa, 1928, vol. I, pagina 27.

(3) *Extremismo, Doença Infantil de Comunismo*, por V. I. Lênin (1920). Edição inglesa, 1934 (*The Infantile Disease of Leftism in Communism*), Marx havia predito claramente um prolongado periodo de transição. "Entre os sistemas sociais capitalista e comunista ha o periodo de transformação revolucionaria de um para o outro. Isso corresponde a um periodo de transição politica, no qual o Estado não pode ser outra coisa senão a ditadura revolucionaria do proletariado". (Do trabalho de Marx, *Análise Crítica do Programa de Gotha do Partido Social-Democratico Alemão*, traduzido em *Towards the Understanding of Karl Marx*, de Sidney Hook, 1933, p. 255).

(4) Em geral, exagera-se esta habitual super-representação numerica das cidades da URSS. A representação das cidades é de tantos por mil eleitores; a dos distritos rurais é de tantos por mil habitantes, dos quais somente cerca de metade tem acima de 18 anos e é qualificada para fins eleitorais.

KADETES — Nome usualmente dado aos membros do partido constitucional democrata russo, cujas iniciais são K. D. Partido liberal burguês cujo objetivo era o estabelecimento de uma monarquia constitucional. Esteve no poder em março de 1917, mas tornou-se cada vez mais contra-revolucionario à medida que se desenvolvia a revolução.

KÁMENIEV (Lev Borisovich-Rosenfeld) — (n. 1883). Detido em 1902, quando emigrou. Tomou parte no III e no IV Congressos do Partido, em 1905 e 1907, respectivamente; foi membro do quadro editorial do *Pravda*. Regressando à Rússia, foi detido em 1908 e emigrou novamente, mas voltou em 1914, sendo outra vez preso e exilado para a Siberia em 1914. Entre 1917 e 1935 exerceu sucessivamente varios cargos (delegado à conferencia da Paz de Brest-Litovsk, embaixador na Italia, presidente do Conselho do Trabalho e da Defesa, etc.), mas quase invariavelmente fomentava intrigas facciosas (frequentemente com Zinóviev, e por vezes com Trotski) contra a politica do Partido; repetidamente foi afastado de cargos ou exonerado de tarefas designadas; por tres vezes (1927, 1932 e 1935) formalmente expulso do Partido, mas readmitido por duas vezes mediante retratação abjeta e promessas de lealdade. Em 1935 foi detido, com Zinóviev, por suspeita de ligações com

o assassinio de Kírov. Nas investigações, a Suprema Córte o julgou culpado de conspirar, sentenciando-o à prisão por longo tempo. Foi novamente julgado e fuzilado.

**KERIÉNSKI** (Aleksandr Fiódorovitch) — Nasc. em 1880. Social-revolucionario. Membro da Quarta Duma. Ministro da Justiça do governo provisório, depois da revolução de fevereiro de 1917. Conseguiu fugir durante o ataque feito ao Palácio de Inverno pelos operários de Petrogrado, em 7 de novembro de 1917. No estrangeiro, tornou-se um dos mais persistentes propagandistas e organizadores da intervenção militar contra a URSS.

**KÍROV** (S. N.) — (1881-1934). Membro do Partido desde 1904. Trabalhou ilegalmente em Tomsk, Irkutsk e Vladivostock; foi comandante durante a Guerra Civil; a partir de 1922 foi membro do Comité Central do Partido; em 1923 passou a secretario do Comité do Partido em Azerbaidjan; de 1926 em diante, foi secretario do Comité do Partido em Leningrado; de 1928 em diante, membro do *Politbureau*; assassinado em dezembro de 1934.

**KOLTCHAK** (Aleksandr Vassilievitch) — (1873-1921). Almirante da Marinha do Tsar; durante a Guerra Civil tornou-se ditador da Siberia; depois da derrota de seu exercito, foi detido por tropas tchecoslovacas e entregue ao Exército Soviético, sendo fuzilado por ordem do comité revolucionario de Irkutsk, em janeiro de 1921.

**LÉNIN** — (Vladímír Ilítich Uliánov) — (1870-1924). Fundador do Partido Bolchevique e do Estado Soviético, nasceu a 22 de abril de

1870, na cidade de Simbirsk (agora Uliánovsk). Seu pai era diretor de escolas elementares. Depois de graduar-se no curso secundario, em 1887, com Medalha de Ouro, Lénin ingressou na Universidade de Kazan. Bem cedo foi preso e expulso da Universidade por ter tomado parte em disturbios estudantis, e exilado para uma aldeia. Apesar de todos os obstaculos interpostos no seu caminho pelo governo tsarista, Lénin completou os estudos como estudante externo e foi brilhantemente aprovado nos exames finais do curso de Direito. Em 1893, Lénin foi para São Petersburgo, onde dirigiu as atividades políticas subterraneas dos circulos operários e se tornou o lider reconhecido dos marxistas de São Petersburgo. Em 1895, congregou todos os circulos marxistas de São Petersburgo até então separados numa unica *Liga de Luta pela Emancipação da Classe Operaria*, que constituiu o embrião do futuro Partido Bolchevique da Russia. Lénin deu à classe operaria russa uma explicação científica de seu papel historico, de suas aspirações e dos meios de atingi-las. Em fins de 1895, Lénin foi preso. Perdeu 14 meses no carcere, mas mesmo na prisão não cessou suas atividades; continuou a dirigir o movimento da classe operaria e delineou um programa para o partido dos operários da Russia. Em 1897, foi exilado por três anos para a Siberia Oriental. Expirado esse prazo, em 1900, Lénin foi para o estrangeiro, onde fundou e dirigiu o primeiro jornal operario marxista, *Iskra* (A Centelha). Reuniu em torno da *Iskra* a maioria das organizações sociais-democratas da Russia e preparou o campo para a consolidação ideologica e organica do Partido, que foi realizada sob sua liderança no II Congresso do Partido Operario Social-Democrata Russo, em 1903. A ten-

tativa para fundar esse partido no I Congresso do POSDR, realizado em 1908, não obtivera exito. Em novembro de 1905, Lénin voltou à Russia para dirigir pessoalmente a primeira Revolução Russa. Por esse tempo, Stálin, que ouvia falar em Lénin desde a decada 1890-1900, dirigia a luta revolucionaria dos trabalhadores da Transcaucasia. Foi no mês subseqüente, por ocasião da Conferencia Bolchevique realizada em Tammersfors, que Lénin e Stálin se encontraram pela primeira vez. Esse encontro marcou o inicio de uma permanente colaboração ideologica e pratica entre os dois grandes revolucionarios e dirigentes da classe operaria da Russia: Lénin e Stálin. Em 1907, mais uma vez Lénin viu-se compelido a deixar a Russia, em demanda da Europa Ocidental. Em seus escritos científicos e políticos, Lénin recapitulou a experiencia do movimento revolucionario e desenvolveu a teoria, a tática e a estratégia da Revolução Proletaria. Durante o periodo de reação, continuou a luta no sentido de fortalecer o Partido Bolchevique. Dirigiu em grande parte o trabalho organico do Partido, bem como o órgão central do Partido, *O Proletario*, e escreveu livros e artigos. Em 1909, Lénin publicou seu brilhante trabalho: *Materialismo e Empiro-Criticismo*, dirigido contra a filosofia reacionaria de Mach, Avenarius, Bogdanov e outros. Sob a direção de Lénin, Stálin fundou, em 1912, o jornal bolchevique de massas da Russia: *Práuda* (A Verdade). Durante os anos do novo surto revolucionario (1912-24), o Partido Bolchevique, sob a liderança de Lénin e Stálin, dirigiu o povo para a nova Revolução. Lénin foi novamente para a Russia em abril de 1917, após a derrocada do tsarismo. Daí para diante, Lénin e Stálin pre-

pararam e dirigiram os operários e camponeses da Russia no sentido de derribar o Governo Provisorio, governo que era hostil ao povo. Outubro de 1917 assistiu à culminação da maior Revolução liderada por Lénin e Stálin: o poder passou para os Soviets, e uma nova ordem, a ordem dos operários e camponeses, foi estabelecida. E desse modo, Lénin e Stálin salvaram a Russia e seus povos da catastrophe politica e economica preparada pela politica ruinosa do tsarismo e de seus defensores. Lénin foi eleito Presidente do primeiro Governo Soviético, o Conselho dos Comissarios do Povo. Desde o primeiro dia da Revolução Socialista, Lénin colocou na primeira linha a tarefa de reorganização economica e cultural do país e de robustecimento de suas defesas. Lénin, com a íntima colaboração de Stálin, criou o Exército Vermelho e garantiu assim a derrota dos alemães em Narva e a subseqüente victoria sobre todos os inimigos do Poder Soviético durante os anos da Guerra Civil. Lénin e Stálin prepararam o povo para grandes feitos, para o trabalho desinteressado e para a observancia de uma disciplina de ferro, tanto na retaguarda como nas linhas de frente. O povo seguiu Lénin e Stálin e isso salvou o jovem Estado Soviético da ruina e criou as condições para um rapido florescimento material e espirital dos povos da Russia. Sob a direção de Lénin e Stálin, os numerosos povos da Russia uniram-se numa unica e íntima família: a grande União das Republicas Socialistas Sovieticas. Lénin abriu para o povo soviético o caminho da reconstrução da Russia. Demonstrou que, sem a criação de poderosa industria, seria impossivel fortalecer a união dos operários e camponeses — a mais importante base politica do Estado Soviético — impossivel supe-



rar o cronico atraso da Russia, acabar com a miseria e a fome das aldeias e vilas, reorganizar as pequenas e disseminadas fazendas de camponeses numa economia ampla, coletiva e mecanizada e atingir uma forma de vida prospera e culta. Lénin dedicou atençao constante à instrucao popular, ao desenvolvimento da ciencia e da cultura, ao estimulo dos velhos ao treinamento de novos quadros cientificos. Durante os mais dificeis anos da fome, do bloqueio da intervencao, Lénin interessou-se profundamente pelo bem-estar dos cientistas, escritores, professores e artistas e criou as bases do progresso das artes e da ciencia na União Sovietica. Com sua posicao à frente da ciencia, Lénin indicou para a humanidade o caminho de um brilhante futuro. Pôs em pratica os grandes ensinamentos de Marx sobre o socialismo e desenvolveu o marxismo até um ponto não esperado, elevando-o a um nivel novo e mais alto. Não ha um unico campo da ciencia social que não tenha sido enriquecido pelas grandiosas ideias de Lénin. Seus trabalhos economicos, filosoficos e historicos constituem um grande tesouro de ensinamentos. O nome de Lénin ganhou o amor profundo e sincero e o reconhecimento e admiracao universais de todos os pensadores honestos do mundo. A 21 de janeiro de 1924, às 18,50 horas, morreu Lénin, depois de longa e penosa enfermidade. Nos dias de luto por Lénin, Stálin fez um voto solene no sentido de preservar e executar a obra de Lénin. E a obra de Lénin foi executada. A causa imortal de Lénin está agora nas mãos de seu brilhante amigo e continuador, está nas mãos de Stálin.

MARX (Karl) — (1818-1883). Era filho de um advogado. Nasceu em 1818, no dia 5 de maio, em Treves, Alemanha. Estudou na Uni-

versidade de Berlim e, em 1841, depois de submeter-se a exame de tese, recebeu o titulo de Doutor em Filosofia. Já nesse periodo, Marx era brilhante, em virtude de seus profundos e flexiveis conhecimentos e de sua extraordinaria capacidade. A seguir, dedicou a vida inteira à solucao dos problemas fundamentais da ciencia social, que aplicou em prol da causa da emancipacao da humanidade de toda opressao politica e social. Em 1842, Marx colaborou na *Rheinische Zeitung*, o jornal mais democratico e progressista da Alemanha daquela epoca; pouco depois veio a ser seu diretor-presidente. Devido à sua critica implacavel do prussianismo reacionario, o jornal sofreu constante perseguiçao e, finalmente, foi suprimido pelo governo. Depois disso, em 1843, Marx foi para Paris, onde entrou em intimo contacto com Friedrich Engels, com quem estabeleceu solida e permanente amizade e colaboracao. Por pressao do governo reacionario da Prussia, Marx foi deportado de Paris e passou a viver em Bruxelas, em 1845. Na Belgica, estabeleceu contacto intimo com os movimentos democratico e socialista de todos os paises progressistas da Europa. Em 1847, foi um dos organizadores da sociedade ilegal conhecida pelo nome de Liga Comunista. Por ocasio de seu II Congresso, a Liga Comunista encarregou Marx, juntamente com Engels, de elaborar um programa; o resultado foi o famoso *Manifesto do Partido Comunista*, que foi publicado em 1848, pouco antes da revolucao na Alemanha. Tão depressa rebentou a revolucao na Alemanha, Marx rumou para Colonia, onde deu à luz a *Neue Rheinische Zeitung*, orgao militante da democracia revolucionaria. Sua intensa atividade bem cedo foi estagnada pelas medidas de repressao do

governo prussiano, que o desterrou da Alemanha. Marx voltou para Paris, mas breve foi de lá novamente deportado. Emigrou então para Londres, onde viveu e atuou até o fim de sua vida. Em 1864, Marx fundou em Londres a Associação Internacional dos Operarios, conhecida como Primeira Internacional. Na qualidade de lider dessa Primeira Internacional, proporcionou valioso auxilio ao movimento operario dos paises europeus. Prestou tambem grandes servicos aos dirigentes da Comuna de Paris, em 1871, através de seus conselhos e advertencias contra os erros e da mobilizacao da opiniao publica em favor da Comuna. O nome de Marx está ligado ao amplo desenvolvimento do movimento operario socialista e à formacao de partidos operarios em todos os paises do mundo. Representantes progressistas da classe operaria e dos trabalhadores em geral adotaram, em todos os paises, "de São Petersburgo à California", como disse Engels, os ensinamentos de Marx: *O Manifesto Comunista* foi traduzido para o inglês, o francês, o russo, o polaco e muitas outras linguas. "A doutrina de Marx", escreveu Lénin, "é onipotente porque é verdadeira". É o repositorio direito e a brilhante aplicacao das mais puras criacoes do espirito humano: as teorias dos grandes representantes da filosofia classica alemã, da economia politica classica inglesa e do socialismo francês. Aproveitando como base a heranca do passado, Marx desvendou as leis que presidem ao desenvolvimento da sociedade e pôs nas mãos da classe operaria e de toda a humanidade progressista uma arma fiel para a luta pela transformacao racional da sociedade. Criou a teoria do comunismo científico, esclarecida mais profunda e perfeitamente no trabalho que absorveu toda a sua vida:

*O Capital*. Alem do *Manifesto Comunista* e do *O Capital*, Marx escreveu muitos outros trabalhos de excepcional valor científico, tais como *A ideologia alemã* (em colaboracao com Engels), *A miseria da filosofia* (resposta à *Filosofia da miseria*, de Pouthon), *A guerra civil na França, Critica do Programa de Gotha*, etc. Marx foi a alma e o cerebro de todo o movimento progressista de sua epoca, e sua poderosa inteligencia iluminou o caminho, futuro dos homens, a estrada para um novo sistema social. Insigne "cidadão do mundo", Marx foi o campeão da liberdade, o inspirador da luta pela democracia em todo o mundo. Em carta que escreveu a Abraham Lincoln, Presidente dos Estados Unidos, Marx aplaudiu calorosamente a corajosa luta que sustentava contra o Sul escravagista. Apoiou ardentemente os dirigentes dos movimentos democraticos da França, Italia, Russia, Espanha e Polonia contra a opressao estrangeira e o despotismo e a tirania domesticos. Atacou violentamente as fortalezas da reacao na Europa, livrando implacavel luta contra a reacao na Alemanha e chiboteando impiedosamente o prussianismo, que convertera o povo alemão, nas palavras de Marx, em "um assassino policial e subornado". Denunciou a politica despotica e reacionaria do tsar russo, de Napoleão III e de outros tiranos. Na luta firme e resoluta que manteve contra os inimigos da liberdade refletia-se seu grande amor pela humanidade. As teorias de Marx triunfaram na Russia. Neste pais, encontraram applicacao pratica. O povo sovietico, guiado por Lénin e Stálin, depois de esmagar o regime tsarista e seus esbirros, pôs mãos à obra de reorganizar a sociedade na base dos principios formulados por Marx. Nisso obteve o povo sovietico grandes vitorias e

já colhe os frutos de seu livre trabalho socialista. E aí está a fonte do heroísmo sem precedentes com o qual defende nos dias que correm o seu país e o seu sistema político. Tem e reverência Marx e Engels como seus mestres, e Lênin e Stálin como os continuadores imediatos da grande causa de emancipação da humanidade da escravidão e da exploração. Karl Marx morreu em Londres, no dia 14 de março de 1883, mas a causa à qual dedicou toda a sua vida é imortal. As ideias de Marx, enriquecidas por Lênin e Stálin, são o estandarte de luta e a aguçada arma da guerra santa que as nações movem contra a barbarie e o obscurantismo fascista.

**MENCHEVIQUES** — Em russo significa minoritários (minoria). Foram assim chamados os membros do II Congresso do Partido Operário-Social-Democrata da Rússia, que ficaram em minoria, em oposição à maioria (bolcheviques), que votaram com Lênin nas eleições dos organismos centrais do Partido. Posteriormente, por extensão, diz-se que são mencheviques os que se limitam a conhecer o marxismo superficialmente e a proclama-lo solenemente. "Não sabendo ou não querendo penetrar na essência do marxismo; não sabendo ou não querendo encarna-lo em factos, transformam as teses vivas e revolucionárias do marxismo em formas mortas e ocas. Baseiam suas atividades não na experiência, não nos ensinamentos de trabalho pratico, porém em citações de Marx. As indicações e diretrizes eles as deduzem não da análise da realidade viva, e sim de analogias e paralelos históricos. Divergência entre as palavras e os atos: tal é a enfermidade de que padecem os mencheviques. Daí as decepções e o eterno descontentamento com o destino, que a todo momento lhes prega

boas partidas, deixando-os decepcionados. Chamam-se mencheviques na URSS e oportunistas na Europa. No Congresso de Londres, o camarada Tyczko definiu-os mui acertadamente, dizendo que se não mantinham no tablado do marxismo, porém que "jaziam" sobre ele". (*Lênin, Organizador e Chefe do PC (b) da URSS* — por Stálin).

**MILIUKÓV (Paul)** — (n. 1859). Foi professor de Historia, em Moscou, em 1895, e em Sofia de 1897 a 1898; membro preeminente do partido "Kadete" (KDT) na Duma, de 1907 a 1913; Ministro do Exterior de fevereiro a maio de 1917; emigrou para Londres, em 1917, e Paris, em 1921, editando aí *Les Dernieres Nouvelles*.

**PARTIDO CONSTITUCIONAL DEMOCRATA (Kadetes)** — Partido contra-revolucionario da burguesia liberal, criado em 1905. Lênin caracterizou do seguinte modo a sua politica e sua essencia de classe: "Os kadetes (ou "partido da liberdade popular") representam o principal partido da burguesia monarchico-liberal. Os burgueses liberais vacilam entre o povo e o governo dos pogroms. Pela palavra, estão contra o governo; na pratica, o que mais temem é a luta do povo; na pratica, anseiam por um compromisso com a monarchia, isto é, com os autores dos pogroms, contra o povo". (Vide Lênin, *Obras Completas*, t. X, pag. 154, ed. russa).

**PARVUS (pseudonimo de A. L. Helphand)** — (1869-1924). Emigrado russo que, nos ultimos anos do seculo passado e nos primeiros do seculo XX, trabalhou na social-democracia alemã (onde fez parte da ala esquerda), e que, junto com Rosa

Luxemburgo, desenvolveu, em geral, energica campanha contra Bernstein e as correntes oportunistas do Partido. "Mais uma vez se confirmou a certa observação de Parvus, de que é difficil apanhar-se um oportunista com uma simples formula, porque este assinará facilmente toda formula, e, com a mesma facilidade, a renegará, de vez que o oportunismo consiste precisamente na falta de principios mais ou menos definidos e firmes. Hoáe, os oportunistas repelem toda tentativa de introduzir o oportunismo, repelem toda restrição, prometem solenemente "não esquecer um instante a derrubada da aristocracia", fazer "agitação não só no terreno da luta cotidiana do trabalho assalariado contra o capital", etc., etc. E amanhã mudarão de tom e trilharão o velho caminho, sob o pretexto de defesa da espontaneidade, de progressão da luta cotidiana e cinzenta e de exaltar as reivindicações que prometem resultados tangiveis", etc. (Lênin — *Que Fazer?*, pag. 247 — Edit. Calvino Ltda.). Escreveu uma serie de trabalhos marxistas importantes sobre as questões da economia mundial, da crise agraria, etc. Colaborou na *Iskra* e na *Zariá* (com o pseudonimo de Mólotov). Depois da cisão, sustentou os mencheviques, posto que não estivesse de acordo com eles em uma serie de questões taticas. Erigiu para a revolução russa a teoria da "revolução permanente". Em 1905 voltou à Rússia e tomou parte na primeira revolução russa. Fez parte da redação do *Natchalo* menchevique. Foi exilado para a Siberia e fugiu para a Alemanha. Ao tempo da guerra, foi social-chovinista extremado e agente direto do imperialismo alemão. **POKRÓVSKI (Mirraíl Nikolaévitch)** — (1868-1932). Principal historiadador marxista. Iniciou o trabalho em 1892. Tornou-se marxista antes de

1900; ingressou no Partido em 1905; membro do Comité de Moscou de 1906 a 1907; delegado ao V Congresso (de Londres) em 1907, quando foi eleito para o Comité Central do Partido. De 1909 a 1911 reuniu-se ao Grupo Vperiod, em Paris, escrevendo a *Historia da Rússia*, em 5 volumes. Voltou à Rússia em 1917, sendo eleito presidente do Soviet de Moscou. De 1918 a 1932 foi assistente do Comissariado da Educação da RSFSR.

O 2.º Número de

## L I T E R A T U R A

publica colaboração de

Nelson Werneck Sodré  
Annibal M. Machado  
Origenes Lessa  
Florianô Gonçalves  
Carlos Drummond de Andrade  
Guilherme Figueiredo  
Paul Langevin  
Alvaro Moreyra  
Lúcia Miguel Pereira  
Raymundo Araujo  
Bernardo Gersen  
Apporelly  
Valdemar Cavalcanti

Nas livrarias e bancas de jornais

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Alcindo Guanabara, 17  
(Edifício Regina), 7.º andar,  
sala 702.

RIO DE JANEIRO



# Responda, si Puder...

A fim de exercitar a memória dos nossos leitores e permitir-lhes a verificação, por eles próprios, do seu grau de adiantamento em relação às teorias marxistas, em cada número desta revista publicaremos 10 perguntas relacionadas com o assunto, as quais, além de respondidas individualmente, deverão ser feitas, também, aos amigos mais próximos, no intuito de se ampliar, tanto quanto possível, o interesse pelos estudos sociais. As perguntas feitas num número serão sempre respondidas no número que se indicar de **DIVULGAÇÃO MARXISTA**, de modo a que os interessados possam controlar realmente seus conhecimentos. Incluiremos nessas relações, com o maior prazer, quaisquer perguntas que nos queiram fazer os leitores, dando-lhes as respostas na forma do costume, sem citar nomes. Redija, portanto, suas perguntas e aguarde, confiante, nossa resposta, num dos próximos números desta revista.

## PERGUNTAS

1. E' vantajoso para os assalariados participarem nos lucros das empresas?
2. Que significa Volta Redonda para o Brasil?
3. Vale a pena estudar o marxismo?
4. Quais são as escolas econômicas burguesas?
5. Que relação há entre a Biologia e o Marxismo?
6. Que significa canonização ortodoxa?
7. Existe o direito de propriedade na União Soviética?
8. Como julgava Marx a bondade cristã?
9. Qual a interpretação marxista da comuna parisiense de 1871?
10. A Enciclopédia Britânica contém omissões?

## RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS DO N. 9, DE 1-11-946

1. A moral judaica é superior à moral cristã? — Vide pág. 85;
2. A URSS é imperialista? — Vide pág. 1;
3. Que é democracia? — Vide pág. 53;
4. Os comunistas defendem os métodos violentos? — Vide pág. 43;
5. Qual a concepção de Stálin sobre o problema nacional? — Vide pág. 91;
6. Qual o método soviético da industrialização? — Será respondida no n. 12;
7. Qual a importância da Economia Política marxista? — Vide pág. 37;
8. Têm caráter de classe as escolas econômicas? — Vide pág. 37.
9. Indique as diferenças entre os socialismos pequeno-burguês e proletário — Vide pág. 61;
10. A pena de morte é anti-cristã? — Vide pág. 1, do n. 10, desta revista.

## ÚLTIMAS EDIÇÕES

**HISTÓRIA DO SOCIALISMO E DAS LUTAS SOCIAIS**, por Max Beer. 2 vols. Preço de cada volume Cr\$25,00

**PRINCÍPIOS DE ECONOMIA POLÍTICA**, por Lapidus e Ostrovitianov, 2 vols. Preço de cada vol. Cr\$25,00

**LENINE, SUA VIDA E SUA OBRA**, por D. S. Mirski ... Cr\$25,00

**CARLOS MARX, SUA VIDA E SUA OBRA**, por Max Beer (Com um resumo d'O CAPITAL) ... Cr\$25,00

**A QUESTÃO SOCIAL E OS CRISTAOS SOCIAIS**, por Lisandro de la Torre ... Cr\$25,00

**TRES PRINCÍPIOS DO POVO**, por Sun Yat Sen ... Cr\$25,00

**A ORIGEM DA FAMÍLIA, DA PROPRIEDADE PRIVADA E DO ESTADO**, por F. Engels (Como Apêndice, "O Código Soviético da Família") ... Cr\$25,00

**ANTI-DUHRING**, por Frederico Engels ... Cr\$30,00

**CAUSAS ECONÔMICAS DA REVOLUÇÃO RUSSA**, por M. N. Pokrovski (Como Apêndice, "Preço, Salário e Lucro", por Marx) ... Cr\$25,00

**URSS, UMA NOVA CIVILIZAÇÃO**, por Sidney e Beatrice Webb, 5 vols. Preço de cada volume ... Cr\$25,00

**A MEDICINA NA RUSSIA SOVIÉTICA**, pelo Dr. Lelio Zeno ... Cr\$25,00

**O GÊNIO DA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA**, pelo Instituto M. E. L., de Moscou ... Cr\$25,00

**DEMOCRACIA DE HOJE E DE AMANHÃ**, por Edvard Benes ... Cr\$25,00

**TRECHOS ESCOLHIDOS DE MARX, ENGELS, LENINE E STALIN SOBRE LITERATURA E ARTE**, por Jean Freville ... Cr\$25,00

**TRECHOS ESCOLHIDOS DE MARX SOBRE FILOSOFIA**, seleção de J. Duret ... Cr\$25,00

**TRECHOS ESCOLHIDOS DE MARX SOBRE ECONOMIA POLÍTICA**, seleção de P. Y. Nizan ... Cr\$25,00

**O PODER SOVIÉTICO**, pelo Deão de Canterbury ... Cr\$25,00

**PRESTES E A REVOLUÇÃO SOCIAL**, de Abguar Bastos ... Cr\$ 35,00

**O CRISTIANISMO E A NOVA ORDEM SOCIAL NA RÚSSIA**, pelo Deão de Canterbury ... Cr\$25,00

**MISSÃO EM MOSCOU**, por Joseph E. Davies ... Cr\$25,00

**MISSÃO EM TÓQUIO**, por Joseph C. Grew ... Cr\$30,00

**DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO**, por John Reed ... Cr\$25,00

**SANTA RÚSSIA**, por Maurício Hindus ... Cr\$30,00

**O SEGREDO DA RESISTÊNCIA RUSSA**, por Maurício Hindus ... Cr\$25,00

**A RUSSIA ESMAGARA O JAPÃO**, por Maurício Hindus ... Cr\$25,00

**A RUSSIA NA PAZ E NA GUERRA**, de Anna Louise Strong ... Cr\$25,00

**A CHINA LUTA PELA LIBERDADE**, de Anna Louise Strong ... Cr\$25,00

**RIO SELVAGEM** (Romance da construção socialista), de Anna Louise Strong ... Cr\$25,00

**ENTRE DOIS MUNDOS**, memórias de Anna Louise Strong ... Cr\$30,00

**ASIA SOVIÉTICA**, por Davies & Stelger ... Cr\$25,00

**A VERDADE SOBRE A RELIGIÃO NA RÚSSIA**, pelo Patriarca Sergio e outros ... Cr\$25,00

**STALIN**, por Emil Ludwig ... Cr\$25,00

**PROTEÇÃO À MATERNIDADE E A INFÂNCIA NA UNIÃO SOVIÉTICA**, pela Dra. Ester Conus ... Cr\$25,00

**A QUESTÃO AGRÁRIA**, por V. I. Lenin ... Cr\$25,00

**INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO MARXISMO**, por F. Engels, A. Taiheimer, H. Harari e L. Ségal ... Cr\$30,00

**MARX, ENGELS E MARXISMO**, por Lenin, Marx e Engels, 2 vols. Preço de cada volume ... Cr\$25,00

**NOÇÕES FUNDAMENTAIS DE ECONOMIA POLÍTICA**, de Luis Ségal, 2 vols. Cada volume ... Cr\$25,00

**A DEFESA ACUSA...** — de Marcel Willard ... Cr\$25,00

**MATERIALISMO E EMPIROCRITICISMO**, de V. I. Lenin, 2 vols. Preço de cada volume ... Cr\$35,00

Editorial **CALVINO** Limitada

Av. 28 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro

## A DEFESA ACUSA...

Muita gente houve que se acovardou ante o recrudescimento do fascismo no mundo. Os comunistas, porém, o enfrentaram com tal coragem, determinação e inteligência que o venceram.

Em A DEFESA ACUSA..., de Marcel Willard, encontram-se as mais belas, emocionantes e vívidas páginas, descrevendo o heroísmo consciente dos comunistas arrastados às barras dos tribunais fascistas e burgueses, com o corpo alquebrado pelos suplícios infames e sádicos de seus algozes, mas com o espírito forte, invencível, iluminado pela chama imperecível da mais empolgante convicção política, da justiça da causa defendida. Os mais célebres processos contra os comunistas e a forma extraordinariamente heróica por que se comportaram em face de juizes parciais e indignos, encontram-se em A DEFESA ACUSA..., como exemplo a orientar quantos participam do movimento proletário de libertação.

A DEFESA ACUSA... é um livro épico, que nenhum comunista pode desconhecer sem prejudicar sua formação moral e sua firmeza de convicções.

Nas Livrarias ou pelo Reembolso Postal Cr\$ 25,00

### EDIÇÕES POPULARES JÁ PUBLICADAS

<i>Educando para a morte</i> , de Gregor Ziemer .....	Cr\$ 10,00
<i>O Poder Soviético</i> , do Deão de Canterbury (320 páginas) ..	Cr\$ 10,00
<i>Dez dias que abalaram o mundo</i> , de John Reed .....	Cr\$ 10,00
<i>A Rússia na paz e na guerra</i> , de Anna Louise Strong ....	Cr\$ 10,00
<i>Fundamentos do Leninismo</i> , de J. Stálin. No mesmo volume <i>Problemas do Leninismo e Materialismo Dialético e Materialismo Histórico</i> , do mesmo autor (320 páginas) ..	Cr\$ 10,00
<i>O Abecedário da Nova Rússia</i> , de Iline (238 páginas) ....	Cr\$ 10,00
<i>Manifesto Comunista</i> , de Marx-Engels. Com uma <i>Introdução Histórica</i> de Riazanov e vários apêndices que ajudam a interpretar esse famoso documento (304 páginas)	Cr\$ 10,00
<i>Pequena História da Revolução Bolchevique</i> , do Prof. Leonidas de Rezende .....	Cr\$ 10,00
<i>O Cristianismo e a nova ordem social na Rússia</i> , pelo Deão de Canterbury. Como apêndice, um resumo da História do Partido Comunista (b) da URSS, feito por uma comissão do CC do PC da URSS, obra que todo militante deve ler (288 páginas) .....	Cr\$ 10,00
<i>Duas Táticas</i> , de V. I. Lênin. Como Introdução e Apêndice, diversos documentos que possibilitam melhor interpretação deste trabalho (272 páginas) .....	Cr\$ 10,00
<i>Que fazer?</i> , de V. I. Lênin. No fim de cada capítulo, notas que esclarecem o texto da obra (272 páginas) .....	Cr\$ 10,00
STÁLIN, biografia escrita pelo Instituto MEL, de Moscou. Como Apêndice, uma grande entrevista de Stálin sobre assuntos de palpitante atualidade .....	Cr\$ 10,00

### A ALMA DA QUINTA COLUNA É O INTEGRALISMO

Editorial C A L V I N O Limitada — Av. 28 de Setembro, 174

Rio de Janeiro